

MILITIA

ANO X — N.º C4

JULHO / AGOSTO - 1956



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	90
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Indisciplinados Hoje, Delinqüentes Amanhã — Dr. Isaac Mielnick	6
Passado Glorioso da Fôrça Pública — Cel. Antônio Pietscher	9
Emprêgo de Cães Pastores — Cap. Cálío de Campos Montes	12
A Mo[r]te Estaca No Sétimo Quilômetro (ANSA)	16
Me-temp-si-co-se — Major Olímpio de Oliveira Pimentel	22
Antônio João de Aquidauana	26
Dois Comandantes	29
O Serviço de Subsistência — Tenente Sérgio Vilela Monteiro	30
É Assim Que Eu Te Amo... — Conceição B. Ribeiro	32
Promessa — Antônio Rubião da Silva Jr.	35
As Cataratas da Foz do Iguassu — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira ..	36
Exame Divertido — Tenente Rossi	40
Alferes em Comissão	41
Secção Feminina — Rita de Cássia	42
Este Galo É Meu — Cap. Plínio D. Monteiro	50
NOTICIARIO	
31.º Aniversário de Fundação da Cruz Azul	52
A Fôrça Pública Reverenciu a Memória dos Heróis da Revolução Cons- titucionalista	72
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Bahia	76
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros)	78
Mato Grosso	79
Pará	80
Pernambuco	81
Santa Catarina	82
RECREAÇÃO	
Secção de Edipo	83

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

«MILITIA», na atual conjuntura, deve uma explicação a quantos se vêm dedicando ao palpitante problema da reforma da Polícia de São Paulo.

Esse pronunciamento se impõe para situar-se, definitivamente, a posição da Força Pública face à controvertida matéria.

Sentimo-nos autorizados a fazê-lo, não só como órgão do Clube dos Oficiais da Corporação, representativo, portanto, do pensamento de sua officialidade, como, também, porque nosso ponto de vista se identifica, plenamente, com o do Comando Geral da Milícia.

Reiteradamente tem sido assegurado — e o fazemos, ainda, agora — não ser intenção da Força Pública, ou de seus componentes, alimentar polémicas que encerrem objetivos menos nobres. A luta que há anos nos empolga não comporta subterfúgios ou insinuações maliciosas. Tem o exclusivo sentido de reforçar os alicerces em que repousa a estrutura da Corporação — hierarquia e disciplina — e torná-la um organismo inteiramente integrado e atuante na função policial, a serviço da Pátria, dos Poderes Constituídos e da laboriosa gente paulista.

Em busca dêsse objetivo, pleiteiam os seus componentes posição e funções definidas dentro do organismo policial do Estado, compatíveis, é claro, com sua formação, capacidade, postos e graduações. Só depois disso, como é natural e lógico, poder-se-á fixar o plano de reforma interna, ajustando-se a organização às novas necessidades. Esse o real sentido da luta, pacífica, em que se empenha a Força Pública.

Não se vislumbrou, em nenhum momento da campanha, qualquer indício que sugira outro intento da Milícia, senão o de melhor cumprir sua missão de mantenedora da ordem e da segurança pública.

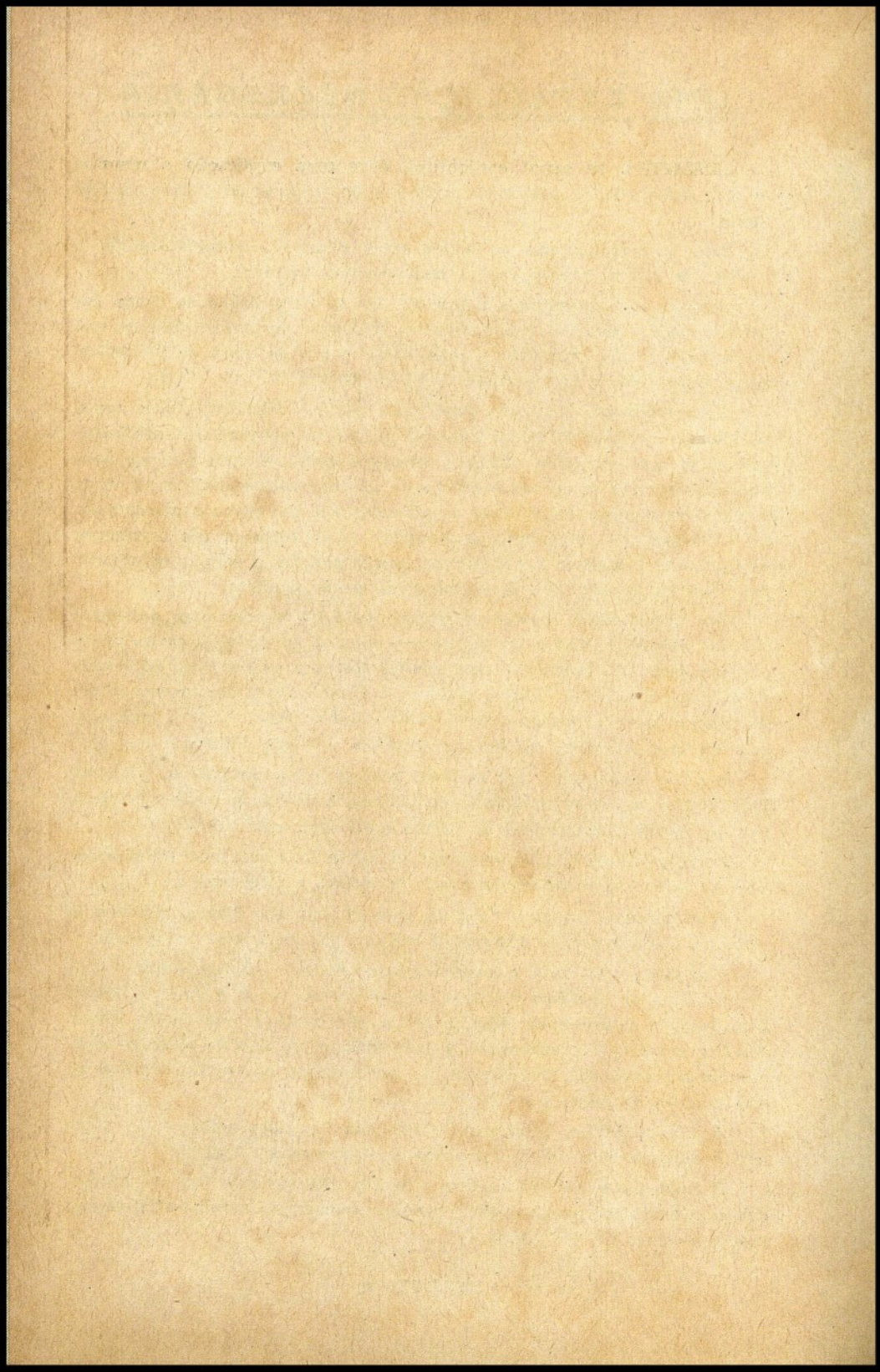
Despropositada é, pois, qualquer tentativa de insinuar-se outro objetivo no sadio empreendimento a que se lançou a Corporação.

Seus pronunciamentos e os de seus oficiais são claros, precisos e sinceros, não oferecendo margem a dúvidas quanto a seus propósitos.

É possível que, dada a importância do assunto, parlamentares e representantes de partidos políticos se pronunciem sobre a questão, como vem fazendo a imprensa. Isso, todavia, não afeta a posição da Força Pública em face do problema. A coincidência ou não de opiniões será meramente ocasional. Inferências de interessados, em sentido contrário, não passam de manobras diversivas ou má fé.

A Força Pública, inteiramente afastada das lides políticas, só exercita o cumprimento de suas missões constitucionais e legais.

E tudo o que pleiteia só tem o sentido de cooperar com as autoridades constituídas para melhor fazê-lo, procurando servir satisfatoriamente ao povo de São Paulo.



Aperfeiçoando

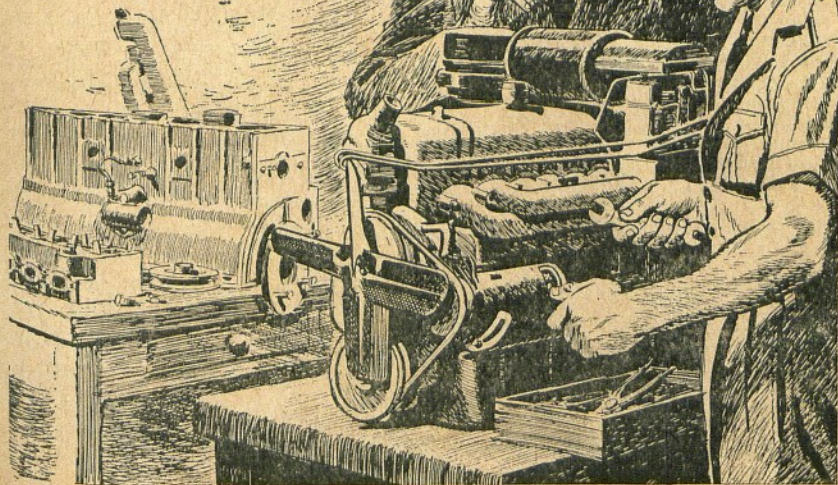
mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas forças armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e este é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

SÃO CAETANO DO SUL - SÃO PAULO



Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Ágália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiá	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lengóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olímpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuí	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderço telegráfico: BANESPA

Desagradavelmente se vem processando celeuma em tôrno da tão necessária reforma da nossa organização policial. Não nos causaria espécie a gríta se, em verdade, a discórdia se limitasse a pontos de vista de sentido construtivo, voltados efetivamente aos interesses mais sentidos da sociedade e do Estado. Antes, os nossos aplausos não faltariam, e a nossa admiração maior alcançaria os arautos de tantas reivindicações, de tantos estudos, de tantas soluções frustradas para o problema sério.

É com pesar, entretanto, que assistimos a uma luta de bastidores, fria, calculada, desarrazoada, de cujas pobres causas bem sabemos os efeitos: negativos, profundamente contrários a tudo quanto de bom se deseja para a causa. Contrista, por certo, o presenciar de tão nefasto clima de incompreensões que só destróem, de desavenças sem conteúdo ético, de malbarato ae energias intelectivas que, é certo, tão bons frutos produziriam se dirigidas a objetivos mais aceitáveis.

A Fôrça Pública, mercê da consciência que tem das suas responsabilidades face à conjuntura, mantém-se fiel aos propósitos que, por procedentes, elevados, dignos do maior acatamento, lhe vêm animando a caminhada já há muitos anos. Serena, isenta de ambições, com aquela modéstia ainda não compreendida por muitos, apenas vem almejando a boa vontade de quantos têm o dever de melhor encaminhar os destinos de São Paulo. Sem alardes, sem algazarras, sem manifestações ferinas de desagrado a quem quer que seja, vem reivindicando, e assim há de prosseguir, tão só aquilo de que necessita para melhor cooperar.

Em mãos do sr. Governador já se encontra o desejo da Corporação. Intérprete fiel do pensamento que domina tôda a milícia, o sr. coronel Rubens Teixeira Branco, nosso Comandante Geral, já pôs à apreciação do Chefe do Executivo minucioso estudo sôbre a matéria controversa.

Frize-se, porém, que não foi gratuita a iniciativa. Adiantando-se, o sr. Jânio Quadros exigiu o pronunciamento da Corporação, tal como se vê do ofício que a seguir transcrevemos: "São Paulo, 26 de março de 1956 — 176 (protocolo) — Senhor Comandante — Está o Govêrno interessado na definição adequada das funções dos integrantes dessa Corporação, especialmente com o propósito de atribuir-se aos oficiais e graduados maiores responsabilidades na execução do policiamento preventivo que, sob a direção geral da Secretaria da Segurança, fôr realizado por elementos da Fôrça Pública. Solicito, pois, de Vossa Senhoria, a elaboração de ante-projeto que deva ser submetido, a seguir, à consideração da Comissão encarregada do Plano de Reforma Policial, daquela Pasta. O aludido ante-projeto deverá merecer urgência e ser encaminhado a êste Gabinete, uma vez concluído. Apresento a Vossa Senhoria, nesta oportunidade, meus protestos de elevado aprêço. — Jânio Quadros — Governador do Estado — Ao Senhor Coronel Rubens Teixeira Branco, M.D. Comandante Geral da Fôrça Pública do Estado"

INDISCIPLINADOS HOJE DELINQUENTES AMANHÃ?

Dr. Isaac Mielnik
Chefe do Serviço de Higiene Mental do SESI

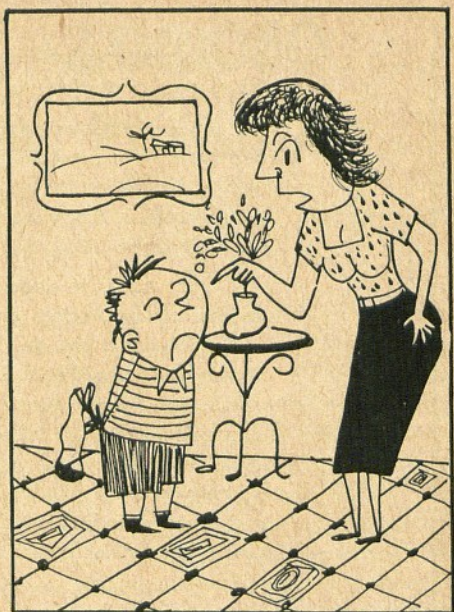
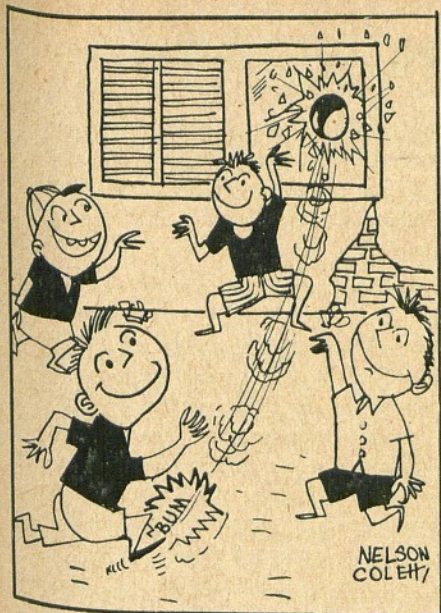
A disciplina, sistema de orientação auto-dirigida, voluntária e socialmente integrada, não deve ser confundida com a submissão, sintoma de cessão à autoridade imperiosa e intransigente. Uma é livre, consciente e fruto da compreensão e assimilação dos deveres sociais; a outra, condição imposta sem discussão, arbitrariamente, visando a determinado objetivo, sem consultar as necessidades ou disposição do indivíduo. A primeira, parte do indivíduo integrado no grupo social; a segunda, do indivíduo sujeito às leis arbitrárias do grupo às quais não há fugir. Aquela exige que o indivíduo tome conhecimento das leis sociais e nelas consinta por sua livre e espontânea vontade, ao passo que esta domina o indivíduo, acima e apesar de sua consciência, mediante a imposição pura e simples de sua obrigatoriedade.

Para que haja disciplina é preciso, portanto, que sejam aceitas e compreendidas as leis sociais; é preciso que o indivíduo encontre utilidade e satisfação em controlar-se e colaborar na manutenção da ordem e da lei, na sociedade humana.

Além da satisfação em controlar-se voluntária e inteligentemente, o homem disciplinado sente que sua atuação o capacita a uma melhor integração no meio a que pertence, a uma soma de responsabilidades que seus concidadãos lhe impõem e, finalmente, a uma confiança que a sua conduta atesta e faz prever em todas as condições.

Neste caso, a autoridade é aceita como uma necessidade social. O homem, realizado em sua totalidade dentro do trabalho social, não se revolta nem protesta contra a autoridade legal, pois a considera normal e útil ao trabalho proveitoso de seus semelhantes.

Dentro do próprio organismo humano, aprendemos a lição soberana da disciplina e da harmonia na execução de suas várias



funções. Se um órgão ou grupo de órgãos se tornar indisciplinado, todo o organismo virá a sofrer. Se esta indisciplina atingir proporções graves poderá destruir o organismo, como sucede no câncer, em que todo um organismo vem a perecer, devido à indisciplina no crescimento e função de determinado órgão ou tecido.

A disciplina é inicialmente apreendida pela criança em casa, onde toma o nome de obediência; já na escola é propriamente chamada de disciplina. Onde agiu o espírito orientador do pai, a sua autoridade de chefe de família, vai influir agora o espírito do educador. Estes conselhos, estas noções, tradições, cultura, religião, conhecimentos filosóficos e éticos, as lendas e histórias de cada país, a linguagem e os costumes, todo este vasto arsenal de sabedoria e orientação é transmitido pelos pais, professores, avós, irmãos, parentes, formando no espírito em evolução da criança, uma consciência de comportamento, uma espécie de disciplina mental.

Ela aprende desde cedo o que pode e não pode; aprende o que lhe trará recompensa e elogio, e o que lhe trará castigo e reprimenda.

Aprende a comparar e a selecionar. Aceitar e a recusar. E da forma hábil pela qual são dadas estas informações, da maneira pela qual agem o meio e a cultura sobre o indivíduo, assim resul-

tará sua noção de comportamento social e sua forma de disciplina ou revolta contra as leis sociais e contra indivíduos.

A disciplina exige participação do indivíduo nos encargos e proventos do trabalho social. Exige que o indivíduo encontre satisfações morais e materiais no seu trabalho, que lhe compensem o sacrifício da disciplina com a qual contribui para a manutenção da estabilidade do grupo social.

Que causas se poderiam apontar para a indisciplina? Variam as escolas neste ponto crucial e delicado. ADLER, como sempre, coloca o sentimento de inferioridade como base da indisciplina e depois da delinqüência futura. FREUD vê na indisciplina o recalque dos desejos sexuais. Alguns apegam-se ao caráter psicopático dos indivíduos indisciplinados, outros ao fator herança; em suma, novamente nos vemos na contingência de abandonar o geral, isto é, a indisciplina, para nos determos no particular, isto é, o indivíduo indisciplinado, seus caracteres particulares, sua herança, seu ambiente familiar, seu meio escolar e social.

Não podemos generalizar. É ainda o indivíduo que nos deve ocupar a atenção, é o singular que deveremos estudar e não o plural.

Sabemos que nem sempre é o caráter, a personalidade que está doente. Podemos também inocentar, em certos casos, a herança. Em outros, o meio familiar não tem a culpa; em terceiros, é a escola a responsável. E em quase todos, as causas da indisciplina residem numa mistura dosada de todos esses fatores.

Como corrigir a indisciplina e evitar que ela fertilize os germens da delinqüência?

Antes de mais nada, devemos evitar CASTIGOS. O castigo é um ato de vingança covarde contra a criança indefesa física e moralmente. O Castigo não ensina, não corrige, não melhora. O castigo amedronta e faz com que o indisciplinado procure continuar suas faltas acobertado pelo anonimato, ou buscando a sorte melhor de não ser descoberto.

O raciocínio de nada influi em crianças que não sabem acompanhar as sutilezas do espírito humano adulto, ou compreender suas construções mentais inteligentes e complicadas.

"Para tratar basicamente o problema da indisciplina devemos", diz VON KARMAN, "ocupar-nos o menos possível de disciplina propriamente dita e dedicarmo-nos com mais afinco a fomentar outras atividades próprias da conduta: o trabalho, o brinquedo, a sociabilidade, o estudo e as viagens. Só neste caso, é que as atividades da disciplina restabelecem gradualmente seu equilíbrio, chegando-se por esta maneira a estabelecer no indivíduo a sua adaptação ao meio ambiente social".

PASSADO GLORIOSO DA FÔRÇA PÚBLICA

== Cel. Antônio Pietscher

Estávamos em maio de 1922. A Fôrça Pública, entregue aos treinamentos dos seus quadros, não tinha outra preocupação senão o adestramento do seu pessoal, muito embora de tempos a essa parte, alguns acontecimentos tivessem, por vêzes, perturbado a seqüência normal de sua vida de trabalho contínuo e rigoroso. Alguns dêsses acontecimentos tiveram grande influência na vida do País, com reflexos no Estado e, internamente, nos corpos de tropa. Assim é que, a campanha civilista de 1910, colocando em choque duas candidaturas, uma civil e outra militar, tinha agitado ambos os círculos, tornando-se difícil esconder as apreensões que reinavam desde essa época. Como êsse motivo não fôsse suficiente, a eclosão da guerra de 1914, na Europa, tinha provocado o afastamento da «Missão Francesa», ficando os ensinamentos entregues à responsabilidade de seus oficiais, que honra lhes seja feita, vinham dando cabal desempenho à sua missão, triplicando seus esforços no sentido do aproveitamento técnico e disseminação de ensinamentos. Quanto a isso, o Governo do Estado estava capacitado pelas elogiantes demonstrações dadas, tanto nas paradas, onde se patenteava a eficiência da tropa, como nas manobras de dupla ação e outros

exercícios de campanha, que completavam o quadro de uma tropa modelar. Há, entretanto, fatores de ordem natural que não podem ser evitados, e a Fôrça Pública, em 1917, era colhida de surpresa por tremenda greve operária, que havia submetido seu pessoal a ingentes esforços e experimentado sua capacidade de resistência, culminando com a gripe de 1918, que transformara seus quartéis em vastos hospitais. Tôdas essas provações eram recebidas como acontecimentos normais, ressaltando a excelência do seu pessoal, o qual se refazia prontamente, não causando inquietação ao comando. Entrementes a êsses colapsos, jámais o pessoal da Fôrça Pública deixou de atender às constantes prontidões e sobre-avisos, conseqüentes de um movimento em marcha, que por vêzes parecia deter-se, para logo depois se movimentar, ora por um motivo, ora por outro, exigindo constante alerta e vigilância.

Nesse estado de coisas chegamos ao ano de 1922. Estava a Fôrça Pública em sua plenitude, com seus quadros em ordem, bem armada e tecnicamente aparelhada para qualquer eventualidade. Possuía São Paulo, a essa altura, não apenas uma fôrça para policiamento, mas uma «élite» militar capacitada para assegurar a ordem no Estado, e tam-

bém se alinhar ao lado de outras, na defesa nacional. E foi o que fez. E, se me permitirem, com isenção de ânimo a que me comprometo, palmilharei no papel a longa estrada por ela percorrida, porque, por onde ela andou eu também andei.

No dia 5 de julho do ano de 1922, estava a nossa aguerrida Fôrça Pública em rigorosa prontidão, motivada, segundo os jornais do dia, por uma sublevação no Rio de Janeiro, com ramificações em outros Estados. Como subcomandante da Escola de Educação Física, estava convalescendo de febre tifóide. A tarde dêsse dia, chegou-me a notícia que havia ordem de mobilização para algumas de nossas unidades, e o 2.º B.C. já estava com ordem de embarque para guarnecer as fronteiras com Mato Grosso, cujas fôrças também haviam se sublevado. Havia-me alistado em 1905, nesse B.C., e lá feito minha carreira até 2.º tenente. Os laços de solidariedade e camaradagem desfrutadas em meio dessa unidade, não seria meu precário estado de saúde que destruiria. Dirigi-me ao Cmt. Geral e ofereci-lhe meus serviços. Estava vago o comando das secções de M.P., e para lá fui designado. Estava o 2.º B.C. alojado na rua Jorge Miranda. Era noite quando lá cheguei. Da parte de fora do prédio, grossa multidão esperava a saída do 2.º B.C., quase na sua totalidade composta das famílias dos elementos dessa unidade. Muitos choravam... Na parte interna, o B.C. recebia munição e alguns retardatários. Havia silêncio sepulcral, só de quando em vêz rompido por algumas ordens dos comandos. Presentes o Cmt.

Geral e alguns Cmts. de Btl., feitas as despedidas, o 2.º B.C. se punha em marcha, em direção à estação da Sorocabana, oonde devia embarcar, seguido de imensa massa popular; enquanto uns davam vivas, outros choravam. E nesse misto de alegrias e tristezas, o B.C. tomava seu lugar no desconfortável combóio, rumando para sua primeira etapa — Campinas. Pela primeira vêz, a Fôrça Pública, depois de instruída e aperfeiçoada em seus conhecimentos, iria operar em defesa da ordem e da lei.

Atingida Campinas, a oficialidade teve ordem de desembarque para rápidas apresentações ao 4.º B.C. do E.N. que, fazendo a vanguarda das tropas em operações, aguardava nossa chegada. Recebida a ordem de movimento, tínhamos que alcançar Araçatuba, com a máxima rapidez, o que foi feito dois dias depois. Em Bauru ficaram dois tenentes acidentados durante a viagem: José Teófilo Ramos e Joaquim Teotônio Cavalcante. Em Araçatuba ficaram duas companhias, com o Cmt. do B.C. e E.M., seguindo a outra ala sob o comando do cap. Januário Roco, ao ponto final da ordem de movimento: turma 157, a um Km. da estação de Jupuíá, onde já se encontrava o 4.º B.C. de vanguarda.

O 2.º B.C. aí acampou à espera de outra ordem. Enquanto isso, fui convidado pelo comandante para irmos até Jupuíá. Lá chegando, tivemos conhecimento que as duas vanguardas estavam parlamentando, e que as tropas de Mato Grosso, desconhecendo a verdadeira situação — da capitulação das tropas sublevadas do Rio de Janeiro, e que o Rio

Grande do Sul havia negado apóio ao movimento — persistia na sublevação e desejava ir até o Rio de Janeiro. Até então, nunca tinha visto um inimigo real, e estava curioso por vê-lo. Assim, conseguimos permissão do Cmt. da vanguarda para nos aproximarmos da barranca do rio Paraná. As margens desse rio, quer de uma banda, quer da outra, cortadas por matas densas, escondem qualquer movimento de tropas, mesmo em grande quantidade e em virtude das constantes chuvas. Os desbarrancamentos das margens formam alguns espriados, onde uma dezena de rapazolas, na sua despreocupação dos seus 20 anos, se banhavam garrulhantemente. Fiquei encantado com a paisagem, sem saber qual admirar mais: o inimigo que, com simples ordem, seria abatido a tiros de fuzil, ou a majestade do rio Paraná, que deslizando mansamente, vai confundir-se com outros rios para a formação do estuário do Prata. Quanta saudade me veio à lembrança nesse momento, do Tietê, que também é um dos contribuintes, deixando para trás a Paulicéia, a Ponte das Bandeiras, as cidades por onde havia passado, sem nunca mais voltar... E nessas «demarches» ficaríamos por mais alguns dias, não tivesse assumido o comando das tropas em operações o destemido e valente general Teruliano de Albuquerque Potyguara. Desde esse momento não houve mais vacilações. Houve ordens e severas. Assim é que, recebemos ordem de incontinentemente tomarmos posição, em pontos avançados, prolongando a esquerda do Exército, prontos para, ao

primeiro sinal, atravessarmos o rio da melhor maneira, para reduzirmos a resistência como fôsse possível. Coube às P.M. a guarda da ponte que hoje liga S. Paulo a Mato Grosso e naquela ocasião, só havia colunas de apóio, sem condições, e qualquer travessia seria temerária, se bem que, do nosso lado, estavam as barcaças de ligação e transporte. O rio Paraná é um destes rios que se destacam dos demais, porque êle conserva em quase tôda sua extensão dois quilômetros de largura! Sômente no lugar da ponte reduz-se a 200 metros, mais ou menos, tomando o nome de rebaixo de Jupia. Qualquer tentativa seria por esse lugar. Um dia, enquanto esperávamos pelo que o destino nos reservava, recebemos a visita do general Potyguara. Pôsto ao par do funcionamento de cada elemento em qualquer das emergências, dirigiu os maiores elogios à tropa e ao seu comandante, cap. Roco, que foi sempre uma das figuras centrais da officialidade da Fôrça Pública.

As ordens do general recrudesceram impetuosamente! Capitulação e entrega incondicional, ou travessia do rio. Com alguns elementos que haviam atravessado para Mato Grosso, mais ponderados, foi resolvida a capitulação incondicional e cessação da sublevação. Com esse gesto, desfilaram por nossa frente velhos soldados, alguns encanecidos na caserna, desviados naquele instante dos seus deveres militares pelos «profeteurs» da politica. Era o ponto final de uma campanha que durara alguns dias, felizmente sem derrame de sangue patriócio.

Emprego de CÃES PASTORES



Cap. Cálido de Campos Montes

A fim de darmos conta da missão de «encarregado do canil do 8.º B.C.», tivemos que procurar em livros, revistas e contacto com criadores, alguma coisa que nos facilitasse a tarefa. Como colaboração a companheiros que venham a receber o mesmo encargo, e incentivo ao treinamento de cães para policiamento, transcrevemos abaixo um pouco do que aprendemos.

O cão, dos animais domésticos, possui em alto grau inteligência e qualidades verdadeiramente excepcionais de instinto e fidelidade, o que, mediante um treinamento adequado, o capacitam para os mais variados misteres.

Existem diversas classificações para as raças caninas; uma é bem aceita e bastante útil, a de HUGH DALZIEL, autor da obra «Os Cães da Grã-Bretanha», e que encontramos transcrita no ótimo livro de Eurico Santos «Manual do Amador de Cães», do qual tanto nos servimos para elaborar este trabalho. Eis a classificação:-

DIVISÃO I — Cães de caça

Grupo I — Cães que avistam a caça, a perseguem e matam, sem fazer uso do olfato ou pouco se valendo dele: galgos e outros descendentes deles.

Grupo II — Cães que caçam valendo-se do olfato e matando a caça: cães de São Humberto, cães lонтreiros, cães raposeiros, BEAGLES, etc.

Grupo III — Cães que caçam guiados pelo olfato, mas que aprenderam a domar seus instintos de perseguição, parando para advertir o caçador: Setters, Pointers, etc.

Grupo IV — Outras variedades de cães que servem para caça a tiro, para procurar e trazer a caça: todos os EPAGNEULS e RETRIEVERS.

DIVISÃO II — Cães de guarda e utilidade

Cães que se destinam ao trabalho, defensores e guardas das propriedades, cães salvadores, policiais.

Grupo I — Cães de que se servem os homens especialmente para

ajudar os trabalhos: Cães de pastor, cães boieiros, cães de tiro, etc.

Grupo II — Cães de guarda, cães salvadores, cães de distração, tais como o BULDOGUE, o TERRA NOVA, o S. BERNARDO.

Grupo III — Cães destruidores de animais nocivos: os TERRIERS.

DIVISÃO III — Cães de salão e de luxo

Grupo I — Cães em miniatura das raças citadas: CARLIN, LOULOU, CANICHE, etc.

Grupo II — Cães em miniatura das raças que precedem: todos os TOYTERRIERS, etc.

Desde os mais remotos tempos, o cão pastor ou de gado é um velho serviçal do homem, que quase somente com sua ajuda, pôde-se tornar pastor. Os lobos dizimavam os rebanhos e o cão era o seu antagonista. Na Europa quase todos os povos têm suas raças de cães de gado.

Aproveitando-se das qualidades do cão, foi o homem pouco a pouco utilizando-o para os mais variados trabalhos. E um desses trabalhos é o emprêgo de cães no policiamento.

Usam-se o cão pastor da Alsácia (cão pastor alemão, cão policial), o cão pastor Dobermann e o Collie. Esses cães são empregados em policiamento repressivo, imobilização de malfeitores para revista, para desentocar suspeitos de malocas e buracos, para a guarda de detidos ou de objetos, para batidas em lugares suspeitos ou de frequência duvidosa, principalmente a noite, e para perseguição de fugitivos. Para busca pelo odor é muito empregado

o Cão Bloodhound (cão de São Humberto), por seu faro apurado.

Vejamos alguma cousa de cada um dêles:-

Cão Pastor Alemão — Um cão vivo, inteligente, pastor pela origem e policial por adaptação. Aspecto geral agradável, linhas harmoniosas, corpo alongado e musculoso, estrutura forte sem desproporções, andar flexível e desembaraçado, marcha fácil. Altura: machos, de 63 a 68 cm., fêmeas, de 59 a 63cm.

Cão Pastor DOBERMANN — Animal inteligente, fiel, vigilante, muito amigo de seu dono, de uma valentia ilimitada. Excelente cão de guarda e de polícia. Como cão de defesa é, talvez, o melhor que se conhece. Aspecto geral:- corpo sólidamente constituído, musculoso sem ser pesado, dando idéia de ligeireza unida à força e resistência. Altura: de 60 a 65 cm. o macho, e 55 a 60 a fêmea.

Cão Collie — Animal de viva inteligência, devotado, rústico, excelente cão pastor, de guarda, de polícia e de guerra. Aspecto geral:- nos dá a impressão, ao mesmo tempo, de beleza, graça, elegância e força. Altura: de 55 a 60, o macho, e de 50 a 55 cm., a fêmea.

Cão Bloodhound — Inteligente, afoito e valente. Dotado de faro sem igual. E', sem dúvida, o mais notável cão de caça. Aspecto geral: animal de estrutura robusta e grande talhe, que vai às vêzes a mais de 65 cm.

EDUCAÇÃO E ADESTRAMENTO

Para ser adestrador de cães, é preciso possuir:

Doçura, paciência, fineza e perseverança.

Deve o adestrador fazer-se obedecer sem fazer temer. Não deve transformar o cão num escravo obediente, e sim fazê-lo trabalhá-lo com vontade. Com cães «moles» é necessário ser perseverante; com cães violentos, calmo; com todos, afável, doce, brando. O adestramento deve ser iniciado e terminado por uma mesma pessoa. O adestrador precisa captar a confiança do cão e torná-lo afeiçoado a si.

O adestramento mal dirigido inutiliza o cão. Todo cão que foge quando julga haver agido mal foi mal adestrado ou espancado.

E' preciso dar tempo a que o animal assimile o que aprendeu.

Não se deve brincar com o cão que se está ensinando. Se trabalhar bem, deve-se acariciá-lo, empregando palavras de aplauso — bravo, bonito.

A recompensa deve ser imediata, não se deve fazer esperar para que o cão saiba que a mereceu.

O cão é muito sensível à voz do dono, e reconhece perfeitamente suas inflexões.

Na obra «CHIENS DE DEFENSE ET CHIENS DE GARDE», de Pierre Saint Laurent, encontramos os seguintes conselhos para o adestrador:-

1.º — Saber conquistar a confiança do cão, que deverá ser muito dedicado ao dono;

2.º — Ganhar essa confiança, dando o próprio dono a ração ao animal, saindo com ele e não permitindo que qualquer outra pessoa o acaricie;

3.º — A recompensa deve seguir à execução da ordem dada;

4.º — Bem mais ainda, a punição não deve ser aplicada sinão no justo momento em que o animal pratica a falta, convindo que o castigo seja proporcional à gravidade da falta. Em caso algum deve ser ela aplicada quando o adestrador tenha perdido a calma, da qual êle jamais deve se apartar;

5.º — Ser pródigo em recompensas e pouco amigo de punições. A doçura dará sempre melhores frutos que abrutalidade. Entretanto, tôda e qualquer desobediência e revolta deve ser punida. Um cão espancado torna-se timorato e seu adestramento pode ficar comprometido;

6.º — Não passar à lição seguinte sem que a precedente esteja perfeitamente sabida. Rever sempre o que foi ensinado;

7.º — Nunca terminar uma lição em seguida a um ato de desobediência mas, pelo contrário, continuá-la, terminando por um exercício conhecido. Isso dará ao cão a lembrança de uma recompensa.

8.º — A voz de comando deve ser sempre enérgica, não dando lugar a confusões, e

9.º — Se o cão não atender à chamada, não vá nunca até onde êle se encontra; obrigue-o a aproximar-se. Não fazer nunca que o animal se aproxime em troca de uma goliçice, quando tenha de castigá-lo. Isso é um erro grave».

Domar, não é adestrar.

Brutalizar, não é punir.

A brutalidade é sinal de fraqueza e incapacidade do adestrador.

GIN

DUBAR



**é nosso
e
é bom**

O "Livro Branco" inglês sobre a bomba "H"

A MORTE ESTACA NO SÉTIMO QUILÔMETRO

Além dos sete mil metros existem consideráveis possibilidades de evitar as conseqüências das radiações

Desde quando foi anunciada a invenção da bomba «H», cujo poder de destruição é oito vezes superior ao da bomba atômica «clássica», uma interrogação angustiante passou a representar o «leit motif» da inquietação da humanidade. E' possível defender-se contra o terrível meio de destruição?

A pergunta não teve, durante um amplo espaço de tempo, uma resposta que lógrasse tranqüilizar milhões de pessoas. Todavia, recentemente, a resposta chegou por intermédio das autoridades britânicas: estas, distribuíram em todos os pontos da Inglaterra um manual cujo objetivo é o de preparar os cidadãos para a defesa contra a bomba «H». O precioso livrinho não pinta um quadro avassalador: não é verdade que tóda defesa seja impossível — afirma — pelo contrário, dentro de certos limites, é realizável mais do que se possa imaginar.

Preliminarmente, é necessário distinguir três formas de perigo: 1.º — a explosão; 2.º — o calor; 3.º — os resíduos.

O maior, e até agora o mais obscuro de todos os perigos das novas armas, é o influxo genético. Se a explosão de uma bomba de hidrogênio

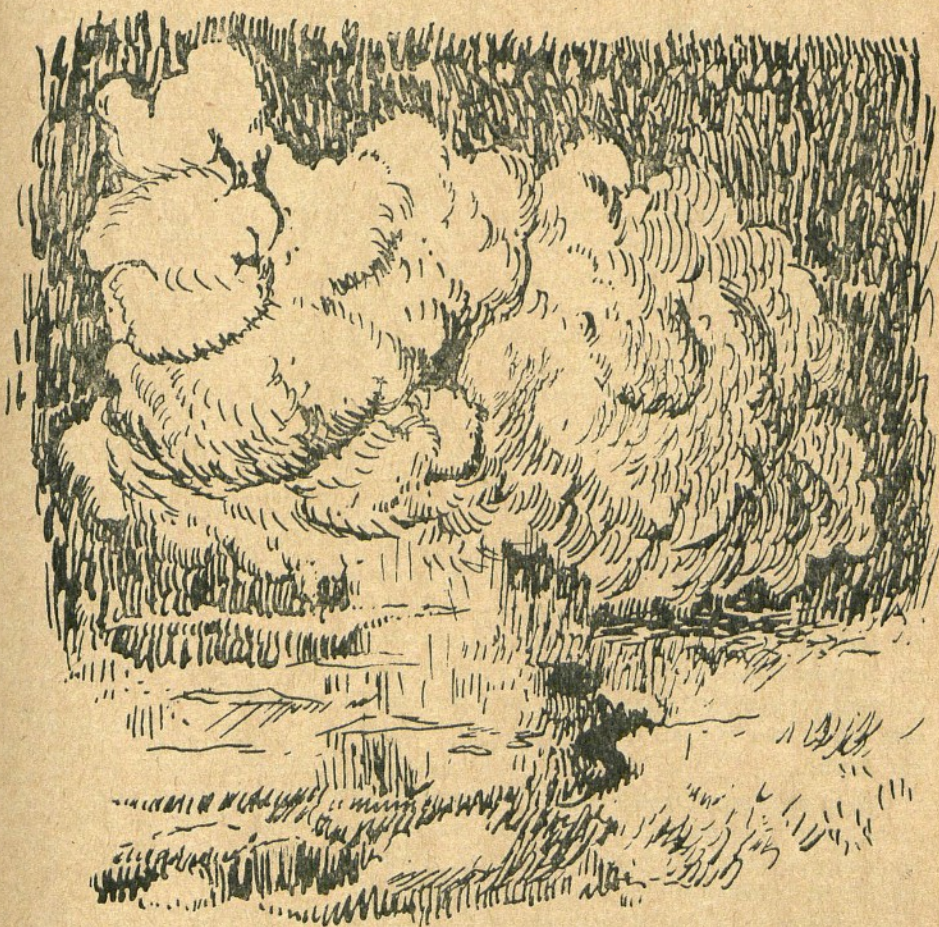
provoca a morte de meio milhão de pessoas, trata-se de um acontecimento aterrador, mas de proporções definidas, de efeitos certos. Mas se certas radiações, que poderiam não ter sido percebidas, ou que poderiam ser percebidas mas consideradas não perigosas, tivessem conseqüências mortais ou negativas depois de uma geração ou duas, perpetrados através da hereditariedade, registrar-se-iam resultados totalmente imprevisíveis e não domináveis.

Até agora ninguém está em condições de prever o alcance do fenómeno da hereditariedade ou dos danos genéticos. O problema, sem dúvida, é angustiante e divide os cientistas. Na Conferência de Genebra sobre o aproveitamento pacífico da energia atômica, foi proibida a divulgação do relatório de um perito que havia insistido demais sobre os perigos decorrentes da hereditariedade, determinados pelas radiações nucleares. Os jornalistas não puderam deixar de colher esta impressão: os cientistas britânicos insistiam sobre os danos das radiações, ao passo que os representantes das indústrias atômicas os subestimavam, temendo que a advertência dos primeiros prejudicasse o comércio dos reatores dos combustíveis atômicos:

Um novo ciclo biológico

Mesmo um exame superficial dessa matéria evidencia a complexidade e a unidade das leis do universo. Limitando-nos apenas aos perigos que surgem em tempo de paz, explosões nucleares registraram-se em

dados para o alto mar e atirados nos pontos onde o Oceano é mais profundo. Até agora foram poucas as explosões. Mas, no caso de aumentar o volume dos resíduos atirados ao mar, tornar-se-ia radioativo o «plancton», isto é, aquele conjunto



alto mar. A radioatividade é também levada pelos detritos às águas marinhas. Tais resíduos são os restos do combustível atômico dos reatores, à semelhança das cinzas das estufas. Esses detritos são colocados em caixotes, transportados com todo cui-

de minúsculos corpos vegetais e animais que constituem o alimento dos peixes. Poderia então desencadear-se um ciclo biológico suscetível de determinar a destruição da vida. Se o «plancton» é envenenado, todos sofrerão as consequências. Os homens

e alguns animais alimentam-se de peixes. Os restos dos alimentos dissolvem-se nas águas e na terra: nutrem os vegetais, os quais, por sua vez, nutrem animais e homens; no âmbito desse ciclo irrefreável, o poder radioativo pode resistir, com efeitos talvez mortais.

As explosões

No que tange às detonações, é necessário distinguir os vários tipos. No caso da explosão verifica-se no ar, a claridade, o calor e as radiações nucleares espalham-se quase constantemente porque viajam com a velocidade da luz. A detonação assume a forma de uma pressão que se desencadeia com a velocidade do som e é acompanhada por uma corrente de ar de breve duração. O globo de fogo de uma bomba atômica chega a alcançar um diâmetro de 300 metros. O globo de uma bomba «H» de 10 megatons possui um diâmetro superior a cinco quilômetros. Quando este se alarga, surge uma nuvem gigantesca, que absorve da atmosfera gotas de água e poeira, as quais se tornam radioativas. Partículas são levadas pelo vento em todas as direções, mas não constituem um perigo grave, em virtude da amplíssima difusão.

Se a explosão atômica é efetuada na terra, pelo menos um terço do calor total é absorvido pelo terreno: uma parte dissolve-se na atmosfera e outra parte é absorvida pelas construções vizinhas. O mesmo acontece em relação às detonações nucleares.

A nuvem que se ergue depois da explosão (o «cogumelo»), contém inúmeras partículas de matéria que se tornam radioativas:

Depois do calor

No caso da explosão processar-se sob o nível da terra, maior é o calor e as radiações nucleares absorvidas pelas paredes da cratera aberta pela detonação. A explosão perde força e, na superfície, torna-se mais válida a proteção dos edifícios vizinhos. Perigosa é a concentração dos detritos radioativos; todavia, é possível circunscrevê-los.

O efeito do calor dura por um lapso de tempo não superior a um segundo e meio para uma bomba atômica normal, e por mais de 20 segundos para uma bomba «H» de 10 megatons.

Levando-se em consideração somente as conseqüências do calor (excluindo-se, portanto, explosão, radiações e causas secundárias, como queda de destroços, etc.), calcula-se que a morte é inevitável para todo aquele que se encontra no raio de um quilômetro. Ferimentos graves, de terceiro grau, viria sofrer quem se encontrasse além desse círculo até cerca de dois quilômetros; entre dois e três quilômetros, os ferimentos seriam de segundo grau; em seguida, de primeiro grau.

Uma defesa poderia ser constituída por roupas de lã. Uma das razões dos elevados danos sofridos pela população nipônica, foi o fato de que as pessoas vestiam roupas de algodão.

Distinguem-se duas espécies de «fogo»: o primário e o secundário. Primário é o fogo provocado por uma onda de calor repentina. Hiroshima e Nagashaki foram atingidas por esse gênero de calor, principalmente porque os edifícios eram construídos, quase todos, em madeira.

Secundário é o fogo produzido depois da detonação da bomba, por curto-circuito, por explosão de gás, etc..

O perigo máximo é representado pela «tempestade de fogo», que se verificou, por exemplo, em Hiroshima (mas não em Nagashaki), e também durante bombardeios com bombas incendiárias na Alemanha, provocados por correntes de ar.

Falamos até agora na bomba atômica «clássica». A bomba «H» teria um poder 500 vezes superior. Isto significa que o poder radioativo e destrutivo é 500 vezes maior. Isto não significa, porém, que a destruição deva ser, forçosamente, multiplicada por 500. Segundo cálculos ainda não confirmados, o poder destrutivo da bomba «H» é somente 8 vezes superior ao da bomba atômica. Isto pressupõe a existência de um «raio de fogo» que vai de 5 a 15 quilômetros.

Vejamos os efeitos das radiações. Nos hospitais e nos laboratórios científicos, calcula-se que uma pessoa pode ser exposta a 1,5 «roentgen» de raios gama por semana. Uma dose maior pode ser suportada se a explosão não fôr regular; em todo caso, 25 «roentgen» é um máximo que pode tornar-se perigoso. O perigo das radiações decorrentes das bombas nucleares está claramente demonstrado na seguinte tabela:

De 0 a 200	Nada
200 — 400	Pouco provável
400 — 600	Provavelmente poucos
Além de 800	Alguns, provavelmente
De 0 a 75	Nada
75 — 100	Menos de 0,1%
100 — 150	Menos de 0,5%

150 — 200	Até 5%
200 — 400	Cêrca de um terço
400 — 600	Cêrca da metade
Além de 800	Quase todos
0 — 25	Número insignificante
25 — 75	Poucos
75 — 100	Menos da metade
100 — 150	Ao menos a metade
150 — 200	Pelo menos 3/4
Além de 200	Provavelmente todos

Se confrontarmos, agora, o número de Roentgen de uma explosão de uma bomba atômica em pleno ar, teremos a seguinte tabela:

Até 800 metros, 5.000 «roentgen»
De 800 — 1.200 metros, 500 «roentgen»
De 1.200 — 1.600 metros, 100 «roentgen»
Mais de 2.00 metros, 5 «roentgen».

E' evidente que a pessoa que se encontrar de 800 a 1.200 metros, tem 50 probabilidades sobre cem, de sobreviver; as condições melhoram no caso da explosão verificar-se nos centros habitados.

Pode-se dizer que não há perigo mortal além dos dois quilômetros do epicentro da explosão de uma bomba atômica, e além de 6-7 quilômetros do epicentro da explosão de uma bomba «H».

O perigo dos detritos

Chegamos ao exame do perigo dos resíduos, que subsiste depois da explosão por um período indeterminado. E' verdade que a radioatividade dos detritos se reduz com o tempo, mas os cálculos são difíceis e é tarefa árdua estabelecer se não se registram deslocamentos mecânicos ou atmosféricos de elementos radioativos. Aqui está todo o perigo da bomba «H».

Vimos que o fato de ser 500 vezes mais poderosa do que uma atômica «clássica», não se refere ao calor e à radiação imediata, as quais se reduzem progressivamente. No entanto, o poderio da bomba de hidrogênio ganha as suas autênticas e terríveis feições no setor dos detritos. No caso da bomba explodir no ar, a área danificada será muito mais ampla. No caso de explodir no nível da terra, a cratera que pode ter um diâmetro entre um e dois quilômetros, permanecerá fortemente radioativa e será necessário renunciar a qualquer forma de assistência, de auxílio ou trabalhos por alguns dias.

Uma grande zona a favor do vento será circunscrita: mais adiante, detritos radioativos poderão ser depositados numa zona com forma de gigantesco charuto, suscetível de alcançar 350 quilômetros de comprimento e 60 de largura.

Da parte oposta, contra o vento, a zona não supera os 30 quilômetros. Mas, independentemente do vento, uma zona circular com um raio de mais de 30 quilômetros seria fortemente radioativa.

Os relatórios sobre as explosões atômicas efetuadas em março de

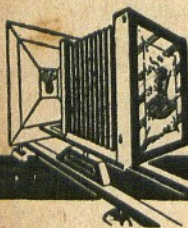
1954, revelam que qualquer pessoa que se tivesse encontrado por 36 horas seguidas ao ar livre numa zona que se estendia além de 200 quilômetros do local da detonação, teria encontrado morte certa em virtude da radioatividade acumulada.

Felizmente, nenhum homem fica ao relento por mais de 36 horas seguidas, e dois fatores podem combinar-se para salvar, por exemplo, os habitantes da planície do Pó, de uma explosão que tivesse destruído Roma quase completamente: 1.º) a distância do local da explosão; 2.º) o grau de cobertura.

Um instrumento semelhante a uma caneta tinteiro já está à venda para quem queira medir o grau de radioatividade depois de uma explosão. Se, consultando a tabela citada no texto deste artigo, a radioatividade não parecer mortal, também um rápido passeio é permitido, possivelmente com polainas, roupa adequada, casaco e «écharpe» de lã, boné e rosto coberto. Ao regressar a casa, tudo deve ser lavado com água e sabão. Depois de um banho, aconselha-se um bom sono.

Todavia, cuidado para não beber o costumeiro copo d'água: poderia ser radioativa.

(ANSA-Fevereiro)



CLICHES
TRACO
TRICROMIA
AUTOTIPIA

Fotografia
MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.
R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sobre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de todas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enigmas Desenhados e Palavras Cruzadas.



*Adquira o seu exemplar, à venda em todas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.*

ME-TEMP-SI-CO-SE

BONITO nome! Há muito, ensaio rabiscar algo com este mirabolante título: ME-TEMP-SI-CO-SE!

Lembro-me bem de que, nos meus idos de criança, contavam a história de certo coronel Sigismundo Tabuão, latifundiário da extensa região de Caraguatá.

Possuidor de muitos escravos, bem como de glebas intermináveis, era ele autêntico senhor feudal da Idade Média. Homem irascível, de má índole, parecia inspirado pelo "coisa-ruim"; ademais, só estava satisfeito quando infligia duras penas aos servos ou torturava escravos indefesos. O vêzo pernicioso não poupava sequer os familiares mais íntimos; a própria da. Quitéria, sua infeliz consorte (cognominada a Mártir), não escapava ao talante da maleficência nem às incongruências do trêfego anticristo. Este exercia plenos poderes em seus domínios, era árbitro em todos os conflitos: julgava, decidia, adjudicava! Para tanto, mantinha bom número de cabras armados e adestrados que constituía tabu de resistência àqueles que tentassem, sem prévio assentimento, pisar o "solo sagrado" — inclusive forças do governo, por impotentes para dominá-lo.

Vou relatar apenas um fato ocorrido após a destruição do Império do Oriente pelos turcos, em 1453, para comprovar a intolerância e irascibilidade do cel. Sigismundo, e demonstrar quanto foi ele infenso aos sentimentos humanos e a todos os princípios cristãos.

Na fazenda Caraguatá, próximo à "Casa Grande", funcionava o escritório contábil de todos os negócios atinentes às incomensuráveis possessões; o guarda-livros, latagão de vinte e dois anos, instruído e bem apessoado, de nome Constantino Paládio, gozava de algum prestígio junto ao Senhor das terras, em virtude da correção e lisura em tudo o que lhe era mister. Sentia-se feliz no trabalho e virava-se de todo o jeito para não desgostar o Senhor. Entretanto, praticou a temeridade de apaixonar-se por Susana, primogênita do coronel! A moça correspondia-lhe, mas sempre dissimulada, mesmo a furto; pois temia a fúria tenebrosa do pai; ao invés deste, da. Quitéria sabia tudo, os acoçoava ao tempo que lhes infundia na mente o influxo redentor de risonho porvir. Únicamente recomendava-lhes cautela, muito sigilo, visto que antevia, como Susana, desmoronar-se o sentimento afetivo depositado no escrínio daqueles corações enamorados. Precitados, assim prelibavam às delícias de sua futura união, a qual seria abençoada pelos laços do himeneu. Tudo ia bem, era questão de esperar. Talvez, com o tempo, o próprio coronel propusesse o casamento, dado o bom conceito que desfrutava Constantino. Numa tarde primaveril, quase ao pôr do sol, hora dos passarinhos em revoada tornarem à fronde amiga das paineiras, quando se ouve o gargalhar sinistro do urutau no fundo da mata saudando a noite que se avizinha, o chirriar agou-

rento da suindara prenunciando algum cataclismo, o pretinho "Tião Caipora" que, algum tempo atrás, fôra mordido por um jararacuçu em conseqüência do que perdeu a perna esquerda, malocado nas proximidades do pomar da "Casa Grande", divisou, à distância, sob verdejante carramanchão cuja cúpula lembrava um pálio policromo de trepadeiras e hortênsias, os namorados em colóquio amoroso. Reconheceu-os, espreitou-se até que se despediram num amplexo reverencioso, simbolizando com êle afeição intemerata, enquanto o jovem enlevado selava o "rendez-vous" com um beijo apôsto na testa de Susana, momento em que ambos firmaram o pacto de infinito amor, de profunda e eterna paixão. Na manhã do dia seguinte, logo ao romper a alva, negro Tião acenou o chapéu de palha ao coronel Sigismundo que lhe passara à frente cavalgando fogoso rosilho e rogou-lhe, com alvoroço, o favor da aproximação. Ao dar de rédea, o cel. foi ter ao pé da maloca e aí ouviu, estarrecido, tim-tim por tim-tim, a malsinação do episódio da véspera, feita com requinte pelo sabujo perneta.

Possesso, sedento de ódio, com os olhos a pularem das órbitas, o cel. fincou as esporas nas ancas do rosilho que, assustado, arrancou para o negro Tião, jogou-lhe um coice, arremessou-o à distância, tomou o freio nos dentes e disparou a tôda brida carrascal a dentro. Nesse comenos, aos pinchos, o animal espumjava com desespero e raiva. Eles pareciam endemoninhados; pareciam ambos irracionais! Finalmente, penetrando no cerrado fechado, fronteiriço à "Casa Grande", o rosilho extenuado parou "ex-abrupto", atirou ao chão o cavaleiro que (apesar de incrédulo), se grudara ao santantônio da sela; a seguir,



espojou-se no arreamento e ali ficou algum tempo enquanto durou a estupefação do coronel. Êste, no auge da ira sacou do revólver, apontou-o contra a cabeça do valente baixeiro, puxou o gatilho e prostrou-o sem vida. Consumou-se a vingança do homem presunçoso e arrogante, que possuía o dom do raciocínio e o poder da inteligência, contra indefeso irracional que, assustado e com a integridade física ferida, deitou a correr alucinadamente.

Encaminhou-se o Senhor à "Casa Grande" e, de fisionomia carregada, cruzou o corredor e fechou-se no gabinete de trabalho a fim de maquinar o plano de vindita mais torpe que nos lembra a história da criminologia. Pouco tempo aí permaneceu. Retirou-se com aspecto sinistro; mandou tanger o sino, e dentro de três quartos de hora estava reunida tôda a população da fazenda, curiosa, vacilante e submissa, para atender aos imperativos do implacável energúmeno. Escolheu êste quatro caudatários de cunho lombrosiano, mandou que dois deles fôssem buscar dois burros xucros e, demandassem os outros ao escritório, prendessem Constantino e o conduzissem ao pátio. Com a rapidez do vento viu o tirano a ordem executa-

da. Agora, insolente, orgulhoso, agindo "inter pocula", mandou os quatro ignóbeis serviçais amarrarem-no aos burros: os braços, num; as pernas, noutro. Em seguida fez abrir ala e açoiar os solípedes que, em fúria desordenada, desembestaram para rumos diferentes e em pouco tempo reduziram o desventurado jovem a pedaços. Espelhou este quadro horripilante a escala ínfima da degradação daquela gente frustrada pela inconsciência do réprobo "Senhor".

Da. Quitéria, que vinha sofrendo há muito de fortes palpitações, nessa trágica manhã sucumbiu vítima da ataque cardíaco. Ela, assim como assim, foi mais feliz que Susana! O genitor desta, declarou-a espúria, fê-la enclausurar numa masmorra úmida onde não penetrava luz nem ar; foi custodiada durante três semanas, findas as quais recebeu o galardão celestial; foi encontrada morta, mãos apostas à cabeça, cujos dedos entrelaçados formavam uma auréola de felicidade, revelando no grácil sorriso dos lábios o bem supremo da LIBERDADE!... Essa criaturinha predestinada assim findou os dias amargurados e alçou-se para os céus, porque de fato, na curta existência por este vale de lágrimas, fôra mais santa que mulher.

A notícia espalhou-se célere por toda a parte. O povo e as autoridades eclesiásticas exigiam castigo severo para o assassino. Diante do clamor generalizado, o governo mandou remeter forte expedição com ordem de conduzi-lo à Côrte, vivo ou morto. A tarefa foi difícil. Sitiada a fazenda Caraguataí, intimado o proprietário a entregar-se à justiça, houve forte reação. Os bandos armados resistiam obstinadamente à aproximação da força legal; e por meio de guerrilhas infligiam-lhe enormes perdas. Mas o cerco continuou e cada dia

apertava mais. Ao cabo de sete meses, acossados pela fome, estigmatizados por epidemias, com a falta de armamento e munição, foi o reduto obrigado a render-se. O cel. Sigismundo mandou hastear bandeira branca e solicitou garantia de vida ao comandante do trôço, o que lhe foi assegurado. Transportado o chefe rebelde para a Côrte, sob algemas, submetido a julgamento, foi condenado à morte com perda total dos bens para ressarcimento à Corôa. Considerando o pedido de clemência, o Imperador concedeu-lha, transformando a sentença em prisão perpétua com perda de apenas dois terços da valiosa fortuna. Passados quinze anos de expiação, ao ensejo da maioridade de S.A. Imperial, o Príncipe das Camélias foi, como os demais sentenciados que estavam reclusos há mais de dez anos, agraciado com o perdão da pena por S.M. Imperial. Pôsto em liberdade, o velho coronel, alquebrado, misantropo e torturado pelo remorso, andou zanzando pela Côrte alguns dias, depois do que resolveu ir para a fazenda Caraguataí.

Quando chegou à "Casa Grande" encontrou-a abandonada, muitos escravos já haviam sucumbido e, misteriosamente, outros estavam desaparecidos; do gado pouco restava: a morrinha, o berne e a bicheira haviam dizimado quase todo o rebanho. Também a lavoura pouco cuidada estava; o mato, a lagarta e a saúva devastavam tudo! Isto — dizia ele — é efeito do absentismo, tudo está arrazado! Anoteceu. Recolheu-se ao dormitório, amedrontado, pusilânime; a sua energia moral sucumbira; tentou dormir mais não pôde; o remorso roía-lhe a consciência. Estampas espichavam-se nas paredes; aqui, da. Quitéria conformada, triste e com exuberante ternura; ali, a jovem Susana com uma corôa de espinhos, tal qual

acontecera ao Mártir de Gólgota; acolá, Constantino despedaçado pelos burros; além, o rosilho com a cabeça varada por uma bala estertorava agonizante; alhures, negro Tião com os olhos muito brancos, semelhantes a duas pitombas descascadas, todo beijorra, pulando numa perna só, dava risadas sardônicas l. . Ó, tudo isto é horrível — pensou êle. E assim, alucinado, rolou a noite inteira sem conciliar o sono; ao amanhecer, o canto dos passarinhos lembravam-lhe o choro e os gritos lancinantes de suas vítimas. Logo pela manhã fez ir à sua presença o maior advinho das cercanias, antigo chefe de sarambeque, de nome Parangaretê, fechou-se com êle no quarto e contou-lhe tudo o que se dera. Confessou-se arrependido e implorou ajuda, pois queria penitenciar-se dos crimes que praticára. O prêto velho dobrou os joelhos, persignou-se e orou em silêncio durante dez minutos, findos os quais disse: Senhor meu, se quiserdes perdão de Jeová, se quiserdes paz de espirito, renunciai a tôda riqueza terrena, entregando-a àqueles que infelicitastes; depois, pela oração conseguireis afugentar o Tinhoso do vosso coração; só por meio do bem e da caridade podereis ser perdoado dos hediondos crimes que praticastes. Ide antes que vos seja tarde”.

Cel. Sigismundo não vacilou, e a partir desse momento começou a distribuir os bens com a pobreza; tôdas as noites reunia na “Casa Grande” a gente dos arredores, rezava um terço e o oferecia às almas das suas vítimas. Assim procedeu enquanto pôde. Quando não mais possuía bens de nenhuma espécie, reduzido à condição de extrema penúria, passou a viver daquilo que lhe davam. Foi dêste modo que conseguiu paz e alegria. Certa noite, na hora das orações, aconteceu êste fato extraordinário: Sigismundo ajoelhado, de mãos postas, co-

ração contrito, com o olhar voltado para o céu viu, como os demais presentes, um clarão estranho; uma como réstia de luz, acompanhada de hinos celestiais, desceu sobre aqueles olhares maravilhados e penetrou no corpo de Sigismundo; era o espírito do bem que acabara de receber. Entrementes, do seu corpo saíra uma sombra cambiante que logo tomou a forma de remoinho, exalou forte odor sulfúreo e foi ter à maloca do negro Tião em cujo costado engarupou-se e dali meteu-se no mato e atirou-se nos caminhos a molestar caçadores e viajantes, infundindo-lhes pavor imenso com seu aspecto diabólico.

Tantas foram as suas proezas, que se tornou temido e conhecido por tôda a parte pelo nome de *Saci - pererê*. O cel. Sigismundo, a partir daquela noite de mistério e encantamento, ficou metamorfoseado. Tornou-se dócil, humilde, filantropo e compreensivo. Para todos tinha êle um sorriso de bondade. Onde havia um enfermo, também aí estava êle tratando-o, curando-o e encorajando-o. Ainda viveu muitos anos na mais completa felicidade.

Chegou a ser idolo de tôda aquela gente humilde que, a cada momento, recorria à sua benevolência. Chegou, porém, o fim. A sua missão terminara.

Numa tarde radiante de sol, ao sopro sussurrante da brisa, no esplendor do hosana entoado por miríades de “SERAFINS”, restituiu a Deus o espírito benfazejo que lho dera.


Esta é a história que nos meus idos de criança contavam de certo coronel Sigismundo Tabuão. Foi por ela que aprendi o que vem a ser transmigração das almas.

ME- TEMP- SI- CO- SE!...

Bonito nome.

35.º ANIVERSÁRIO DE UM FEITO HERÓICO

ANTÔNIO JOÃO DE AQUIDAUANA



Corria o ano de 1921, na progressista cidade matogrossense de Aquidauana. Comandava o Destacamento Policial o então 2.º ten. José Marques Pereira, hoje Tenente Coronel que, com a consciência tranqüila pelo dever cumprido desfrutava, na reserva remunerada, do repouso a que fez jus, após 47 anos de agitados e continuos labores prestados ao Estado de Mato Grosso, em cujo longo caminhar, como prêmio aos serviços prestados obteve as promoções de 2.º Tenente a 2-VI-1917; de 1.º Tenente, por bravura, a 24-VI-1921; de Capitão, por merecimento, (relevantes serviços) a 20-X-1926; de Major, por merecimento, a 19-V-1932, e a de Tenente Coronel, ainda por merecimento, a 3-XII-1937, pôsto em que passou para a reserva em 1955.

Foi combatente de 32 e sofreu com São Paulo o amargor da derrota, tendo, para fugir à ira dos vencedores, que se homiziar em território paraguaio por longos meses.

Facé à ação, no movimento armado dos ferroviários da Noroeste do Brasil, em 24-VI-1921, que abaixo transcrevemos, passou o então tenente Marques, desde êsse dia, a ser cognominado de "ANTÔNIO JOÃO DE AQUIDAUANA".

Recordar é viver. Vamos, pois, nos transportar para os idos de 1921 e viver; por alguns instantes, as horas intensamente vividas pelo herói do feito — o ten. cel. José Marques Pereira — em 24-VI-1921 e, vamos fazê-lo, aproveitando para isso o que escreveu, retratando-o fielmente, o historiador pátrio general A. Nogueira Junior, quando Major, nas páginas da "Revista de Policia", do Rio de Janeiro, em outubro de 1939.

"... Passamos um olhar retrospectivo àqueles fatos, partindo das derradeiras horas do dia anterior.

Um dos operários das oficinas da Noroeste, Pedro Mineiro, tomado de ciúme, esfaqueara bãrbaramente uma decaída, prostando-a, com hemorragia generalizada, nas vascas da agonia. Praticado o crime, homiziará-se no interior daquele centro industrial procurando furtar-se à ação da Justiça, sob a cumplicidade dos seus desgovernados companheiros de trabalho.

Um entendimento, porém, se processou entre o delegado de policia e inspetor do tráfego da Noroeste, donde surgiu a prisão do criminoso, não obstante ser o meio hostil.

A intervenção da Justiça nas dependências da Estrada foi para os ope-

rários como um ato de invasão às regalias e indenidades com que tripudiavam sobre a Lei e seus legítimos representantes locais.

Rumores mal sustidos, diálogos exaltados, explosão de ódios, denunciavam o desencadear da tempestade. Foi como se houvesse lançado o rastilho da rebelião.

Como primeira demonstração de seus desmandos, aquela mole desenfreada improvisou, numa linguagem de arriero, o mais deslavado "ultimatum" ao delegado de polícia, intimando-o a libertar, em breve prazo, não somente aquele criminoso, como a totalidade dos presos da cadeia local.

A seguir, cercaram a estação e ali prenderam três policiais, que amarraram e sequestraram, depois de despojá-los dos uniformes e de seus armamentos, com que permaneciam às ordens do agente respectivo para a manutenção da ordem nas horas da chegada e da partida dos trens.

De nada valeu a intervenção humanitária do agente, que foi obrigado a permitir, ainda, a detenção daqueles soldados, assim manietados, numa das dependências da estação.

Teve a mesma ineficiência a palavra vibrante do ilustre tribuno dr. Álvaro Novis que, em palavras emocionadoras, procurou reconduzir aquela turba ao domínio da razão.

Sob a direção dos mais exaltados, escoado o prazo, a multidão operária, calculada em mais de centena, estrategicamente avançou, em três colunas, tendo por objetivo cercar e tomar de surpresa a delegacia e o quartel, massacrando os defensores da ordem.

Por felicidade, o tenente Marques, que ia normalmente à estação na hora

do trem, fôra chamado a solucionar um assunto urgente relacionado com a administração do destacamento. Chegando ao quartel, teve necessidade de obter certas informações de um seu subordinado, carcereiro da cadeia. Para não desfaltar a guarda do edifício, incumbiu o sr. José Faria, seu amigo, de ir procurar aquela praça.

Momentos depois regressava com ela. A fisionomia alterada por evidentes sinais de cansaço, atestavam uma corrida forçada para trazer a tempo as inquietadoras novas que lhe tinham chegado ao conhecimento.

Imediatamente, determinou àquela praça que fizesse recolher ao quartel o minguido destacamento e, juntamente com o sargento Virgílio, procurou a delegacia de polícia para combinar com o delegado as diversas medidas a tomar.

Antes, porém, o antigo delegado, ainda sob os efeitos depressivos de casos anteriores, surpreendido e sem confiança na eficiência bélica do destacamento policial, nem sabia como resolver aquêle incômodo caso. Acabara de receber a intimação dos amotinados e, sumariamente, sem ouvir o comandante do destacamento, dera ordens diretas, capitulando sem condições.

Foi quando chegou o tenente Marques, que declarou não cumprir aquela determinação, por atentar contra o princípio da autoridade e desmoralizar a força militar.

Chegaram notícias da aproximação dos rebeldes, e o delegado convidou o tenente para aproximar-se da janela, a fim de observar melhor.

Entrementes, percebeu-se o deflagrar de armas e o alarido provocador da coluna mais próxima.

Não havia mais tempo a perder; o tenente correu em direção ao quartel,



Cabelos sedosos

PETRÓLEO
JUVENIA
TONIFICA-FIXA
PERFUMA



acompanhado de perto pelo seu denodado sargento.

Foi um percurso rápido e movimentado. As balas dos amotinados silvando no ar, ameaçavam atingi-los. Felizmente, o fogo mal orientado, apenas em recochete fazia estragos nas paredes e no chão.

Foi neste gesto que se caracterizou o ato de bravura e assim muito bem o definiu o Exmo. Sr. General Joaquim Inácio, Comandante da Circunscrição Militar, na época.

Dentro do quartel, já foi encontrado um pequeno contingente de 5 praças que foram dispostas nos pontos estratégicos, amparado pela alvenaria da construção e relêvo do terreno.

Em poucos minutos a fuzilaria atacante se adensou sobre o edifício do quartel, que ficou completamente cercado. Mas, aquêlê núcleo denodado de defensores da ordem, estava coêso e firme, respondendo bala por bala, ameaça por ameaça, sem ceder o mais leve traço do terreno.

NOTA DA REDAÇÃO — Como bem sentiu o prezado leitor, admiráveis, sob todos os aspectos, foram os atos de bravura com que se impôs aos acontecimentos precipitados o então tenente José Marques Pereira. Exaltou-se, sem dúvida, à admiração dos seus companheiros, e deu, a quantos souberam do cometimento heróico, demonstração inequívoca do que pode o homem quando, no cumprimento do dever, tem a inspirar-lhe o mais alto senso de responsabilidade.

A rememoração do feito é, inegavelmente, a melhor homenagem que MILITIA pode prestar ao seu grande amigo ten. cel. José Marques Pereira; de outra forma, muito nos apraz divulgar tais fatos que, por tudo, se firmam como exemplos dignos de serem imitados pelas policiais-militares de todo o Brasil.

O cabo João Francisco recebeu, no acesso da luta, um ligeiro ferimento, cuja bala de recochete foi encravar no tecido adiposo, mas não saiu da linha de fogo enquanto não viu desmoralizadas as linhas atacantes. Então, com auxílio do tenente Marques e do cabo Severino José Inácio, arvorados em cirurgiões, em manobra rápida, destacou aquêlê corpo estranho para correr, logo, à defesa do seu pôsto, como se nada lhe houvesse acontecido.

Ao cair da tarde, entre os primeiros sinais de desorientação que lavrava nas hordas atacantes, viu-se tombar para sempre um dos mais açodados e foi como se tivesse soado entre êles o toque de retirar.

Os últimos frangalhos dos amotinados afastaram-se em desabalada carreira. O campo adversário, além do morto, apenas apresentava o listamento rubro que atestava os efeitos seguros das armas da lei.

Não apareceram feridos. O receio era a causa".

DOIS COMANDANTES

HA vinte e quatro anos hoje, no dia subsequente ao início do Movimento Constitucionalista de 1932, o povo aclamava, no antigo largo do palácio, atual pátio do Colégio, governador de São Paulo o embaixador Pedro de Toledo. Tendo se demitido, em razão do levante revolucionário cuja chefia civil tomava a seus ombros, do cargo de interventor federal, o venerando paulista recebia o mais alto e o mais expressivo testemunho da consagração e da confiança da gente bandeirante.

Foi na mesma oportunidade, no canto onde se ergueu outrora a primeira escola de Piratininga, que a população paulistana prestou significativa homenagem a um dos destacados e corajosos líderes da luta desencadeada: o coronel Júlio Marcondes Salgado, comandante da nossa Força Pública. Sabemos como o bravo paulista recebeu esse posto, no instante de tamanha delicadeza, quando a ditadura fechava o cerco ao nosso Estado. Discreto, firme, inabalável nas convicções, o comandante Salgado adestrou seus comandados para quaisquer surpresas, e salientou-se ao lado de chefes militares de envergadura como general Isidoro Dias Lopes, general Bertoldo Klinger, coronel Euclides de Figueiredo, coronel Palimércio de Resende, coronel Pedro Dias de Campos e outros merecedores da nossa admiração e gratidão.

O destino se mostrou cruel, entretanto, com o comandante da Força Pú-

blica. Pouco tempo após, o coronel Júlio Marcondes Salgado caía vitimado por uma explosão de bombarda, acidente em que também ficou ferido o general Bertoldo Klinger. São Paulo em pêsos se cobriu de luto, ante a tragédia. E o comandante Salgado desceu ao túmulo, envolto nos lauréis da glória, porque lhe pertencia em grande parte o preparo do levante pela redenção do Brasil.

Outra figura da Revolução de Nove de Julho que se realizou naqueles dias, particularmente nas linhas de frente de combate, foi Romão Gomes, advogado e coronel da Força Pública. Esteve sob sua direção um dos setores mais agueridos da revolta, e se tornou verdadeiro ídolo dos voluntários sob seu comando. A mocidade da Faculdade de Direito, que esteve em primeiro plano tanto na propaganda como no desfêcho da batalha, fez de Romão Gomes o símbolo da altivez e do heroísmo da juventude bandeirante.

Nesta hora, ainda aos ecos das comemorações da arrancada epopéica, ao rememorarmos a aclamação do governador Pedro de Toledo, rendemos o tributo de reconhecimento e saudade aos dois filhos de São Paulo, ambos falecidos, que dignificaram a terra natal no campo de honra, dois comandantes em quem nosso Estado depositou, também, as esperanças do seu imenso destino: Marcondes Salgado e Romão Gomes.

(De "A GAZETA" de 10-VII-56)

O SERVIÇO DE SUBSISTÊNCIA

Muitas pessoas, especialmente as donas de casa, terão curiosidade em saber como é a cosinha de um quartel. De fato é interessante!

Antigamente, cada quartel da Força Pública tinha a sua cosinha, por nós chamada «rancho». Eram os chamados ranchos administrativos, isto é, administrados pela própria unidade. Nos batalhões do interior ainda é assim.

Atualmente, aqui na Capital, existe o Serviço de Subsistência, criado em 1948 pelo sr. cel. Eleutério Brum Ferlich, então comandante geral da Corporação.

Esse Serviço nada mais é do que uma grande cosinha, onde se preparam normalmente 3.000 refeições diárias e, excepcionalmente, como nos casos de prontidão, cerca de 5.000 refeições.

As donas de casa ficariam surpresas se vissem o tamanho das «panelas». Já nos perguntaram se realmente jogamos uma saca inteira de arroz em uma dessas pane-

las, sem lavar, de qualquer forma. Realmente vai uma saca de arroz e até mais, porém há um processo especial de lavagem. Não se trata de panelas comuns, aquecidas a gás ou fogo de lenha, mas sim de caldeirões «Wallig», aquecidos a vapor, por duas caldeiras, cujo combustível é óleo «Diesel».

Possuimos 20 desses caldeirões.

São observados na preparação, os mais avançados princípios de higiene alimentar. O Serviço de Subsistência teve inicialmente a direção de pessoal técnico e formado em alimentação — nutricionistas.

As condições de nosso clima e a natureza do trabalho de nossos homens foram cientificamente estudadas, e as refeições são preparadas de forma a suprir as necessidades diárias de calorías. Assim, para os nossos homens são preparados cardápios que variam entre 3.000 a 3.900 calorías por dia.

A variedade, o aspecto e as condições higiênicas visam estimular o

soldado a se alimentar bem para poder resistir às agruras do serviço.

Como todos sabem, o serviço de sentinela, rondas, patrulhas e guardas, é estafante. Só homens bem preparados e alimentados racionalmente podem realizar essas tarefas. Durante 24 horas de serviço, o soldado descansa 4 e fica de sentinela 2, continuamente. Além disso, quando os soldados não estão em serviços dessa natureza, têm que realizar exercícios físicos e militares para conservarem a forma.

Esses são alguns dos motivos por que nos preocupamos seriamente com a alimentação.

As instalações do Serviço de Subsistência estão localizadas no quartel do Batalhão «Tobias de Aguiar», na avenida Tiradentes. É um ponto central de nossos quartéis, e para lá se dirigem os homens disponíveis nas horas das refeições. Para os demais, escalados de serviço nos diferentes estabelecimentos, a alimentação é conduzida por viaturas, em grandes marmitas térmicas.

O movimento do Serviço é intenso. Madrugada ainda, são ligadas as caldeiras para a primeira refeição, o café da manhã. Todos recebem uma ração de café, leite, pão e manteiga, perfazendo 354 calorias.

O almoço e o jantar constam, em princípio, de feijão, arroz, macarrão, carne, verduras, fruta ou doce e café, num total aproximado de 1440 calorias.

A distribuição é moderna, higiênica e interessante. Os homens se colocam em fila, entregam um vale e vão recebendo, em bandeja especial, os pratos do dia. Essa bandeja se encaixa em uma mesa com capacidade para quatro pessoas.

O ambiente é agradável e convidativo.

Existe no Serviço uma gigantesca câmara frigorífica para a conservação dos gêneros.

Além de suprir em alimentação os elementos da Fôrça Pública, o Serviço fornece refeições a instituições de caridade, a visitantes, a delegações, etc. É vasta sua atividade filantrópica.

O Serviço não visa lucro, e faz reverter em melhorias qualquer importância que ultrapasse os gastos.

Os homens de serviço são alimentados por conta do Estado, e os de folga pagam pequena importância.

Embora não sendo tão apetitosa como uma refeição feita no lar, estamos certos que satisfazem plenamente as preparadas pelo Serviço de Subsistência.

Muito jocosamente, quando um soldado dá baixa e depois resolve voltar para a Fôrça Pública, seus companheiros lhe perguntam: «Então, não tocou rancho lá fora?»

A Fôrça Pública procura, dessa forma, assistir seus homens para que eles estejam sempre a postos, servindo a gente de Piratininga.

É ASSIM QUE EU TE AMO...

CONCEIÇÃO B. RIBEIRO

É assim que eu te amo, minha cidade Aparecida do Norte.

Sol no morro do Cruzeiro, iluminando a Cruz, sol na torre da Basílica parecendo duas mãos douradas, Mantiqueira azul, Paraíba prateado e luar no Pôrto Itaguaçu.

E corações batendo na vibração do Amor que funde a cadeia que envolve o divino e tudo se eleva.

Um dia chega para a alma da cidade — 6 de julho.

A missa e a oração. Saudade e gratidão. O exemplo e o dever. O presente e o futuro.

O olhar se estende para a eternidade das coisas e se festeja quem deixou o nome na página da História.

É assim que eu te amo, minha cidade.

Missa com orquestra da Basílica e levada nos ares pela Rádio Aparecida. Fanfarras e marcha batida. Ginásio desfilando com o brasão de armas. Bandeiras do Brasil e de São Paulo. Guardas de Honra da Basílica levando uma cruz florida. A "Guarda Mirim" marchando e avivando a esperança do Brasil.

O Prefeito chama a cidade:

— Presente!

O povo enche a rua e a espera toma um sentimento religioso.

O comércio fecha a porta.

Vem vindo a caravana trazendo os restos mortais dos heróis de 9 de julho de 1932: general Isidoro Dias Lopes e cabo José Benedito Salinas.

O cortejo pára na Praça "Dr. Benedito Meireles" e sobe a pé, a cantada ladeira Monte Carmelo.

Da Praça "Nossa Senhora Aparecida", dirige-se à Basílica, onde ficaram as urnas carregadas por autoridades. Após a Missa de Réquiem, o Revmo. Vigário padre José Ferreira da Rosa, na cerimônia da encomendação dos restos mortais dos soldados heróis, desperta a lembrança de Anchieta no planalto de Piratininga, erguendo e abençoando paulistas que caíam feridos e mortos.

Despedindo-se de Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, na Praça, a concentração lembra São Paulo de 1932 e o nosso ex-Prefeito Benedito Júlio Barreto, formando o Batalhão "Nossa Senhora Aparecida".

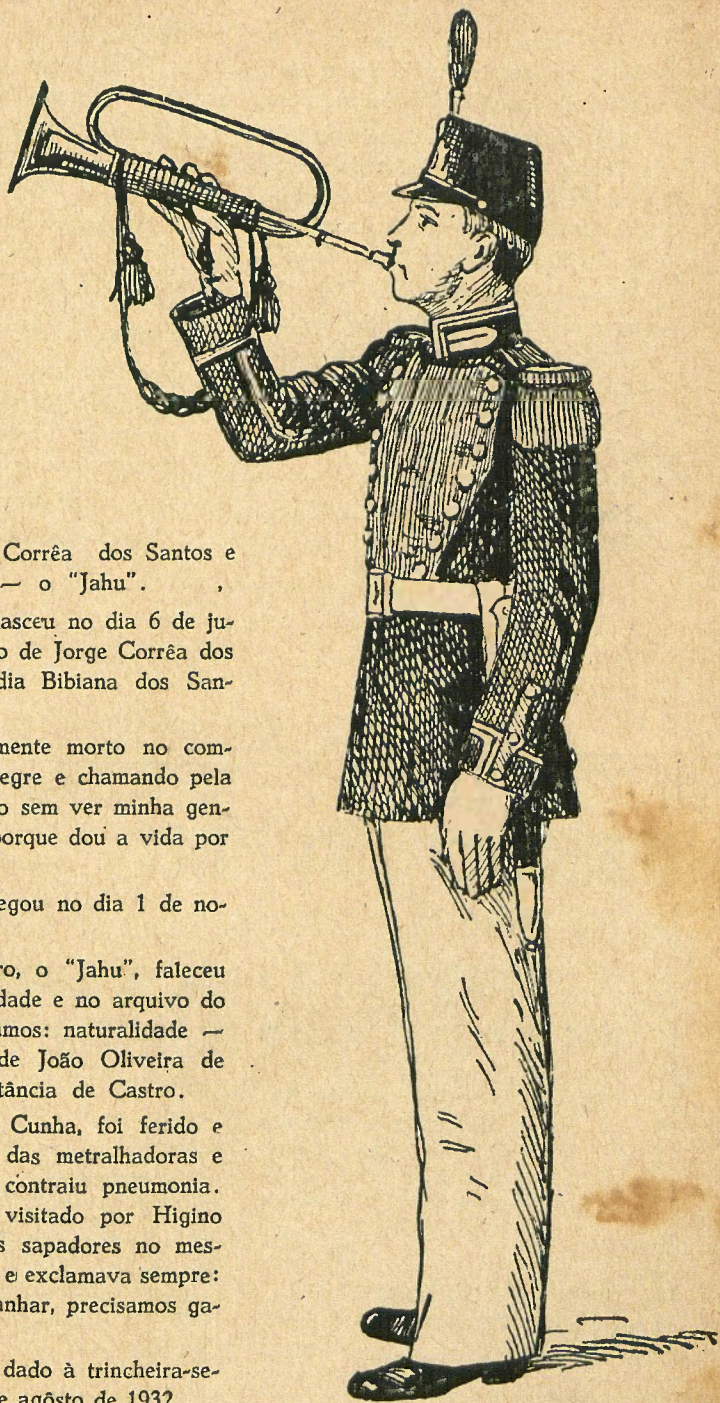
Instante de emoção ao ouvirmos os nomes dos heróis e a leitura do Boletim.

Fala o Prefeito.

Faz sentir que Aparecida recebe genuflecta a caravana e deposita o brasão de armas nas urnas que ficarão no Monumento-Mausoléu no Ibirapuera, porque na descrição heráldica:

"A corôa mural tem sobre sua parte principal um castelo, para lembrar à posteridade que Aparecida foi pôsto de Comando das Forças Constitucionalistas no inolvidável movimento de 32, onde lutaram seus filhos ilustres".

Onde lutaram e morreram seus dois filhos:



Maximiano Corrêa dos Santos e José de Castro — o "Jahu".

Maximiano nasceu no dia 6 de junho de 1910, filho de Jorge Corrêa dos Santos e de Lydia Bibiana dos Santos.

Foi gloriosamente morto no combate de Pouso Alegre e chamando pela mãe, dizia: "morro sem ver minha gente, mas contente porque dou a vida por São Paulo".

Seu corpo chegou no dia 1 de novembro de 1933.

José de Castro, o "Jahu", faleceu com 29 anos de idade e no arquivo do cemitério, encontramos: naturalidade — Aparecida, filho de João Oliveira de Castro e de Constância de Castro.

Combateu em Cunha, foi ferido e no calor do fogo das metralhadoras e no frio da noite, contraiu pneumonia. No Hospital, era visitado por Higino Macedo, chefe dos sapadores no mesmo setor de Cunha e exclamava sempre: "nós precisamos ganhar, precisamos ganhar".

Seu corpo foi dado à trincheira-sepultura, no dia 3 de agosto de 1932.

"Jahu" era corneteiro-mor da "Associação dos Escoteiros de Aparecida" e era a base das pirâmides ornamentais.

Um corneteiro gentilmente cedido pela Escola de Especialistas da Aeronáutica, de Guaratinguetá, após a oração do Prefeito, tocou Alvorada e o toque de Silêncio, recordando "Jahu".

A caravana seguiu pelo Vale do Paraíba, abrindo uma trincheira invisível, paralela a de 1932: duas linhas que vão encontrar-se no infinito.

O cabo José Benedito Salinas, era soldado da 2.ª Companhia n.º 232, do 5.º B.C.P. da Força Pública.

Na manhã de 9 de julho, a "Guarda Mirim", criada pelo sargento Aristeu

de Oliveira, também do 5.º B.C. da Força Pública, vai ao cemitério e os guardinhas deixam flores e a bandeira paulista sobre a sepultura dos heróis aparecidenses que repousam juntos porque tomaram pelo mesmo Ideal.

E às dezoito horas, na batida da Ave-Maria, dois guardinhas recolheram a bandeira de treze listas.

É assim que eu te amo...

Mocidade desfilando.

Fanfarrá. Marcha batida.

Aparecida rezando,

Entrega uma cruz florida.

Muito obrigada, Senhor Prefeito
José Geraldo Lemes Valladão.

MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA!

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dele.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

PROMESSA

Antônio Rubião da Silva Jr.

*Viva! nasceu Sebastião,
negrinho robusto e forte,
filho de João Boa Sorte,
o mais valente pretão.*

*Foi Balbina, a jovem filha
do Juca de Traz da Ilha,
quem deu à luz o petiz,
Franzininha e bem fortinha,
a bela criaturinha
Ficou contente e feliz.*

*João, que era quieto, sizudo,
negro forte, espadaúdo,
só pensava em festejar!
Tornou-se loquaz, radiante,
comentando, triunfante,
a notícia singular!*

*Orgulhoso, o Boa Sorte
pensou à sua consorte
com um presente agradecer.
Chegou-se ao ouvido dela,
dizendo com voz singela
o que pretendia dar:*

*— Daqui a um ano, cigana,
a esta nossa choupana
outro nenê vai chegar!...*

AS CATARATAS DA = FOZ DO IGUASSU =

Cap. Jorge Mesquita de Oliveira

As gentilezas com que os colegas têm recebido as crônicas de viagem escritas anteriormente, são as responsáveis pela minha presença nas páginas da "Militia". Os livros oferecem grande vantagem sobre os camaradas prolixos, porque, enquanto não sabemos o que fazer com estes, fechamos aqueles quando não aborrecem. Estas facilidades me animam a insistir.

Eu tentei ir à Foz do Iguassu três vezes. Sômente na última deu certo. A primeira, quando consegui com o Chefe do E.M. da Zona Aérea uma passagem no CAN (Correio Aéreo Nacional). A passagem eu arranjei, o que não consegui foi lugar no avião que vinha do Rio. Todo paramentado de turista, voltei para casa aborrecido, mas não desanimado. A segunda vez, estava em Curitiba já inscrito numa excursão turística, quando a mudança de data de uma prova de tiro transtornou meus planos. O homem põe e Deus dispõe. Mas fica aberta ao homem a possibilidade de repor. Por intermédio de meu velho amigo Del Nero, consegui nova passagem no CAN, desta vez com direito a lugar no avião.

O avião da F.A.B. vai numa sexta-feira e volta na segunda-feira seguinte. O tempo, portanto, suficiente para os passeios. O avião abastece as guarnições da fronteira do Brasil com a Argentina e Paraguai, pois a viagem, que é feita em três horas, demoraria pelo menos uma semana por estrada de ferro e via fluvial. Em seu itinerário, o avião pas-

sa por Curitiba, Foz do Iguassu, Pôrto Guaira, e estende-se até Assumpcion, no Paraguai. O Estado do Paraná possui a melhor terra de cultura do Brasil. A vista aérea de seu território é muito bonita. Grandes lavouras, os pinheirais e depois a mata exuberante. Após cerca de duas horas de vôo, saindo da capital paranaense, o aviador nos mostrou, por sobre as copas das árvores, um chumaço branco, parecendo a fumaça de uma queimada. Era a neblina atinada à grande altura pela maior das quedas das cataratas da Foz do Iguassu. Sobrevoamos as cachoeiras e já pudemos ter uma idéia de sua grandiosidade. O aeroporto fica próximo à cidade de Foz do Iguassu, e esta dista 18 quilômetros das quedas. Alojei-me no único hotel que lá existe. Nós, brasileiros, não entendemos nada de turismo. O hotel é feio e pouco acolhedor, como um quartel. Encontrei-me com um grupo de pessoas, quase tôdas estrangeiras, que tinham ido em uma das linhas-aéreas regulares (REAL e VARIG), para ver as quedas, e que também lá estavam hospedadas (que remédio, é o único que há). A noi-

te não há música, pois o gerente não gosta. Ora, numa cidade como Foz do Iguassu, onde não há cinema, nem confeitaria, nem nada, a falta de música no hotel é um desastre. Os corredores silenciosos, a cidade às escuras, a responsável pelo hotel com aspecto de adjunto de dia... dá uma vontade louca de chorar. Os turistas ficaram olhando um para a cara do outro, até que resolvemos ir dormir, às 21 horas. Isto pode ser bom para mim, mas para turistas, não. Pela manhã assisti a uma ceia que só é aceitável porque o arrendatário não estava lá, eis que, com êle presente, não creio que isto fôsse possível. Um casal de uruguaios deixou para tomar o café da manhã, pouco depois das 9 horas, e foi informado que depois daquela hora não se servia mais café. Se houvesse outro lugar para tomá-lo já seria sem graça, mas não havendo, os turistas ficaram sem café. É possível fazer turismo assim? Perdoe-me o arrendatário, mas estas referências precisam ser feitas porque devemos cuidar desta grande indústria que é



Aspectos de Cochimilco — MEXICO

o turismo e, somente aprendendo alguma coisa a respeito, poderemos pretender que os estrangeiros ve-

Vista parcial das Cataratas da Foz do Iguassu



nham ver o que temos de belo. Eu já andei por muitas partes do mundo e nunca vi nada mais bonito que as cataratas da Foz do Iguassu; entretanto, temos muito mais brasileiros que conhecem a Gruta Azul nas Ilhas de Capri, e os canais de Cochimilco no México, que as nossas grandiosas cachoeiras da Foz do Iguassu. Quando fui ao México, a primeira cousa que me disseram foi que não deixasse de ir ver Cochimilco.

Eu, como todo estrangeiro, fui visitar Cochimilco. As fotografias que vão publicadas junto a uma da Foz do Iguassu, é para que o leitor, sem mais palavras, possa analisar como não entendemos nada de turismo.

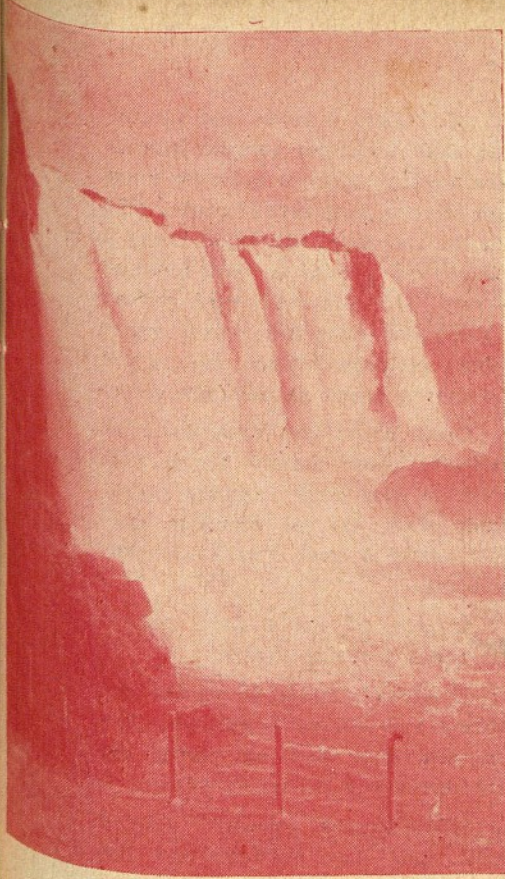
O turista é um camarada que está passeando, não fazendo muito questão de gastar dinheiro, mas é exigente na questão de conforto e divertimento. E' preciso criar um ambiente de encanto, de facilidade, de aconchego. O govêrno do Estado do Paraná precisa pensar um pouco no assunto.

A visita às quedas se faz em duas etapas. Primeiramente fomos ao lado argentino. Deixem-me explicar primeiro, que o rio Iguassu, neste trecho, serve de divisa entre o Brasil e a Argentina, passando a linha divisória pelo meio do rio. A parte do rio próximo à margem direita sai diretamente, fornecendo quatro grandes saltos, sendo que o maior, «A garganta do Diabo», mede 80 metros de altura, e os outros, cêrca de 60. A metade do maior e os outros três, são brasileiros. A parte esquerda do rio abre-se em um

extenso leque, de cêrca de 3 quilômetros, subdividindo-se em 18 saltos, todos argentinos. O rio Iguassu encontra-se com o Paraná, após uns 1.000 metros das quedas, lugar onde se encontram as três divisas: Brasil, Argentina e Paraguai. Atravessamos o rio Iguassu para o lado argentino, e fomos recebidos em um acolhedor hotel de estilo rústico, mas muito simpático, não somente no aspecto, como no tratamento. Um guia nos acompanhou e percorremos todos os recantos dessas majestosas quedas. O estrondo das águas, a amplitude do cenário e a exuberância da natureza não cabem dentro de nós; sentimos necessidade de falar com alguém, dizer de nossa admiração ante a maravilha que nossos olhos viam.

Pelo lado argentino, avança-se por umas pequenas pontes de madeira, sôbre as quedas, podendo-se penetrar quase até o meio delas. Almoçamos lá e, pela tardinha, regressamos.

No dia seguinte fomos visitar o lado brasileiro. A vista dêste lado é ainda mais bonita. Pode-se descer até ao pé dos grandes saltos brasileiros, tocando-se com a mão nas águas. Sentimo-nos pequenos perto de tanta grandeza. No lado de cá descortina-se todo o conjunto. E' como se o lado argentino fôsse o palco e o brasileiro fôsse a platéia. Daqui o espetáculo é imponente. Uma professora canadense que estava fazendo uma «tournée» pelo mundo, disse que as nossas quedas são incomparavelmente mais bonitas que as de Niagara. Só que as de lá são preparadas para receber



Outro aspecto da Foz do Iguassu

turistas, e as nossas estão como Deus as fêz. Estas são mais altas, muito mais extensas e muito mais variadas, panorâmicamente. Entretanto, quantos brasileiros que conhecem Niagara nunca pensaram em ir à Foz do Iguassu. Pensando bem, eles têm razão. Quem poderia pensar em ir passar lua de mel em Foz do Iguassu? Permitam-me repetir. Turista quer conforto. Até eu gosto de conforto.

O Estado do Paraná estava construindo um grandioso hotel, bem próximo às quedas, mas, com a proibição do jôgo, as obras foram sus-

pensas. Seria difícil manter um hotel luxuoso naquelas paragens, sem auxílio do jôgo. Com a noção que temos de turismo é difícil, mesmo.

Na cidade Foz do Iguassu, toma-se um barco fluvial e, depois de 12 horas de viagem, subindo o rio Paraná, chega-se ao pé das monumentais Sete Quedas. Toma-se um trênzinho e viaja-se 4 horas até o Pôrto Guaiá, acima das quedas. O rio Paraná, com tôda a sua imensidade, estreita-se até 40 metros e projeta-se todo na mais espetacular e barulhenta queda do mundo. Estas quedas não têm a largueza das de Foz do Iguassu, nem a sua majestade, mas constitui outro espetáculo digno dos deuses. Nestas, a natureza mostra tôda a sua fôrça, tôda a sua pujança. São belezas diferentes, mas ambas demonstram a plenitude da grandeza divina.

Sair do Brasil para ver natureza e moça bonita, é renomada tolice.

Para não perder o impulso, dei um pulo até o Paraguai, comprei uma garrafa de «cana aristocrática», e voltei.

Com estas minhas andanças, perdi o avião do CAN e tive que voltar em avião da REAL. Comprei a passagem e, quando fui pagar o hotel, precisei vender minha garrafa de cachaça paraguaia para completar o montante. Cheguei em São Paulo com 5 cruzeiros no bolso, mas se houve passeio que valeu a pena, foi este.

As cataratas estão lá. Que faz você, amigo leitor, que não vai vê-las? A vida não é só pôr dinheiro no banco.

MEU terceiro ano de segunda série ginasial. Época dos exames.

Ainda sob os efeitos do vinho do jantar, converso com meus pais sôbre a vida escolar. Eles desejam que eu passe de ano e comece vida nova.

Após promessas de audaciosos castigos, surras brutais, proporcionadas pelas grossas e pesadas mãos de meu genitor, que não me inspi-

EXAME DIVERTIDO

Ten. ROSSI

ravam «muito» medo, resolvo ceder para não causar mais êsse aborrecimento aos meus queridos pais.

Nada estudei de História, e a nota exigida era muito alta, fruto de um ano preocupado com brincadeiras e passeios campestres em dias úteis de aulas. Decido-me a enfrentar o professor e lhe contar minha triste «história».

Não, isso não está em mim! Pedir favores àquêlê famigerado ruminador de datas, de nomes complicados e de fatos históricos sem nenhum interêsse. Jamais...

Estudarei. Estudarei muito e só me contentarei com a primeira nota da turma. Ótimo, assim é que se deve pensar. Porei em prática meus práticos e sadios pensamentos.

Ah! Como o sonho me atrapalha! Êsse utopismo sempre lutando para me transformar, cada vez mais, num relapso, num recalcitrante. Não adianta sofismar, são 22,00 horas e o início das provas se dará amanhã às sete. O único meio será aplicar o golpe dos anos anteriores, muito embora já tenha falhado, motivo por que marco passo na segunda série.

Onde arranjarei uma lista de pontos a estas horas? Minha maninha de doze anos, também na segunda série, vai ser acordada imediatamente! A sorte é uma boa companhia.

Quanto pó neste livro, parece até nunca ter sido usado.

E agora? Todos os pontos são difíceis e o tempo é escasso. Enfim, vamos a êste, as partes são bem menores e gostei do título.

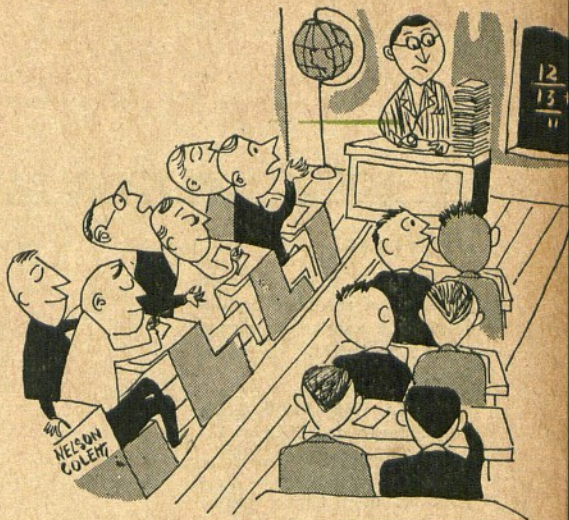
Método para estudar? Isso é muito fácil! Ler, esquematizar, desenvolver o esquema por partes, compilar uma vez e só esquecer depois da morte. Mãos a obra.

Êste despertador sempre a me irritar. Ua manhã gostosíssima para ficar na cama e eis os sons estridentes dêste correto trabalhador. Tomo café e parto conformado para a escola, sem o mínimo entusiasmo.

Hora do exame. Olho para os meus colegas de infortúnio e divisões no olhar o desânimo, o esperar por um milagre. Estou calmo como nunca. O primeiro aluno é chamado, outro mais, assim sete alunos. Meu ponto ainda não saiu. Começa a preocupação, paira dúvida em meu cérebro. Dirige-se o

Wilson à mesa e sorteia o meu único ponto estudado. Perco as esperanças e me estarrego na cadeira.

Outros alunos são chamados e os pontos voltam novamente para serem sorteados. Já sem esperança sinto vontade de abandonar a sala e, quando vou pôr em execução a idéia, sou chamado. Minhas pernas vacilam, penso em minha mãe, faço uma oração. Vagarosamente enfio a mão no saquinho verde da esperança e retiro a pedra responsável pela vitória ou pelo meu fracasso. Com os olhos ainda medrosos, olho a pedra e num sorriso irônico desabafo todo o meu torpor. Pedra



número quatro. Coloco-a sobre a mesa e o meu íntimo grita: Adeus segunda série!

Em casa o chicote folgava naquela tarde...

ALFERES EM COMISSÃO

Nos últimos anos do século passado, São Paulo progredia a passos agitados. A onda verde dos cafézais saltara do Vale do Paraíba e caminhava avassaladoramente para o Oeste. Cidades nasciam de um dia para o outro, povoavam-se os sertões; sítios ou fazendas de hoje, eram as vilas e cidades de amanhã.

Surgiu, então, um sério problema. Zonas novas desbravadas povoavam-se, enriqueciam-se e, naturalmente, atraíam os malfeteiros. Criavam-se destacamentos policiais, mas, faltavam à sua frente, pessoas de responsabilidade, capazes de resolver de pronto e serem obedecidas pela sua posição. O serviço policial de carreira estava no seu início. A oficialidade da Força fora totalmente absorvida e o Estado não dispunha de elementos para aumentar o seu efetivo. Urgia uma providência. E ela veio com a criação do ALFERES EM COMISSÃO.

Pelos § 1.º e seguintes, do artigo 3.º da Lei n.º 653, de 16 de agosto de 1889, foi autorizado o comissionamento no posto de alferes, dos inferiores necessários ao comando dos destacamentos mais importantes. Recebiam eles, por conta do Estado, o uniforme e o armamento de oficial, enquanto que continuavam a perceber os vencimentos da graduação efetiva.

Esses alferes em comissão prestaram relevantes serviços ao Estado e, quando chegou a Missão Francesa, ainda havia quatro deles. O almanaque da Força, para 1907, registra os nomes de dois. No ano de 1908 não consta nenhum, do que se depreende tenham os dois remanescentes se reformado no ano anterior.



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharel em Jornalismo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Há dois anos vem o Brasil se interessando pelo renomado concurso que, anualmente, se realiza em Long Beach — Califórnia — Estados Unidos, a fim de ser escolhida a mais bela representante do sexo feminino, no mundo todo.

Esse interesse, sem dúvida, fortificou-se em virtude de nossa Martha Rocha quase ter arrebatado o título das mãos de uma candidata norte-americana, sagrando-se, finalmente, vice-miss universo, se bem que, aqui para nós, merecesse bem o título máximo.

No ano que se findou, escolhemos Emília Corrêa Lima que, embora não conseguindo classificar-se entre as quinze finalistas, e nem mesmo deslocar Martha Rocha do coração dos brasileiros, também não fez feio, lá em terras estrangeiras.

Mas, tudo isso representa o passado; vamos ao presente.

Após um pleito renhido, no qual, pela primeira vez na história de nossa terra, todos os Estados enviaram sua representante máxima de beleza e juventude, foi escolhida, no "Grill Room" do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, Estado do Rio, a mais bela brasileira de 1956, aquela que será nossa representante, junto ao concurso deste ano.

Como é do conhecimento de todos, sagrou-se vencedora Maria José Cardoso, a enviada dos pampas.

Com 1,70 m de altura, pesando 59 quilos e apresentando as medidas proporcionais ao padrão exigido, esta garôta de olhos verdes e cabelos negros é, sem dúvida alguma, bastante bonita.

Nela residem as esperanças de todos os brasileiros em uma brilhante vitória. Quanto ao mais, resta, apenas, esperar...

TESTE DE INTELIGÊNCIA

Quais são as bandeiras históricas do Brasil?

Ser ou não ser

A letra E é a mais frequente em muitos idiomas. Assim é que, no inglês, aparece 591 vezes em cada 1.000 palavras; no espanhol, 678 vezes; no francês, 850 e, no alemão, 988 vezes.

* * *

Em Amsterdam, um garoto de 6 anos foi preso quando tentava subtrair brinquedos em uma loja.

Interrogado, declarou o gu-rí que já havia furtado cerca de 2.000 peças, com as quais presenteara seus amiguinhos.

* * *

As vezes, durante o verão, há tempestades sem chuva. Isto acontece em virtude do ar quente fazer evaporar as gotas d'água, antes destas chegarem ao solo.

* * *

A mais recente maneira de se pescar reside no emprego de uma bomba aspiradora. Conta-se que

um barco, equipado com uma bomba adequada, pode absorver, por exemplo, mais de 200 quilos de anchovas, por minuto. Assim sendo, em apenas 1/4 de hora faz o trabalho que um barco de pesca comum, normalmente, levaria de 3 a 3 horas e meia, para realizar.

* * *

Os jardineiros japoneses conseguiram obter flores denominados crisântemos do tamanho de uma moeda de 20 centavos, e outras tão grandes, como um prato comum de sopa



ELEGANCIA E PERSONALIDADE

MEIA ESTAÇÃO

Nestes meses em que o clima não está bem definido, a roupa ideal é, sem dúvida, o taier ou costume.

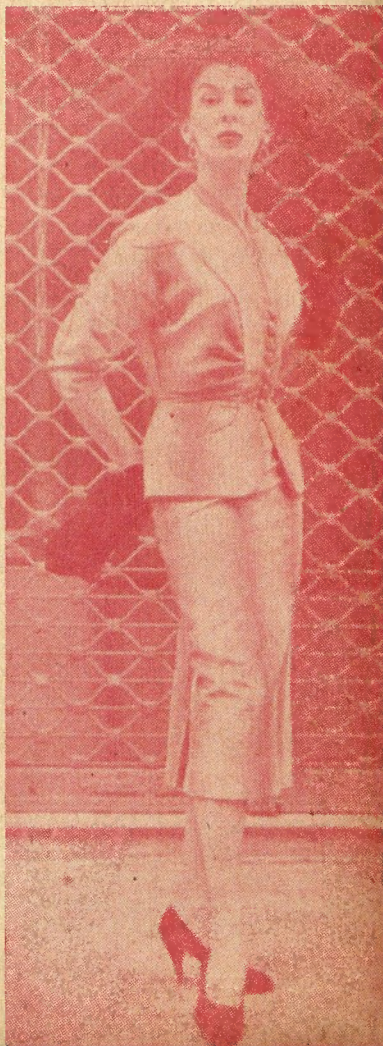
Pode ser usado em toda e qualquer ocasião, sendo necessário variar-se apenas a bluzo e os acessórios, o que não representa nenhuma dificuldade.

Todavia, quando se pode gastar um pouco, para destaque do vestuário, é aconselhável ter uns dois taiers clássicos e um costume mais tualete, para as ocasiões de maior importância.

Como bem podem perceber as gentis leitoras, é fácil ser-se elegante, quando encontramos, em nosso guarda-roupa, modelo como este que selecionamos a fim de abrir, com chave de ouro, a nossa seção de Elegância e Personalidade.



Eis um costume distinto e requintado. O detalhe enfiado forma uma pala, que termina em duas pontas bordadas com pedrarias. Saia simples, prega atrás, mangas 3/4.



CABELOS BRANCOS

Embora as senhoras de idade insistam em pintar os cabelos, procurando, com esta medida, livrar-se dos cabelos brancos, que teimam em aparecer, a verdade é uma única: os cabelos brancos como a neve, ou que começam a pratear, são o maior adorno de um rosto, já não jovem, quando bem tratados e arumados.

A melhor maneira de conservar bonita a cabeleira branca, ou quase branca, é tratando-a como se fôsse uma fina e delicada sêda. E, para tal fim, nada melhor que lavá-la com água morna e shampu suave, enxaguando-a, depois, com uma solução de anil, bem fraca.

Eis a base ideal de tratamento.


Todavia, se fôr necessária uma ondulação permanente, faça-a num bom cabelereiro e experimente, durante a noite, passar uma escôva de cordas macias, para melhor promover a circulação e o brilho dos cabelos.

Jamais se entregue ao uso de tinturas, pois, longe de rejuvenescê-la, fará com que se torne mais velha do que é, na realidade, em virtude do endurecimento dos traços fisionômicos.

Receituário Amoroso

Vida triste — São Paulo — Na vida, nem tudo sai como queremos. O melhor é enfrentar a realidade e tentar fazer seu próprio destino, trabalhando e vendo o que melhor lhe convém. Não espere por oportunidades, tente criá-las; todavia, não force demais.

Alvaro X — Alagoas — Fêz muito bem. Trabalhe e estude para vencer. Ficar de braços cruzados, esperando ajuda divina, não é o meio mais acertado, mesmo porque Deus disse: "Trabalha que te ajudarei"!... Assim sendo, cumpra o seu dever, se deseja melhor porvir.



CLAUDE ST.CYR

Frequência de tons contrastes:

Este lindo modelo foi confeccionado em lã clara e tem, como originalidade, uma faixa de veludo ou feltro de cor preta, que o atravessa na altura das orelhas, e se enrola num laço de três pontas sobre a nuca.

TRÊS CHAPÉUS PARISIENSES

CAROLINE REBOUX

Casquete em forma de cone

Uma pequena casquete pontuada, confeccionada em palha ou ráfia, e executada em dois tons de azul; eis, na verdade, em que se resume esta linda e graciosa criação que vemos,



ALBOUY

Primavera



Todo realizado para trás, este modelo em feltro tem, a valorizá-lo, o acabamento todo feito com flores de tons claros e alegres (verde e rosa).



I. Nas casas e apartamentos modernos, normalmente vem-se empregando o sistema de sala única.

Ora, assim sendo, inúmeros problemas surgem para a dona de casa que deseja dar ao ambiente o máximo de beleza e de espaço.

Todavia, como fazer uma divisão certa?

A resposta a esta pergunta se encontra aqui, onde, após inúmeras tentativas, conseguiu-se um resultado 100 %.

II. Pois bem, já conseguimos uma vitória, não é mesmo? Mas, infelizmente, os problemas não param aí.

Como separar dois ambientes diferentes, numa sala? Como orientar melhor a circulação nestas áreas? Como fazer para vedar à vista, a entrada de certos cômodos mais íntimos?

São estas as perguntas que agora fazem as nossas leitoras.

Mais uma vez estamos aptas a resolver estas dificuldades.

Com o emprêgo dos elementos divisores, tudo se torna fácil, facilimo mesmo.

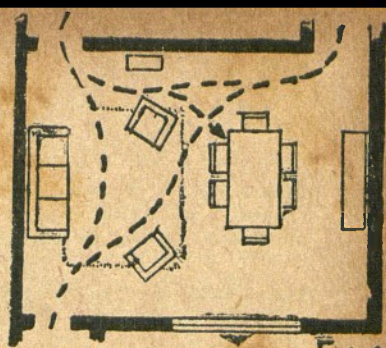
Estes divisores que, na verdade, nada mais são que adaptações modernizadas do antigo biombo, são elementos de improvisação rápida e variada, podendo-se empregar, para tais fins, os materiais mais diversos.

Quando se trata de vedação completa, o mais indicado é aproveitar-se chapas de madeira, esteiras de bambu ou vidro fosco, que poderiam servir de fundo para painéis ou desenhos.

Agora, em se tratando de separação parcial ou mesmo do afastamento da visão, não de modo total, pode-se resolver o problema com o uso de prateleiras ou pequenos armários, tipo caixa, montados sôbre canos de ferro ou estruturas leves de madeira.

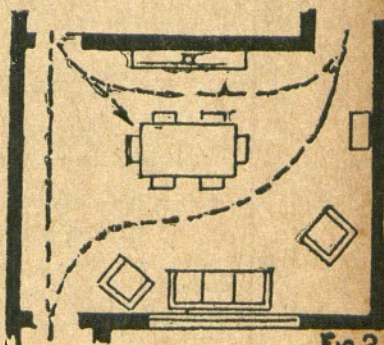
Em ambos os casos, a combinação com jardineiras proporcionará um conjunto de grande efeito decorativo.

DECORAÇÕES



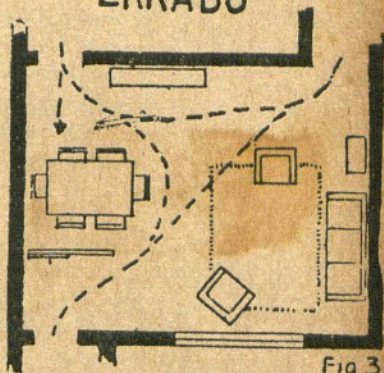
ERRADO

Fig. 1



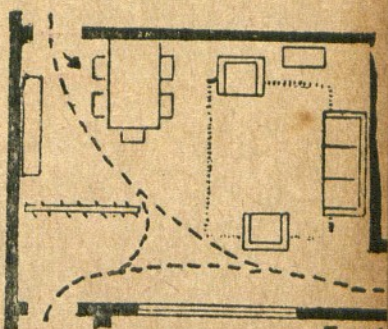
ERRADO

Fig. 2



CERTO

Fig. 3



CERTO

Fig. 4

HOMEM versus CASAMENTO

Vejamos, leitoras, como os homens encaram o casamento:

OSCAR WILDE — “O maior castigo que o destino aplica ao homem casado, é ver que sua mulher sempre acaba por se parecer com sua sogra”.

MELCHIOR SANTA CRUZ — “Matrimônio pacífico só pode ser o de um homem surdo com uma mulher cega”.



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

RESPOSTA AO TESTE DE INTELIGÊNCIA

I — Bandeira da Ordem de Cristo. (Deu-a D. Manuel a Cabral, em Belém, ao zarpar 'a frota).

II — Bandeira das Quinas (Que são as Cinco Chagas de Cristo).

III — Bandeira Pessoal de Dom Manoel (Ciclo das Grandes Navegações).

IV — Bandeira Real na época do descobrimento do Brasil.

V — Era Colonial — Bandeira de D. João III (Presidiu à chegada de Martim Afonso de Souza a São Vicente).

VI — Bandeira do Principado do Brasil (O título de "Príncipe do Brasil" foi conferido por D. João IV a seu filho Teodósio, em 1645).

VII — Bandeira Real — (Usada no Brasil nos fins do séc. XVII).

VIII — Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves — Bandeira instituída por D. João VI (Decreto de 13 de maio de 1816).

IX — Bandeira do Império — (Criada por D. Pedro I, por decreto de 18 de setembro de 1822).

X — Primeira Bandeira Nacional Republicana — (Adotada pelo governo de 15 a 19 de novembro de 1889).

XI — Projeto Júlio Ribeiro — (15 de julho de 1888) para a República Usada apenas em São Paulo, seria em 1932 consagrada BANDEIRA PAULISTA e mais tarde oficializada. (Lei n.º 145, de 3 de setembro de 1948).

XII — Bandeira de República dos Estados Unidos do Brasil. — (Criada por Decreto de 19 de novembro de 1889).

Tôdas essas bandeiras estiveram hasteadas, no dia 9 de julho de 1955, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde se iniciou a Revolução Constitucionalista de 32.



PARA CLAREAR

Se o seu pescoço está escuro, use caldo de limão e verá como, em pouco tempo, a cor normal voltará.

Ao fazer a maquiagem, lembre-se que a base deve ser passada também no pescoço e conservada com um pouco de água fria ou tônico frio para a pele, passado com um pedaço de algodão.

ENRIQUEÇA SEU "MENU"

Se vocês, leitoras, moram com seus progenitores ou, se em suas companhias se encontram pessoas de idade, convém ter muito cuidado com a alimentação a servir, pois os velhos devem comer pouco e, o que é mais importante, as refeições devem ser tomadas em horas certas.

Com isso, no entanto, não queremos afirmar que deverão apenas almoçar; o que queremos dizer, é que as refeições devem ser frequentes e pouco abundantes, em horas certas e representadas por pratos de fácil digestão.

Sabe-se que à medida que o organismo envelhece, diminui a necessidade de calorías proporcionalmente ao dispêndio de energia no trabalho, e até mesmo reduz-se a troca energética da matéria. Assim, para melhores resultados, no que diz respeito à preservação da saúde, torna-se necessário comer menos.

Deve-se evitar, outrossim, durante estas refeições, aborrecimentos e contrariedades, processando-se o almoço, lanche ou jantar, num ambiente calmo e despreocupado.

MAIONESE (A pedido de Sara Freitas — Belo Horizonte)

INGREDIENTES:

2 gemas, sendo uma cozida; 1 pitada de sal;
1 xícara de chá de óleo;
1 colh. de chá de caldo de limão, e
1 pitada de pimenta do reino

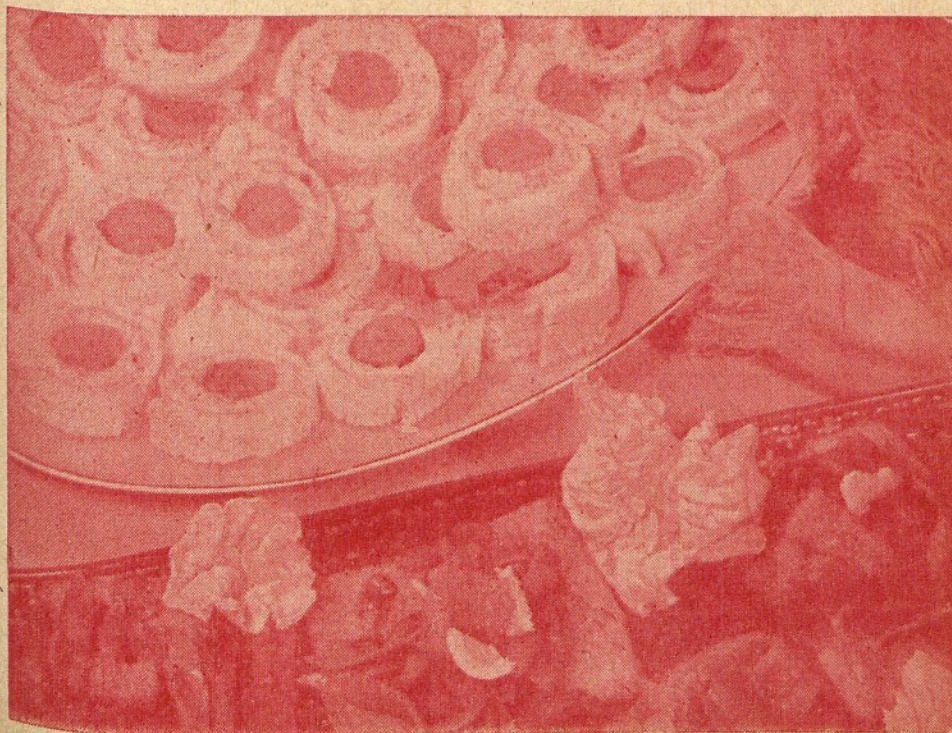
Recheio

5 batatas cozidas;
1 pé de alface;
1 lata de ervilha;
1 lata de camarão;
1/2 cebola branca;
200 g. de presunto;
100 g. de azeitona, e
1 ovo cozido.

MODO DE PREPARAR:

Môlho:

Passa-se a gema cozida na peneira; junta-se à crua e começa-se a bater, com um garfo, sempre numa mesma direção. Em seguida juntam-se o sal e a pimenta do reino e o limão,



mexendo sempre, a fim de não talhar. Gota a gota, vai-se colocando o óleo, nunca colocando muita quantidade de uma só vez, e nem deixando de mexer, pois toda a ciência da maionese está em saber engrossá-la, sem que talhe uma só vez.

Assim que ficar bem consistente, separe em duas porções, deixando a menor para acrescentar ao recheio e a maior para cobrir todo o prato, depois de pronto.

Recheio:

Cortam-se as batatas em rodelas ou, então, passam-se na máquina de moer carne, juntamente com os camarões, cebola, salsa, tomates, cenouras, presunto e azeitonas, mas empregando-se a rosca de dentes grossos ou a média. Coloca-se tudo num prato fundo ou numa terrina; junta-se a alface picada bem miudinha, (não esquecer de se-

parar antes algumas folhas para forrar o prato de maionese), e, por último, as ervilhas e 1 pitada de pimenta do reino e sal.

Quando tudo estiver bem mexido, coloque o molho e torne a mexer bem, até que todo o recheio pegue o tempêro.

Se fôr preciso, experimente uma ou mais vezes a fim de ver se está de acordo com o paladar da família

Caso preferir, ao invés de passar tudo na máquina, corte bem miudinho, mas jamais se esqueça de deixar para colocar as ervilhas por último, e no seu natural. O melhor é usar também, ervilhas de lata.

Modo de enfeitar:

Forra-se o prato da maionese com as folhas de alface, previamente separadas e deixadas de molho em água limpa, sacudindo-as bem, a fim de não deixar

nem uma gota de água. Em seguida coloque o recheio no meio do prato, dando a forma que melhor gostar. Finalmente, com uma bomba apropriada, deixe cair o molho já preparado, de maneira a cobrir todo o recheio.

Depois de tudo pronto, quando não existir nenhum lugar a descoberto, enfeite com cestinhas de tomates, ou rale uma gema cozida, em cima deste molho ou, mediante emprêgo de forminhas adequadas, faça margaridas ou rosas em redor de todo o prato, com o resto do molho.

Nota: Quando se quer obter mais quantidade de molho, basta acrescentar-se um pouco mais de óleo, mas sempre colocado de gota em gota. Por outro lado, a maionese assim preparada pode ser usada como canapés, ou seja, sobre pão de fôrma para o fim de aperitivo.

PUDIM EM PO

Enquanto muitas pessoas preferem doces complicados, outras há que, por comodidade ou mesmo por questões de paladar, dão preferência a estes pudins de fácil preparo e grande efeito, quando se tem o cuidado de escolher duas ou mais espécies de gôsto e cor diferentes. São, como as leitoras já perceberam, os famosos pudins em pó.

Basta acrescentar-se leite à mistura e pronto: teremos saborosas sobremesas, em tempo recorde, Não é mesmo uma maravilha?

FIO DE OVOS: (a pedido de Aparecida Lemes — Jacarei — São Paulo)

Ingredientes:

3 dúzias de ovos e
2 litros de calda

Modo de fazer:

Separam-se as gemas das claras, com muito cuidado; em seguida desmancham-se as primeiras, sem bater, passando depois por uma peneira bem fina.

A parte, preparam-se 2 litros de calda, num tacho, em fogo forte, em ponto

de fio brando, conservando-se sempre a fervura em grande agitação, de maneira que a espuma suba.

Deitam-se as gemas, por um funil de bicos, e fazem-se correr sobre a calda, que está fervendo, movendo o funil ao redor, até que se acabe a quantidade de gemas ali colocada.

Tiram-se os fios da calda, com duas escumadeiras, mergulhando-se em água morna e pondo-se, posteriormente, sobre uma peneira grossa de taquara, para escorrer.

Abrem-se os fios sobre a peneira, espalhando-os à fim de que fiquem soltos.

Volta-se com o tacho para o fogo e repete-se esta operação até que se acabem as gemas.

Quando a calda ficar muito grossa, põe-se um pouco d'água. Depois de bem escorridos os fios, arrumam-se num prato, em forma de pirâmide.

Nota: Se preferir, não mergulhe os fios em água morna; tente separá-los, jogando sobre os mesmos pingos de água fria, pois assim não perderão tanto o sabor adocicado.

CONHEÇA A SUA PEDRA

Há, desde a antiguidade, a superstição segundo a qual a cada pessoa corresponde uma pedra preciosa, de acordo com o mês de seu nascimento. Assim sendo, fornecemos uma lista completa a fim de servir à todas as nossas leitoras.

Para os que nascem de:

- 22 de dezembro a 22 de janeiro — onix branco
- 23 de janeiro a 19 de fevereiro — safira
- 20 de fevereiro a 20 de março — pedra lunar
- 21 de março a 19 de abril — ametista
- 20 de abril a 19 de maio — esmeralda e ágata musgosa
- 20 de maio a 20 de junho — cristal de rocha e água marinha
- 21 de junho a 21 de julho — onix preto
- 22 de julho a 22 de agosto — rubi
- 23 de agosto a 22 de setembro — jaspe rosado, jacinto
- 23 de setembro a 22 de outubro — brilhante
- 23 de outubro a 21 de novembro — topásio, jaspe vermelho
- 22 de novembro a 21 de dezembro — turquesa, carbúnculo



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO



ÊSTE GALO É MEU

(ou "O galinheiro marcado", ou
"Esta galinha tem dono", ou...)

Plínio D. Monteiro

Ilustração do autor

Duas pessoas conversam ou discutem; três atrapalham a conversa uma das outras, e de quatro para cima, já não resta outro recurso senão contar anedotas e casos, porque é o único modo de conseguir circunstâncias caladas, não para prestarem atenção a quem está falando, mas para recordarem qual a piada a ser contada assim que o momentâneo rei da sala ria de sua própria história. Se a roda fôr exclusivamente de homens, depois da segunda anedota, no máximo, já se chegou às não muito de salão. (Também é preciso considerar que existem muitas espécies de salão — de reuniões sociais, de arte, de barbeiro, de beleza, de gafeira, e outros).

Assim é que, durante uma dessas prontidões (que ocorrem sempre por motivo de uma greve que foi adiada, ou que poderia acontecer, mas não aconteceu) surgiram vários casos impossíveis de se con-

tar sem avermelhar esta página, e também alguns mais leves, mais sem sal, menos engraçados. Houve, por exemplo, aquela do mendigo para a «granfina»:-

— Madame, há 3 dias que não como.

— Ora, meu amigo, também já estive assim. Procure ingerir algo; insista e o seu apetite voltará. Isso deve ser uma questão puramente psíquica.

E outra:-

Sabem a única hora que a mulher acha o respectivo marido bonito? E' quando êle chega em casa às 3 da madrugada, ela abre a porta e diz:- Muito bonito!

E ainda a da Arca de Noé:-

Noé para os animais: — Saiam em fila, sem atropelos. E logo depois, o elefante chamou aflito: Noé, Noé, assim não é possível, olha aqui a pulga começando o empurra-empurra.

Peço a todos que me lêem (isto é, eu, o revisor, o tipógrafo, e mais uns dois amigos caridosos), muitas desculpas por não poder contar nenhuma das que êles esperavam.

E deixando de ser «engraçadinho», contarei um caso mais próximo da realidade, ocorrido nos tempos do rancho com fornecedor civil.

Constava do cardápio, que no almoço de domingo haveria frango para o oficial de dia. Entrou de dia ao B.C. um aspirante, e como todo bom aspirante, só faltou mudar o Quartel de lugar para mostrar sua autoridade. Infernizou, como digno representante do anjo das trevas, a vida de todos e, por fim, sentou-se

exausto à mesa para o repasto do meio dia, com a consciência tranqüila por ter «apertado» bastante, e com apetite de quem, por deficiência de vencimentos, não passa lá muito bem em casa. O frango seria desforra dum obrigatório regimen «frugal».

E pensava em Brian de Savarin, lamentando que o cosinheiro não conhecesse aquêlê sublime Coelius Apicius, autor do 1.º livro de culinária escrito no mundo — De Re Coquinária. «Até frango assado me é devido. Pertengo agora à nobreza da classe, como afirmava certo comandante».

Veio o arroz, veio o feijão, veio a batata, veio a salada. Os olhos «aspirantes» estavam pregados na porta. Entra o «garçon» com algumas fatias de frios (em linguagem menos rebuscada — algumas fatias de MORTADELA). Era demais.

— E o frango do cardápio? aliás bem gordo, que eu vi quando estava sendo assado.

— O cosinheiro disse que não tem galinha, não.

Nesse ponto o rosto do mui nobre aspirante já não era mais que uma forma atormentada, e em altos brados mandou chamar o gerente do rancho, velha praça reformada.

— Então, Fulano, o frango do Oficial de Dia?

— Eu explico, «seu» aspirante. O caminhão portador dos mantimentos trazia alguns caixotes pesados, e um jacá com dois bonitos frangos carijós, gordos, pareciam até gêmeos de tão iguais. Num dos solavancos um caixote caiu em cima do jacá e esmagou, completamente, o frango do oficial de dia. Não pude aproveitá-lo.

— Mas, e o outro?

— Ah! o outro? O outro era o frango do comandante.

SÃO PAULO

SECÇÃO COMERCIAL

R. FLORÊNCIO DE ABREU, 619/25

TELEFONES: 36-6311 e 34-1934

CAIXA POSTAL, 4733

Irmãos Del Guerra

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A

SECÇÃO INDUSTRIAL

CORTUME JACAREÍ

LARGO DO MATADOURO, 159

TEL. 157 — CAIXA POSTAL, 14

JACAREÍ - E. S. PAULO - E. F. C. B.

DEPÓSITO EM SÃO PAULO

R. RODOLFO MIRANDA, 401 — TEL. 36-4439



31.º aniversário de fundação da

CRUZ AZUL DE S. PAULO

A Cruz Azul de São Paulo festejou, no dia 28 de julho, o transcurso do 31.º aniversário de sua fundação.

Conforme programa estabelecido pela Diretoria, nas dependências do Hospital realizaram-se as solenidades seguintes, que contaram com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, bem como de grande número de convidados: às 9 horas, festa anual de São Camilo, promovida pelo serviço religioso do Hospital, ocasião em que se realizou a tradicional procissão interna; às 9,45 horas, inauguração do retrato do dr. Godofredo Wilken na Galeria dos Diretores Clínicos e, finalmente, às 10 horas, coquetel oferecido pela Diretoria aos presentes.

Bem poderíamos, nesta oportunidade, voltar ao passado e dizer das realizações altamente benéficas e meritórias da nossa Cruz Azul. Interpretaríamos, destarte, a gratidão profunda que lhe devota toda a família policial-militar de São Paulo. Entretanto, dado o grande interesse despertado pela matéria, passaremos a transcrever a brilhante exposição que o coronel Pedro Marques Magalhães fez, na Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, acêrca da situação atual da Cruz Azul. Ei-la:

"Snr. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS REFORMADOS E DA RESERVA DA FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO.

Meus Senhores.

Aqui estamos com o objetivo único de fazer, perante os associados desta nobre agremiação, uma exposição geral e sucinta sôbre o momento atual que vive a CRUZ AZUL DE SÃO PAULO, particularizando a sua situação financeira, e, com esta, em destaque, as consequências que acarretarão o advento dos NOVOS SALÁRIOS MINIMOS, já em fase final de estudos pelos senhores Congressistas do País, e que, çertamente, dentro em pouco estarão em vigor, possivelmente até com AÇÃO

RETROATIVA, como sói acontecer em casos tais.

Não se trata de mera suposição.

Já temos como definitivamente resolvido o convênio salarial do Sindicato dos MÉDICOS, pelo qual, a partir de 1.º de novembro de 1955, esses profissionais irão ao MINIMO de Cr\$ 84,00 por hora-serviço, ao dia, com a majoração de 25% para o período NOTURNO.

Só isso representará um acréscimo de 100% na fôlha mensal do nosso corpo clinico (Hospital — Ambulatório e Interior), o que equivale a um aumento de Cr\$ 230.000,00 (duzentos e trinta mil cruzeiros), MENSAL, a pesar na balança da DESPESA.



Em cima, fachada principal do Hospital da Cruz Azul; em baixo, vista do Ambulatório, onde se encontram instalados os órgãos diretores da instituição.

Também o Sindicato dos Farmacêuticos e Práticos de Farmácia já houve por bem elevar os proventos desses servidores, cuja decisão vem onerando nossos gastos em cerca de Cr\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) ao mês.

Agora, novamente reunido, o Sindicato dos Servidores de Hóspitais (Corpo de Enfermagem, etc.) deliberou elevar, também a partir de 1.º de janeiro de 1956, em mais 15% sobre os salários vigentes em 1.º de janeiro de 1955.

Com relação a este quadro ainda não foram feitos os cálculos do aumento determinado, mas que pode ser estimado em cerca de Cr\$ 86.000,00 (oitenta e seis mil cruzeiros) ao mês.

É bem verdade que ainda não foi fixado o "quantum" do aumento (SALÁRIO MÍNIMO) a ser concedido aos demais componentes da Cruz Azul, porém não pomos a menor dúvida que nunca será inferior à classe dos 60%.

Tais elementos elucidativos vêm à baila, sem outros propósitos, afirmamos, senão o de tentar equacionar os proble-

mas da Instituição, que, não há fugir, terão de ser enfrentados em futuro bem próximo.

Não pretendemos sustentar ou defender ponto de vista pessoal.

Nada temos a sugerir, mas apenas queremos MOSTRAR e EXPOR, para ser ANALISADO, JULGADO e DILIMIDO pelos ilustres confrades.

Há, aproximadamente, *UM ANO E DOIS MESES*, nos fôra conferida a insigne honra de dirigir os destinos da Cruz Azul.

Na oportunidade, como nos dias que correm, a Instituição não dispunha de reservas para atender aos compromissos mais prementes, não só no que tange à assistência devida aos seus associados, em número sempre crescente, como para melhorar suas condições hospitalares, de molde a atender às intimações oficiais, no tocante a princípios elementares de instalações dessa natureza (Serviços Médico-Sanitários do Estado).

No início sentimo-nos nm dilema: *ECONOMIZAR* no primeiro ano, para, com o produto dessa economia, no segundo ciclo de nossa administração, empreender as *OBRAS DE MELHORAMENTOS* que se faziam *IMPRESCINDIVEIS*, ou *INICIAR*, desde logo, todo um *PROGRAMA DE REFORMAS*, na medida de suas possibilidades financeiras.

OPTAMOS pela segunda dessas *ALTERNATIVAS*.

Isto porque eram de tal ordem e de tanta premência as necessidades materiais da Instituição, que não havia outra saída senão *ATACAR* de frente todos aqueles problemas, que estavam afligindo concomitantemente a *ADMINISTRAÇÃO* e os *ASSOCIADOS*.

Passamos, a seguir, a enunciar o que já foi por nós realizado com a respectiva demonstração das cifras despendidas.

De passagem citaremos os seguintes empreendimentos:

A) — NO AMBULATORIO

- 1.o) Na inadequada, imprópria e acanhadíssima instalação da farmácia, hoje perfeitamente aparelhada para atender à uma clientela que triplicou o seu movimento, para o que se tornou necessária a adaptação da antiga garagem, foi invertida a importância de Cr\$ 141.720,30
- 2.o) Na nova e ampliada instalação do Gabinete Odontológico, que hoje comporta tanto como 4 gabinetes completos (quando só funcionavam dois), e onde nada menos de 7 profissionais trabalham ininterruptamente das 7,30 horas da manhã às 22,30 horas da noite, a fim de melhor atender à enorme clientela que reclama essa espécie de assistência, gastou-se nada menos de Cr\$ 118.954,20
- 3.o) — Pela aquisição de dois consultórios dentários e mais um compressor para 4 "equipos", pagamos a quantia de Cr\$ 195.640,00
- 4.o) — A demolição do antigo barracão e a conseqüente construção dos novos galpões que servem de garagem, bem



Coronel PEDRO MARQUES MAGALHÃES
Presidente da Cruz Azul

como os comodos que servem de dormitórios aos motoristas e mais o depósito do Almoarifado, importaram em Cr\$ 119.554,70

5.o) — O serviço de pavimentação e de cimentação do pátio interno, bem como das alas laterais que circundam o prédio absorveu Cr\$ 26.662,00

6.o) — As obras executadas para o escoamento de águas pluviais, hoje canalizadas diretamente para o "TAMANDUA-TEI", e que constituíam sérios embaraços com a estagnação no pátio interno, além de comprometer os alicerces do imóvel, ficaram, inclusive a elevada taxa de Cr\$ 16.300,00 já paga à Prefeitura Municipal, em Cr\$ 56.793,40

7.o) — A pintura de todo o andar térreo, da nova garagem, dos dormitórios, do Gab. Odontológico e da Farmácia, importou em Cr\$ 23.514,70

8.o) — Aquisição de um automóvel destinado ao atendimento do Serviço Médico Domiciliar, que vinha sendo imprópriamente feito em uma pesada e custosa ambulância, com grave prejuízo de transporte de enfermos que demandavam ou saíam do hospital, ficou em apenas Cr\$ 198.000,00

9.o) — A adaptação e instalação de um balcão divisório para os serviços da Secretaria Cr\$ 8.048,70

10.o) — Segundo representação do Médico Radiologista, o planígrafo do *Raio X* estava carecendo de reparos de ordem técnica.

Além disso, como medida altamente acauteladora, tornava-se imprescindível que a porta da Câmara escura do Gabinete Radiológico fôsse amplamente protegida com camada de chumbo, segundo a moderna técnica de proteção ao médico.

Tratando-se de assunto que não permite delongas, não tivemos dúvidas em autorizar tais reparos pelo preço de .. Cr\$ 20.000,00

B) — NO HOSPITAL

1.o) — As instalações elétricas, internas e externas do hospital, estavam, é bem de ver, dada a época em que foram executadas, (cêrca de 25 anos), exigindo radical reforma, sob pena de assumirmos criminosa responsabilidade pelo que pudesse advir de sua deficiência e desgaste natural.

Tal serviço, como é obvio, não comportava adiamento, por mínimo que fôsse, notadamente para nós, que assistimos a verdadeiras tragédias provocadas por simples descuidos, displicências ocasionais e curtos-circuitos de apavorantes conseqüências.



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"

SEDAURIC



"Torres"



"Torres"

Infecções do ouvido



"Torres"



"Torres"

Tirotricina



"Torres"



"Torres"

Uréia



"Torres"



"Torres"

Benrocaina



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"



"Torres"

Assim, pois, mandamos executá-las sem mais delongas, embora nos custasse a cifra de

Cr\$ 55.090,00

2.o) — Ainda pelas mesmas razões acima expostas, fomos levados a mandar instalar dois pára-raios completos, pois, por incrível que possa parecer, vinha o nosso Hospital funcionando, desde a sua fundação, sem tais e tão elementares dispositivos de segurança.

Na aquisição e instalação dos mesmos dispendemos a quantia de

Cr\$ 16.631,00

3.o) — O grande número de dependentes menores, estava trazendo embaraços no setor da pediatria, razão pela qual, além da reforma que se impunha na parte já existente, fomos forçados a ampliar as acomodações dessa dependência não só em atenção aos contínuos reclamos do respectivo corpo clínico, como também para não deixar sem solução os inúmeros pedidos de internação que deixavam de ser atendidos.

Nessa reforma e ampliação, ditada unicamente no interesse dos associados, foi gasta e importância de

Cr\$ 71.389,50

4.o) — Ainda para a clínica pediátrica, foram adquiridas mais duas encubadoras pela importância de

Cr\$ 39.000,00

5.o) — O desgaste, decorrente do uso contínuo, nós forçou a fazer não pequeno suprimento de colchas, lençóis, aventais, toalhas, etc., de vez que, não raro, deixava-se de fazer as imprescindíveis mudas por absoluta falta, notadamente quando a população hospitalar não deixava um só leito desocupado.

O problema não podia deixar de ser atendido, sob pena de acarretar aborrecimentos e contínuas reclamações, aliás justíssimas, por parte dos internados.

Nesta aquisição foram invertidos

Cr\$ 89.421,10

6.o) — Em idênticas condições da *Rouparia*, achava-se a COPA e COSINHA, no que diz respeito a TALHERES e UTENSÍLIOS.

Assistimos, com bastante desaponto, aos efeitos de tal deficiência, que chegou a ponto de impedir fôsse servida a refeição na hora certa e isso porque os existentes não permitiam a sua distribuição.

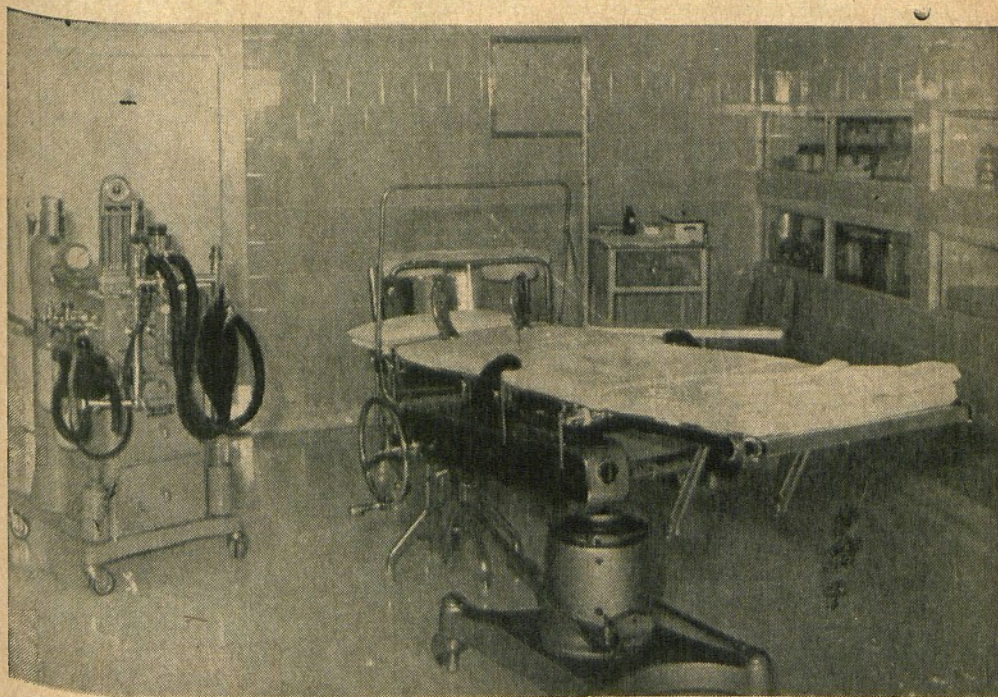
Precisava-se esperar que uns fôssem servidos primeiro, para, depois de lavados às pressas, serem levados a outros, ou, quando não, aos hóspedes de 2.a e 3.a categorias só eram fornecidas colheres de vez que as facas e garfos não chegavam para todos.

Gastamos, pois, por absoluta necessidade, com a compra desses utensílios, inclusive bandejas, nada menos de

Cr\$ 27.033,90

7.o) — A recente crise de água potável, pelo qual passou toda a Capital, afetou sobretudo todos os setores do nosso Nosocômio.

Além do enorme risco no terreno estritamente higiênico — já de si bastante sério para que fossem tomadas urgentes e enérgicas providências —, ainda estávamos expostos a outro maior, qual seja o de um incêndio de catastróficas e imprevisíveis proporções.



Aspecto da sala de operações do Hospital.

Não nos sendo dado mandar abrir um poço artesiano — que seria a solução ideal — em vista do seu alto custo, determinamos a aquisição e instalação de 16 *RESERVATÓRIOS* para água, com capacidade de 1.000 litros cada, que nos custaram, ao todo

Cr\$ 28.000,00

8.o) — Assim como a Clínica Pediátrica, estavam as de *UROLOGIA* e *OTO-RINO-LARINGOLOGIA* exigindo

reformas e ampliações que lhes permitissem dar vazão à grande afluência de um número cada vez maior de clientes.

Setores dessa natureza constituem, realmente, uma grande parcela no conjunto de um Hospital como o nosso, e, por tal razão, não vacilamos em atender ao que a esse respeito nos representou o snr. DIRETOR CLÍNICO, determinando as reformas, adaptações e ampliações que se faziam necessárias, e que montaram a

Cr\$ 65.710,60

9.o) — Por imposição de ordem eminentemente técnica, e em atenção ao representado e solicitado pelo snr. Diretor Clínico, determinamos a mudança do *APARELHO DE RADIODIOTERAPIA*, do andar superior para o térreo, com o que foi gasta a importância de

Cr\$ 15.000,00

10.o) — *APARELHOS EM GERAL*, materiais e ferros CIRÚRGICOS, que seria ocioso descrever, necessitam, periodicamente, passar por reparos que permitam sua eficiência e conservação.

As oficinas e os técnicos que executam esses serviços, tais como niquelagem, reajustagem, calibragem, afiação, etc., reputam muito bem esse trabalho, razão pela qual fomos forçados a dispender não pequena parcela com a manutenção do material permanente, o que importou em

Cr\$ 80.959,10

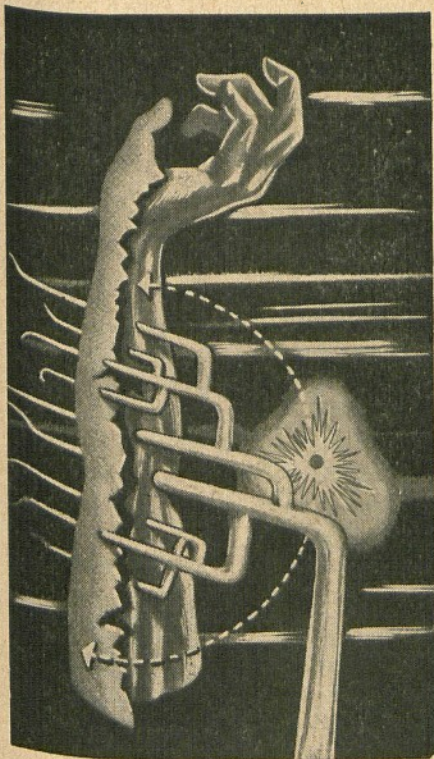
11.o) — *BANCO DE SANGUE*:— Tendo, por proposta da DIRETORIA Clínica do Hospital, sido rescindido o contrato que a Cruz Azul mantinha com o *Banco de Sangue "SÃO PAULO"*, e isto pelas razões de ordem técnica a nós apresentadas, deliberamos, ainda por proposta daquela mesma autoridade, firmar novo CONVÊNIO com profissional especializado, por cujos termos esta Instituição, durante o período contratual de 2 (dois) anos, se obrigou a instalar, no próprio Hospital, parte do equipamento imprescindível à EXTRAÇÃO e conservação de sangue, inclusive a respectiva geladeira, obrigando-se o contratante à preparação desse elemento e sua aplicação nos pacientes, *GRATUITAMENTE* aos Associados e seus dependentes, e, cobrando, para si, o justo preço nas demais aplicações aos enfermos e operados de outras origens.

Para tal invertiu-se a soma de

Cr\$ 81.369,80

12.o) — Pelo estado de conservação — notadamente no que diz respeito à pintura — em que encontramos o prédio e dependências do Hospital, ficamos com a nítida impressão de que desde a sua construção, jamais passou por uma pintura geral, que tão necessária se faz em estabelecimento dessa natureza, quando mais não seja para causar

sedorga Labor



COMBINAÇÃO DOS MAIS
ATIVOS ELEMENTOS

- Metil melubrina
- Novatropina
- Papaverina
- Cloridrato de difenil acetil dietilamino etanol

Contra: Dores nevralgicas
Espasmos da musculatura lisa

sedorga Labor

GOTAS — INJETÁVEL

Antiespasmódico — Analgésico



LABORTERAPICA S. A.

(Uma instituição apoiada na confiança do médico)

SANTO AMARO (SÃO PAULO)

aquela impressão de limpeza e higiene que deve prevalecer em tais ambientes.

Perdoem-me nossos dignos antecessores semelhante asertiva.

Não temos a intenção pura da CRITICA.

Sabemos perfeitamente que as disponibilidades não vinham permitindo esse empreendimento, não só devido ao tipo da pintura — mais de 50% de barras de óleo (que é caríssimo) — como também pela enormidade da área.

Todavia, protelar a situação seria expôr a Instituição à severidade dos Comandos Sanitários.

Esse órgão de fiscalização permanente, felizmente para nossa administração, já foi encontrar o serviço iniciado, pelo que se limitou a determinar o prosseguimento da tarefa por nós em boa hora começada, sem o que passaríamos pelo dissabor de receber intimação oficial nesse sentido, como *INTIMADOS FOMOS* a providenciar, com *URGÊNCIA*, outras obras de CARÁTER HIGIÊNICO — SANITARIO, tais como *REFORMA* e *ADAPTAÇÃO DA COZINHA*, construção de um *FORNO CREMATÓRIO*, até hoje não executadas por absoluta falta de meios.

Para que se avalie o vulto desse serviço, basta dizer que só a parte executada até 31-XII-1955 — o que calculamos seja apenas metade —, e por empreitada muito vantajosa para a Cruz Azul, custou-nos a bagatela de

Cr\$ 179.882,00

13.o) — Como providência inadiável, o nosso digno antecessor determinou, através de contrato com a Cia. ATLAS, os reparos e troca de cabos do elevador que faz o serviço de transporte de enfermos e operados entre os pavimentos do Hospital.

Essa providência, que em hipótese alguma poderia ser adiada, só foi ultimada já em nossa gestão, pelo que nos coube honrar o compromisso anteriormente assumido, resgatando as quatro duplicatas de Cr\$ 26.899,60, cada, num total de

Cr\$ 107.598,40

Ao finalizarmos essa revista dos gastos de maior vulto, que ascenderam a não pequena cifra de Cr\$ 1.765.973,40 (HUM MILHÃO, SETECENTOS E SESSENTA E CINCO MIL, NOVECENTOS E SETENTA E TRÊS CRUZEIROS e QUARENTA CENTAVOS); executados com verbas ex-

tra-orçamentárias — isto é, para os quais não haviam sido previstos os meios necessários —, desejamos *ENCARRECER* e deixar *MERIDIANAMENTE CLARO* que nem uma *ÚNICA PARCELA* das cifras acima mencionadas foi *COMPROMETIDA, GASTA* e *PAGA*, sem o prévio e imprescindível

BENEPLACITO do Colendo Conselho Administrativo, e que tais serviços, reformas, adaptações, compras e instalações, foram executados e pagos durante o período que vai da nossa gestão até 31 de dezembro de 1955, pois, como não podia deixar de ser, neste **EXERCÍCIO FINANCEIRO** de 1956, estão sendo ou já foram ultimadas as obras principia-
das anteriormente, bem como outras estão sendo tocadas dentro do restrito quadro de nossas ínfimas **POSSIBILIDADES ATUAIS**, sem, contudo, contrair compromissos que venham a se tornar insolúveis, ou deixar de honrar suas duplicatas e fôlhas salariais.

FINALIZANDO os conceitos aqui expendidos, em que procuramos documentar as nossas atividades no terreno **FINANCEIRO**, cremos ter exposto à **SACIEDADE** e com o máximo de sim-
pleza, as razões determinantes dessas

obras, reformas, adaptações, instalações e aquisições, nas quais, longe de qualquer **SUNTUOSIDADE EXIBIDORA**, preponderou o espírito de ordem prática e econômica, com o **ÚNICO e SALUTAR ESCOPO** de **PROPICIAR** mais benefícios aos Associados, com o **MÍNIMO** de **DISPÊNDIO** e o **MÁXIMO** de **APROVEITAMENTO**, queremos acrescentar mais o seguinte.

No momento não há **DISPONIBILIDADES**, mas já houve uma reforma substancial que deixou os diversos órgãos da Instituição **MAIS EFICIENTES e TÉCNICAMENTE MELHORADOS**, permitindo-lhes aumentar, em não pequena escala, aquilo que os associados deles esperam, e na qual fôra invertida a soma já enunciada.

A Cruz Azul, como outra sociedade qualquer, ou mesmo o nosso próprio **LAR**, não pode fugir à **CONTINGEN-**

DROGARIA SÃO PAULO LTDA.

MATRIZ E ESCRITÓRIO:

RUA DA LIBERDADE, 834 - 2.º - SALA 42 — TELS.: 32-6532 E 35-3328

Administração: TEL. 36-4950 — Vendas: AV. DA LIBERDADE, 840

FONES: 33-4241 - 32-4339 - 33-4098 - 32-2930 - 35-2470

Compras - Fone: 33-1471

CHAMADOS INTERIOR, PREÇOS E PERFUMARIA:

3 3 - 7 6 4 2

FILIAIS:

Praça da Sé, 243 - Telefones: 34-9949 - 32-4212 - Av. Rangel Pestana, 1415
33-1913 - Card. Almeida, 39-51-5667 - Av. Pais de Barros, - 29.9-3374 - Av.
Celso Garcia, 406 - 9-9499 - Rua João Ribeiro, 343 - Rua Carneiro da Cunha,
- 47 - 7-2589

SÃO PAULO

CIA de se SUJEITAR a VIVER A BASE DE UMA RECEITA.

Examinemos, pois, esse tão importante fator: *RECEITA*.

A Cruz Azul de São Paulo, incluindo tôdas as suas fontes de *RECEITA* (Contribuição, Renda do Hospital, Subvenções, Doações, Renda da Farmácia e outros) não arrecadou, durante os 13 meses de nossa administração, senão a importância de Cr\$ 28.769.064,00, consoante elementos fornecidos pela nossa Tesouraria.

Nesse mesmo período, entretanto, a *DESPESA* ascendeu a cifra de Cr\$. 28.948.745,00, conforme registros contábeis daquela mesma origem.

A diferença, para menos, de Cr\$. 179.681,00, que se verifica entre *RECEITA* e a *DESPESA*, acima acusadas, provém do seguinte e explicável fato: enquanto que da *ADMINISTRAÇÃO ANTERIOR* recebemos um saldo, em *MOEDA CORRENTE*, de Cr\$. 525.309,50, sempre é certo, entretanto, que dessa mesma *ADMINISTRAÇÃO*, solvemos compromissos no valor líquido de Cr\$ 936.921,70, donde se *CONCLUI CABALMENTE*, que iniciamos nossa gestão com um "*DEFICIT*" de Cr\$. 411.612,20.

Infere-se, pois, que si não houvesse sido feita aquela *INVERSAO*, poderíamos apresentar uma *AUSPICIOSA* situação de pecúnia, porém não se teria dado sequer *UM PASSO A FRENTE*, quando é notório que a estagnação só propicia *ENFRAQUECIMENTO* total de um organismo, seja êle qual fôr.

CRIAÇÃO DE NOVAS TAXAS

Não ignorávamos, é bem de ver, o clima pouco favorável que iria acarretar a nossa proposição sobre *TAXAS* até então inexistentes.

A inflação que assola todo o País, foi a única inspiradora de tal medida.

Senão vejamos:

O atual "*TRUST*" das drogas, medicamentos e utensílios farmacêuticos (perdoem-me o áspero qualificativo empregado), vem de maneira tão ostensiva e extorsiva *MAJORANDO, DE DIA PARA DIA*, o preço dessas utilidades, a ponto tal, que não exageramos em afirmar ser superior a 100% os acréscimos verificados em mais de 70% das drogas postas à venda, e isso, *SENHORES*, só no último *TRIMESTRE*.

Pergunta-se: *DE ONDE VIRÃO OS MEIOS* para cobrir tão grande diferença de preço nos medicamentos fornecidos *GRATUITAMENTE* aos enfermos baixados ao Hospital, mediante *RECEITA MÉDICA*, quando a *ÚNICA FONTE DE COMPENSAÇÃO — CONTRIBUIÇÃO —*, por força regulamentar, não pode ser *MAJORADA*?

Como enfrentar e resolver o problema?

Foi por isso, pois, que deliberamos submeter ao Egrégio Conselho Deliberativo a *CRIAÇÃO DE UMA TAXA MÓDICA*.

Com esse fundamento, pelo ofício n.º 1416, de 9-VII-1955, solicitamos a esse Superior Órgão Deliberativo, a *TAXA DE 20%* sobre os preços dos medicamentos fornecidos gratuitamente.

VISAMOS com tal medida, alcançar dois objetivos, a saber: *COIBIR O ABUSO* que se vinha notando por parte dos Associados que, quando hospitalizados, não vacilavam em fazer-se beneficiar com essa facilidade o que se processava por meio de *RECEITUÁRIO MÉDICO*, obtido sem maiores dificuldades —, ao mesmo tempo que *PROPICIAR* uma pequena *RECEITA*, que

longe estava de compensar a sangria sofrida pela Cruz Azul, com esses fornecimentos.

Como se vê, sugerimos a base *ÚNICA DE 20%*, porém só para produtos farmacêuticos.

Bem compreendendo o honesto alcance dessa propositura, os Srns. Membros do Conselho Deliberativo foram além do nosso "desideratum", estendendo, com escalonamento por classe, nas bases de 20%, 12%, e 8%, respectivamente, essas taxas aos demais *EXAMES SUBSIDIARIOS*, tais como de laboratórios e outros, segundo se lê do item a) do respeitável conceito emitido pelo já referido Conselho e exarado naquele documento.

Não demorou em aparecer o efeito da iniciativa, pois não só diminuiu consideravelmente o volume desses fornecimentos, que é justamente onde está o nosso maior interesse, como ainda careou para os cofres da Instituição uma *RECEITA GLOBAL* de, aproximadamente, Cr\$ 50.00,00, durante os 8 meses de sua vigência (de setembro de 1955 a abril de 1956), o que perfaz a média mensal de 6 mil e poucos cruzeiros.

Tal procedimento de nossa parte, longe de ser *ARBITRÁRIO* ou *ABUSIVO*, está perfeitamente consubstanciado em disposições *ESTATUTARIAS* e *REGULAMENTARES*, segundo preceituam os dizeres do artigo 119 do *Diploma Oficial* que rege a Instituição (*REGULAMENTO*).

Passemos, agora, *SENHORES*, a outro interessantíssimo *SETOR*, qual seja o

DA SITUAÇÃO DOS ASSOCIADOS NO INTERIOR

Apesar de pouco, ou mesmo quase nunca ter militado pelo Interior do



DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira

A marca de confiança



Estado, de onde pudéssemos vir a ter necessidade do amparo da Cruz Azul, para nossos dependentes, inscritos como *BENEFICIARIOS*, sempre e certo, entretanto já não nos conformávamos com o que aqui se dispunha em favor do *ASSOCIADO*, em *CONFRONTO* com o que era *DISPENSADO* ao elemento destacado no Interior, onde, o *MAIS DAS VEZES*, e isso por absoluta falta de recursos locais, as parturientes são assistidas por humanas, mas simples "curiosas", sem o mínimo preceito de higiene ou maior conhecimento da causa.

Onde, pelas mesmas razões, os nasciturnos ficam ao sabor das contingências, quando não nas mãos de curandeiros ou charlatães.

Onde, enfim, quer o praça como sua família não pode contar nem ao menos com um *HOSPITAL DE CARIDADE PÚBLICA* (as chamadas Santa Casa), ainda mesmo que a pagamento, e isso simplesmente porque não é em todo o Interior do Estado que se pode contar com esse amparo.

Enquanto isso, tudo tem sido feito para ampliar as possibilidades da Instituição na Capital, já criando-se novas clínicas, fazendo-se convênios com laboratórios especializados para tôdas as espécies de exames e análises, facilitando-se o fornecimento de drogas e medicamentos de alto custo, com faculdade de descontos parciais, de modo a cercar-se o *ASSOCIADO* com o *MAXIMO DE ASSISTENCIA*, dentro do que estabelece o Regulamento e do que manda a finalidade precípua da *CRUZ AZUL*, que é *ESPARGIR* e *NAO AUZERIR BENEFICIOS* de seus contribuintes.

Porque tal distinção, quando as *CONTRIBUIÇÕES* são *IDENTICAS* tanto para *UNS* como para *OUTROS*?

Fora de dúvida que o problema, embora exista, é de difícil solução *EQUITATIVA*.

Si já assim analisávamos essa situação, ao assumirmos o pôsto que ora ocupamos *MAIS A DESCÓBERTO* e *MAIS SOMBRIA* se nos demonstrou a *REALIDADE*.

Esse *QUADRO* desperta tanta atenção pela sua flagrante *DISPARIDADE DE TRATAMENTO*, que até a Assembléa Legislativa do Estado se dignou debater a matéria, frente, possivelmente, à manifesta *INCONFORMAÇÃO DO ASSOCIADO*, cujos direitos são, em confronto com os dos seus colegas da Capital, *POSTERGADOS*, simplesmente por falta de um exame mais *ACURADO* pelos responsáveis por esse estado de coisas, uma vez que a questão se acha *ENQUADRADA* e virtualmente *TRANCADA* por um Regulamento absolutamente fora de época.

URGIA, pois, que se fizesse algo para minorar tais agruras a que se condena oficialmente o *ASSOCIADO* residente no *INTERIOR*.

Não temos dúvida que, além da rigorosa e estrita observância dos dispositivos regulamentares que *LIMITAM OS BENEFICIOS DÊSSES ASSOCIADOS* a uma *PARCA E IRRISÓRIA AJUDA MONETARIA*, outros e mais sérios fatores contribuíram para *DESAFIAR TODA A ARGÚCIA E BOA VONTADE* dos meus nobres e distintos antecessores, na solução desse tão angustiante quão insolúvel problema, a saber:

1.o) — O grande fator: *MEIOS — RECURSOS FINANCEIROS*, do que, aliás, até hoje a Cruz Azul se ressentia notadamente quando para o Interior;

2.o) — Deficiências "naturais" do nosso "hinterland", salvo as exceções

das grandes cidades, onde os progressos médicos e hospitalares já oferecem algo que se pode considerar BOM E TRANQUILIZADOR.

Esses dois grandes óbices a um tratamento mais justo para o ASSOCIADO destacado no Interior, estamos certos, um dia serão afastados.

Não temos, todavia, a pretensão de ter decifrado o enigma dessa Esfinge.

Sabemos que para nivelar esses benefícios, precisaríamos firmar convênios com os nosocômios das nossas principais cidades, além de outros contratos com médicos e laboratórios das diferentes e inúmeras especializações existentes no campo da medicina.

Para tanto, porém, se ANTEPÔE o 1.º e grande fator:

RECURSOS, RECURSOS E MAIS RECURSOS

Sendo fora de dúvida que a singela e mera ENUNCIÇÃO dessas RA-

ZÕES não resolve, em absoluto, a questão em tela, procuramos com um interesse todo PESSOAL e IMPARCIAL, dar início a certas e pequenas providências, as quais, possivelmente, abrirão, em futuro não longínquo, senda para estudos mais acurados no sentido de levar de vencida essa momentosa tese que é o título deste Capítulo de nossa despretensiosa exposição.

Foi com o pensamento voltado para esse estado de cousas, que nos animamos a, dentro do estatuido pelo já citado artigo n.º 119, do Regulamento em vigor, sugerir ao Superior Conselho Deliberativo, as medidas preliminares, que, de certa forma, sôbre abrir caminho para outros e mais amplos ângulos da questão, viria minorar a situação, ampliando os benefícios para tais ASSOCIADOS.

Com inteno júbilo verificamos que aquêles Egrêgios Conselheiros, plena e harmoniosamente irmanados sob o mesmo ponto de vista, aprovaram, por unanimidade de votos, em sessão ordinária

Vista parcial da Farmácia, instalada no Ambulatório, cuja direção está a cargo do farmacêutico Euclides Fischer:



realizada a 22 de dezembro de 1955, a tabela para a nova distribuição de benefícios ao pessoal do Interior.

A) — CONSULTAS MÉDICAS	<i>Aumento Porcentual</i>	
No Consultório de Cr\$ 20,00 para Cr\$ 50,00	150%	
A domicílio de Cr\$ 30,00 para Cr\$ 100,00	233,33%	
 B) — PARA INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS		
Pequenas intervenções .. de até Cr\$ 200,00 para até Cr\$ 500,00	150%	
Pequenas intervenções seguidas de curativos .. de até Cr\$ 300,00 para até Cr\$ 600,00	100%	
 C) — PARA OPERAÇÕES DE ALTA CIRURGIA — De até Cr\$. 1.000,00 para até Cr\$ 2.000,00		100%
D) — PARA PARTOS NORMAIS — De Cr\$ 150,00 para Cr\$ 300,00	100%	
 E) — PARA DIÁRIAS DE INTERNAÇÃO. — EM CASO DE OPERAÇÕES		
1.o) — Para os sócios de categoria "A", "E", remidos, beneméritos e os de mensalidades equivalentes De Cr\$ 50,00 para Cr\$ 150,00	200%	
2.o) — Para os sócios de categoria "B", "F" e os de mensalidades equivalentes De Cr\$ 30,00 para Cr\$ 80,00	166,66%	
3.o) — Para os sócios de categoria "C" e os de mensalidades equivalentes De Cr\$ 20,00 para Cr\$ 60,00	200%	

Dita tabela foi amplamente divulgada para conhecimento geral dos componentes do Quadro Social da Cruz Azul de São Paulo (Militares e Civis), conforme poderá ser constatado pelos dizeres do item 20 do Boletim Geral n.º 1, de 2 de janeiro de 1956.

Cumpramos revelar aqui que essas novas disposições não foram, de forma alguma, resultantes de qualquer coação pelos protestos isolados ou coletivos que, com repercussão na Assembléia Legislativa do Estado, teriam determinado a apresentação de um projeto de Lei a esse respeito, de vez que já nos havíamos antecipado nesse sentido,

conseguindo êsse considerável melhoramento antes de os Srs. Deputados debaterem a questão.

Para que se possa aquilatar do alcance de tais providências, basta citar que durante o exercício de 1955, o dispêndio com êsses *AUXÍLIOS AO INTERIOR*, com *BASE* na *TABELA ANTIGA*, não ultrapassou a Cr\$. . . 368.134,80, na média mensal de Cr\$. 30.677,90, enquanto que no 1.º trimestre de 1956 já pagamos a importância de Cr\$ 222.965,70, que acusando a *MÉDIA MENSAL DE* Cr\$. 55.741,40, equivale a mais de 81% de aumento.

REAJUSTAMENTOS SALARIAIS

Vamos agora ao ponto nevrálgico e crucial, que mais assoberba, no momento, não somente a Cruz Azul, mas, sem o mínimo exagêro, a grande maioria das instituições e mesmo dos lares brasileiros.

Como direto reflexo da onda inflacionária que assola tão impiedosamente o País, temos como *PRIMEIRA, IMEDIATA e DIRETA CONSEQUÊNCIA* a queda do *PODER AQUISITIVO DA MOEDA* e, como sua *DETERMINANTE*, o *INEVITAVEL REAJUSTAMENTO SALARIAL*.

Isto pôsto, não há estranhar que tenhamos iniciado, e venhamos a ultimar essa pequena *DEMONSTRAÇÃO* de nossos *ATOS ADMINISTRATIVOS*, com a matéria em epígrafe.

Comentamos os aumentos aos *MÉDICOS, ENFERMEIROS e PRATICOS DE FARMÁCIA*, sem maiores detalhes e apenas como ligeiro esboço do assunto principal desta nossa palestra.

Passemos, pois, a comentar mais objetivamente a questão.

Já vimos que, em consequência do disposto na Lei Federal n.º 2641-55, os Snrs. Médicos passaram a ganhar a partir de 1.º-XI-1955, nada menos de Cr\$ 84,00 por hora, para um máximo de 6 horas diárias, a serem acrescidos de mais 25% pelas horas excedentes — si durante o dia — e com mais um acréscimo para o período noturno.

Sabido é que o profissional melhor aquinhoado no nosso quadro funcional é *DIRETOR CLÍNICO*, que percebe apenas Cr\$ 6.500,00 mensais.

Como manter-se tal base diante daquela disposição legal?

Além disso, frente ao *SALÁRIO MÍNIMO*, a ser promulgado em breve e que, consoante recentes declarações do Snr. Ministro da Fazenda, não será inferior à classe dos Cr\$ 4.000,00 *MENSAIS*, a que base deverão ser elevados os vencimentos dos Snrs. Médicos, que, por não estarem ao abrigo do citado diploma acima referido, estão percebendo em média que vai de Cr\$ 3.500,00 a Cr\$ 4.500,00, quando um simples e modesto faxineiro irá perceber Cr\$. 4.000,00?

HÁ MAIS

Por força de imposição legal, o corpo de enfermagem não poderá ser constituído senão por profissionais portadores de diplomas.

Si hoje, às atuais licenciadas e enfermeiras práticas, vimos pagando o salário máximo de Cr\$ 2.750,00, é fácil supor-se que os portadores de diplomas, os que fizeram todo um intenso e extenso curso, quase que de nível superior, não se submeterão a ganhar menos do que um servente ou uma atendente, mas sim em base mensal nunca inferior a Cr\$ 5.000,00 ou Cr\$ 6.000,00 ao mês, e isso para as horas regulamentares que as Leis Trabalhistas houver por bem fixar.

NESSE CURSO DE IDÉIAS

Na relação da lógica decorrente dessas modificações substanciais já em vigor e a serem baixadas pelos poderes competentes, chega-se à infosismável conclusão que não atenderemos aos nossos compromissos salariais sem um

acrêscimo mensal que orça pela classe de *HUM MILHAO DE CRUZEIROS*.

Assim, pois, a Cruz Azul de São Paulo, que, de uma forma ou outra, vinha mantendo um certo equilíbrio financeiro, se depara com os primórdios do grande obstáculo do momento.

Transponível?

Não o podemos dizer.

Os senhores melhor julgarão oportunamente.

Trata-se do *SALARIO MINIMO*.

Si no início de nossa gestão pudemos satisfazer aos nossos compromissos decorrentes do primeiro aumento salarial, determinado pelo *SINDICATO DOS ENFERMEIROS* e *EMPREGADOS EM HOSPITAIS* e *CASAS DE SAÚDE DE SÃO PAULO*, o que ocasionou idêntico e proporcional acréscimo a todos os demais servidores da Cruz Azul, e isso com retroação a partir de 1.º-I-1955, portanto com três meses de atrasados da administração anterior, *HOJE* já não poderemos *ASSEVERAR* si a crise será superada e como.

Como já deixamos dito, os senhores melhor julgarão oportunamente.

I. D. O. R. T.

Si não nos atemorizam os horizontes sombrios dos quais nos aproximamos a passos largos, por isso que em nada concorremos para o desencadeamento da tempestade que se avizinha, por outro lado não seríamos coerentes com o espírito de luta que nos anima e empolga, e consideramos mesmo primitivismo se nós — *DIRETORIA* e *ASSO-*

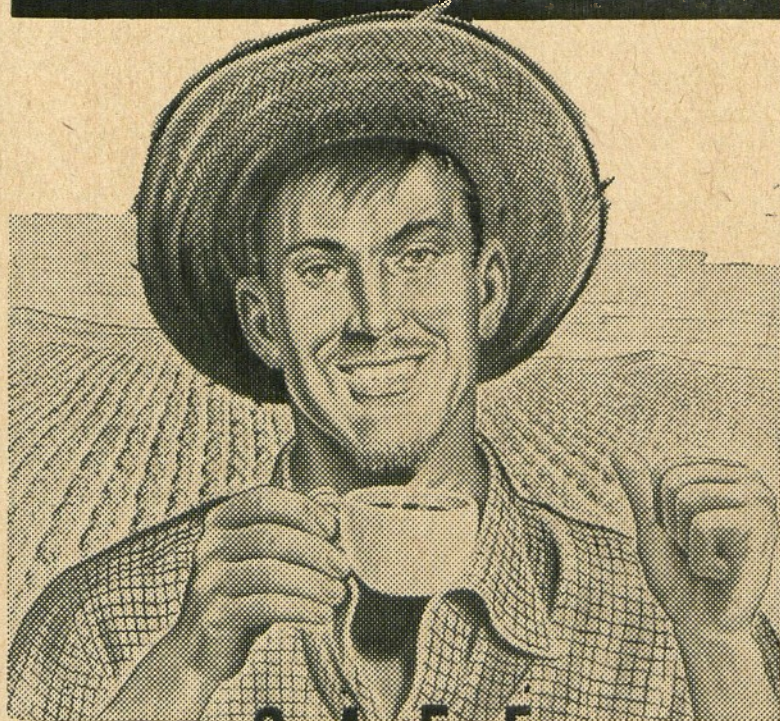
CIADOS —, diante desse quadro geral *SOCIAL* tão movediço e perigoso, não atentássemos sobre uma *FÓRMULA CAPAZ* de pôr a Instituição ao abrigo das mais graves conseqüências, oriundas da atual situação, hoje invadindo setores outros além da *ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DO PAIS*.

TANGIDOS por elementos tão envolventes e asfixiantes, fomos induzidos a *APELAR* para o concurso de reconhecida organização particular, na fagueira esperança de que daí nos *ADVENHA* uma forma viável que possibilite, com a indicação *RACIONAL DOS MEIOS*, a sobrevivência desta *NOBRE INSTITUIÇÃO*, que é a Cruz Azul de São Paulo.

Com êste inabalável propósito recorreremos aos serviços do *I.D.O.R.T.*, que, após acurados e preliminares estudos, nos poderá oferecer em alto relêvo a *FÓRMULA* a ser adotada.

Concomitantemente, o Conselho Deliberativo ultima o novo *REGULAMENTO*, que, escoimado das disposições já obsoletas, frente ao período que atravessamos, e enriquecido por normas mais sadias e eficientes, a serem oferecidas por aquêl Instituto de Organização Racional do Trabalho e que forem julgados aceitáveis ou exequíveis pelo referido Conselho, poderá concorrer, e em muito, para a solução dos atuais e tão intrincados problemas que se antepõem ao verdadeiro "desideratum" de todos os que realmente almejam que a Cruz Azul de São Paulo continue na escalada da árdua e humaníssima tarefa a que se propuzeram seus nobres e dignos fundadores há *UM QUARTO DE SÉCULO ATRAS*.

ÊTA CAFÈZINHO BOM!



CAFÈ
Caboclo

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES

A FÔRÇA PÚBLICA REVERENCIOU
A MEMÓRIA DOS HERÓIS DA

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

Tal como nos anos anteriores, a Fôrça Pública reverenciou a memória dos que tombaram herôicamente, em 1932, pela redemocratização do Brasil.

Assim, e de acôrdo com o programa pré-estabelecido pelo Comando Geral, o ten. cei. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, Capelão Militar, celebrou missa solene, às 10 horas, na Capela do Cemitério São Paulo. A seguir, perante grande assistência, em que se viam o sr. cel. Rubens Teixeira Branco, Comandante Geral da Fôrça Pública; ten. cel. Milton Marques de Oliveira, Chefe do Estado Maior; representantes de associações de ex-combatentes da Revolução Constitucionalista; oficiais superiores, subalternos e praças da Fôrça Pública, proferiu o formoso discurso que a seguir transcrevemos, o capitão José Eduardo Ferreira Pimont.

"Cumprindo honroso mandato, eu vos dirijo a palavra nesta comemoração singela da histórica efeméride de 23 de julho de 32.

Há quase 5 lustros, São Paulo inteiro, como um só homem, erguia-se impávido, em armas e corações, para ganhar novamente, para a Liberdade, êste mesmo imenso Brasil que, outrora, com o bandeirismo, ganhara para a Nacionalidade.

A. Revolução de 30, desfraldando aos ventos da chamada "Questão Social", o estandarte aliciente de uma generosa desigualdade jurídica em prol dos economicamente fracos, triunfara já, quase sem resistências, dêsse cruento conflito universal entre Socialismo e Individualismo, do Século XX contra o Século XIX.

E, de suas cinzas, ainda quentes, esperava-se surgisse, radiosa, como

fôra prometida, uma Liberdade tôda nôva, inspirada nos postulados de uma solidariedade humana mais estreita e ativa, e densa de conteúdo econômico e social.

Mas, porque tardava tanto a legalização da Vitória e o advento da suspirada Liberdade?

Que faltava para que ao Povo soberano se restituísse, como era de direito, o leme dos seus destinos nas novas águas da Social-Democracia, se esta correspondia tão bem aos anseios gerais?

Que princípio superior, moral ou político, explicava o tratamento injusto e desigual infligido a São Paulo pela manutenção de procónsules todo-poderosos ao lado e acima do Governo civil Paulista, se êste Estado, mercê do seu progresso, se achava maduro, como nenhum outro, para a nova ordem social e jurídica?

Torturados por essas questões instantes mas irrespondíveis, ardião em febre os espíritos patriotas e, por fim, o desespero ateou o incêndio da guerra em julho de 32.

Agora, volvidos tantos anos sobre aqueles trevosos dias, eis-nos reunidos em romaria cívica para evocar e reverenciar, na memória de dois dos vultos máximos da Revolução, todos os heróis, grandes e pequenos, com que a Força Pública, nessa época arrancada, pagou o seu tributo à Morte, pela causa da Lei e da Liberdade.

Marcondes Salgado, homem da caserna e do dever, sem ambições políticas, era, pelo seu passado e pelo seu presente, o líder naturalmente vocacionado para figurar com a Milícia Paulista nessa legenda imortal.

Comandando a Força desde a jornada de 23 de maio, preparara-a, o melhor possível, para participar da Grande Insurreição popular inevitável.

Chegada a hora, tudo dispôs convenientemente. Multiplicava-se, para tudo ver, tudo fiscalizar, a todos encher de fé.

E, assim, chegou-se ao final da fase de mobilização e guarnecimento dos diversos "Fronts". Poder-se-ia, pois, passar ao esforço decisivo: a pacífica indústria Paulista, transformada ao toque de rebate, produzia já instrumentos bélicos. Liderava-a o major Marcelino Ramos, tão notável pelo saber científico, quanto pelo entusiasmo e pela proficiência com que, qual moderno Vulcano, forjava as armas da Libertação, aperfeiçoando-as, ou inventando-as, nessa conjugação total de recursos para a luta.

Seu gênio construíra por fim uma bombarda de grande alcance.

Mas, nas provas finais, a 23 de julho, por um trágico insucesso, eis que a Parca inexorável nos arrebatou, de um só golpe, a liderança viril de Salgado, e a inventiva prestante de Marcelino!

O luto cobriu todos os corações e anuviou as perspectivas da guerra com o desvalimento da orfandade e os presentimentos do agouro.

Sua vida nesses tempos fôra só dedicação à Causa Sagrada. Sua só-brevivência seria, talvez, a Vitória Final.

Neste 23 de julho de 56, reverenciemos a sua memória imperecível, nós os beneficiários da sua renúncia extrema!

Derramemos, sim, as lágrimas da saudade e as orações da veneração sobre a sua derradeira morada neste mundo.

Mas, bem consideradas as coisas, indaga-se: Que homenagem poderia ser mais grata a êsses Gigantes lá, no Eliseo, a que se acolheram as suas almas sensíveis, do que ver a tarefa benemérita, a que consagraram a vida e honraram na Morte, continuada e consolidada pelos pósteros?

Diversos extravios e contratempos retardaram-nos o progresso dessa causa, e um longo caminho nos resta percorrer para realizarmos os valores supremos de Liberdade, Legalidade e Justiça, não apenas como belas fórmulas abstratas e convencionais, mas como estados de espírito coletivo consistentes e indivisíveis, e como vivências dinâmicas e cheias de calor humano, em tôda plenitude sonhada por êsses idealistas do sublime.

Por isso, que esta hora mística de evocação dêsses Mortos-vivos seja,

também, para cada qual de nós, uma hora de retrospecção e de reafirmação de propósitos de vida: junto aos seus túmulos sagrados, COMO CIDADÃOS, juremos inspirar-nos sempre no seu exemplo edificante de devotamento ao bem público; aprendermos d'êles, não só a morrer pela Pátria, mas também a viver por ela e para ela!

Juremos tudo fazer para que o sacrifício máximo, a que animosamente se entregaram, não resulte inútil nem perdido!

E a obra ingente, que êles, no seu tempo, só com o sangue de suas próprias veias, puderam alicerçar, juremos concluí-la, usando agora, quanto possível, os recursos da Razão e os poderes da Fraternidade!

E, COMO MILICIANOS, juremos tudo fazer para que a Fôrça Pública de hoje, unida e coesa em tôrno seu Comandante Geral como em todos

os tempos, e com a sua centenária estrutura e a sua missão tradicional adaptadas às exigências do policiamento moderno, possa honrar a êsses seus pró-homens do passado, servindo cada vez mais e melhor à nobre gente de São Paulo!

E assim, ao sol e às brisas do futuro, a Bandeira de listras e de estrelas, que outrora arrastava ao assalto do inimigo os nossos aguerridos Batalhões no delírio das cargas fulminantes, há de ondular serena sôbre uma novel Milícia, ardorosa como a antiga, mas, despido o secular saio marcial e a cota de malhas, devotada inteiramente à proteção direta e imediata dos lares, da vida e dos bens materiais e imateriais dos cidadãos, pacífica e laboriosa como Cincinato no retôrno ao seu arado e à sua gleba, coberto de louros, após cumpridos os duros serviços de guerra pela liberdade e pela grandeza de sua excelsa cidade!



JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

CURSO MILITIA

patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sôbre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tódas as definições e sinônimos dos têrmos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.



*Adquira o seu exemplar, à venda em tódas as Livrarias ou pedindo pelo reembólso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.*



BAHIA

RADIO PATRULHA, ATE' O FIM DO ANO

Assinado o contrato da instalação da rede

Até o fim do ano em curso, terá a Bahia a sua Rádio Patrulha, sistema ideal de policiamento para a sua capital. Foi esta a notícia que colhemos na Secretaria de Segurança Pública, onde foi assinado, no dia 13 de março último, o contrato de instalação da rede necessária para a efetivação dessa medida com a entidade que dispõe de vasta experiência e de material moderno para esse sistema. O contrato assinado tem o valor de dois milhões de cruzeiros, sendo paga, no ato, a importância de 500 mil cruzeiros. O restante do pagamento será efetuado em três prestações de igual valor.

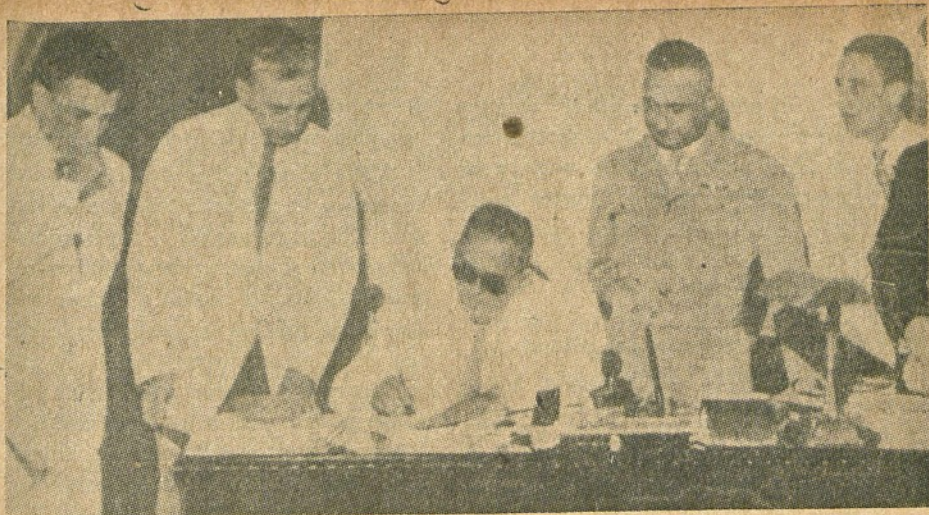
Uma torre central e duas estações repetidoras

O contrato a que nos referimos obriga a INBELSA (Indústria Brasileira de Eletricidade S.A.) a instalar, até o fim do corrente ano, o seguinte equipamento para a Rádio Patrulha: uma torre do transmissor central, localizada na sede da Secretaria de Segurança Pública; e duas estações repetidoras, localizadas no alto do Peru, junto à Caixa D'água, e em Brotas, próximo do Hospital Juliano Moreira. A firma se obriga a dar tudo funcionando até o dia 31 do corrente ano. Não obstante o sr. Lafaiete Coutinho, secretário da Segurança Pública, discursando no ato da assinatura do contrato, fez um apêlo aos técnicos, no sentido de que seja encurtado o prazo acima referido.

Conterá, o serviço de rádio-patrulha em foco, com treze viaturas, inicialmente, o que é julgado mais do que suficiente para fazer a cobertura policial de toda a área do Salvador.

Será entregue à Polícia Militar

Com o contrato firmado no dia 13 de março, tornar-se-á realidade um velho sonho da Polícia baiana, que é a efetivação de um serviço de rádio-patrulha, única solução viável e mais barata, para um eficiente policiamento da sua capital. A decisão do dr. Lafaiete Coutinho, aliada ao dinamismo e à experiência do cel. Graça Lessa, comandante da Polícia Militar, se deverá a instituição do serviço em apreço. E, segun-



do fomos informados, serão ainda os homens do cel. Graça Lessa que guarnecerão as viaturas da rádio-patrolha, atribuindo-se, assim, mais uma missão própria da sua organização, à Polícia Militar.

No clichê, o dr. Lafaiete Coutinho quando assinava o contrato de instalação da rede da Rádio-Patrolha do Salvador. Ao seu lado, o cel. Graça Lessa e altos funcionários da INBELSA.

LEI ESPECIFICA PARA A PM

Atuante o cel. Graça Lessa

O comandante Graça Lessa chegou, viu e quer solucionar o problema que, há anos, vem prejudicando os interesses da Polícia Militar: a falta da Lei Especial que a Constituição Estadual considera indispensável, porque normatiza dos direitos e deveres dos policiais-militares baianos. Desde o governo Mangabeira que há, na Assembléia Legislativa, um projeto daquela lei complementar à Constituição, porém, certo é que o trabalho do Poder Executivo, feito por uma Comissão de Oficiais

da Polícia Militar, não mereceu o cuidado devido por parte dos Licurgos e, até hoje, o projeto cria bolor em uma das gavetas daquela Casa!

Enquanto isso, os direitos e deveres da Polícia Militar continuam regidos por uma legislação antiquada e esparsa, senão pelo arbítrio dos governantes ou juizes, que de quando em vez estão disciplinando êste ou aquêlê dever ou direito de policiais-militares, ao sabor das contingências temporais, menos pelo que há escrito em lei. E' a legislação policial-militar da Bahia, como se diz, uma verdadeira «colcha de retalhos»: leis e regulamentos, sentenças e decisões judiciárias e administrativas, de tôdas as idades, poucas resistindo a uma prova mais rigorosa em face do que há de novo no sistema constitucional e jurídico do país, em relação aos militares.

A nossa consciência jurídica ainda está muito distante do que preside aqueles povos cujas leis mais importantes não precisam tomar letra de fôrma. No Brasil tudo ainda

deve ser, como diz o vulgo, com «o prêto no branco!» E' uma temeridade para as instituições e para os indivíduos o deixar os direitos e deveres, dêstes e daquelas, apenas ao arbitrio do coração e da consciência dos homens.

Uma Comissão de Oficiais Elabora novo Projeto

Desejoso de resolver a questão focalizada, — e contando com o apoio do governador Antônio Balbino e do secretário Lafaiete Coutinho, e, certamente, com a alta compreensão e simpatia dos deputados de todas as correntes partidárias, — vem o cel. Comandante da Polícia Militar de designar uma Comissão constituída pelos tenente coronel Medeiros de Azevedo, majores Manoel Cerqueira Cabral, Edson Franklin de Queiroz, Tescon Nogueira, capitão Florisvaldo Neves da Silva e tenentes Mansur de Carvalho e Sebastião Abreu, para elaborar um novo anteprojeto da Lei Especial, atualizado, conforme as perspectivas de maior amplitude das atribuições confiadas à milícia do Estado, e os novos e justos direitos e prerrogativas já hoje conferidas a tôdas as outras Polícias Militares do Brasil, muitas delas já dispondo de legislação própria.

Pelo que fomos informados, a Comissão dentro de poucos dias entregará o seu trabalho ao Comandante Graça Lessa.

E' corrente na Polícia Militar a confiança que seus componentes depositam tanto nas altas autoridades do Poder Executivo, como nos parlamentares da nossa terra, que não

de estudar e discutir o trabalho feito pelos oficiais daquela corporação.

Em verdade, a Polícia Militar merece especial interesse e boa vontade dos governantes e representantes do Povo baiano, considerando-a sobretudo isenta, como é e deve ser, das lutas partidárias, e colocada como deve estar no seu lugar de garantidora da ordem pública, da segurança das instituições democráticas da Bahia e do Brasil, e, sobretudo, dos direitos de todos os cidadãos brasileiros.

(Transcrito, data venia, do «Diário da Bahia», 27-4-56).

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

CRIADO O SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

O comandante do Corpo de Bombeiros, coronel Rafael de Sousa Aguiar, criou junto ao seu gabinete o Serviço de Relações Públicas, pondo assim, em prática, uma medida que, em vários serviços públicos, inclusive na Polícia Militar, tem propiciado os melhores resultados. O novo órgão de divulgação dos Bombeiros tornará evidente, dentro em breve, a sua utilidade sobretudo naquela corporação, onde existe setor amplo para se orientar teticamente, a população nos seus contatos, em casos de emergência, com os soldados do fogo.

Para dirigir o Serviço foi designado o capitão José Mariano Fonseca, que vinha exercendo suas atividades como Instrutor na Diretoria de Ensino. Terá dessarte, o primeiro orientador das Relações Públicas dos Bombeiros, uma tarefa importante a cumprir, agora que o "metier" exige aperfeiçoamento téc-

nico porque técnica é finalidade das "public relations" nas instituições que por sua natureza devem ser compreendidas pelo grande público.

MATO GROSSO

OFICIAIS A DISPOSIÇÃO

Pelo snr. Ministro da Guerra, foram postos à disposição do governo do Estado, a fim de servirem como instrutores da Polícia Militar, os 1.ºs. tens. do Exército João Franchi e Sebastião Nunes da Cunha, comissionados no posto de major.

O major João Franchi foi distinguido pelo governo para exercer as funções de seu Assistente Militar, e o major Sebastião Nunes da Cunha para servir no 2.º B.C., ambos sem prejuízo de suas funções como instrutores.

NOMEAÇÕES

O snr. Governador do Estado, por Ato de 9 de junho do corrente ano, nomeou, de acôrdo com o Art. 1.º da Lei n.º 474, de 12 de agosto de 1.952, o capitão Orivaldo Cardoso da nossa Polícia Militar para exercer o cargo de Delegado de Polícia, padrão M, do Município de Dourados; por Ato de 21 de junho do corrente ano, nomeou o dr. Artaxerxes Nunes da Cunha para exercer, em comissão, o cargo de diretor, padrão U, do Sanatório Colônia «São Julião», da cidade de Campo Grande. O jovem médico recém-nomeado é filho do nosso distinto camarada major João Nunes da Cunha.

EXONERAÇÕES

Por Ato do snr. Governador, de 23 de junho do corrente ano, foi exonerado o capitão Vicente Vitorino de Souza, da nossa Polícia Militar, do cargo de Delegado de Polícia do Município de Torixoreu; por Ato de 6 de junho do corrente ano, foi exonerado o 3.º sargento João Epitácio da Silva, das funções de subdelegado de Polícia do distrito de «Pedro Gomes», Município de Coxim.

PELA ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS DA POLÍCIA MILITAR.

Realizou-se, a 1.º do corrente, na sede provisória dessa entidade de classe, uma significativa solenidade, que teve por fim a entrega da bandeira social por ela adotada.

Falaram na ocasião: a menina Airtes do Espírito Santo, que fez entrega da bandeira à Associação, com palavras encantadoras; o menino Valdomiro Rodrigues Lopes, descrevendo o desenho da bandeira social; capitão Cid Teodoro do Espírito Santo, tesoureiro; e o sr. Manoel Ramos Lino, alto funcionário Estadual e nosso digno consócio, que expressou uma bela e entusiástica oração alusiva às Bandeiras Nacional e Social, todos bem aplaudidos.

Eis um trecho da saudação do capitão CID:

"Diante desta expressiva e consagrada solenidade, tenho o grato prazer de saudar a nossa Bandeira Social, que hoje é tomada nesta Casa, como lábaro de trabalho ao amparo dos reformados e suas famílias.

Esta agremiação, cuja maioria integra uma plêiade (com exceção dêste que vos dirige a palavra) que, depois de prestar ao Estado e ao País, os seus serviços em horas de paz e de guerra, deseja prestar agora, aos seus camaradas e às suas famílias, uma co-operação mútua, própria mesma do soldado que passou pelas maiores vicissitudes da vida. Assim como a bandeira de um país é o símbolo da nacionalidade, tu, Bandeira da Associação, representas a camaradagem, o amor, a união entre os companheiros da gloriosa e mais que centenária Polícia Militar Matogrossense.

Tu, Bandeira da Associação, nos abrigarás nos dias de glórias e infortúnios. — Bandeira da Associação dos Reformados, eu te saúdo em nome de tôda a família dos Reformados e Rejubilemo-nos com a tua posse”.

A A.R.P.M.Mt. recebeu, pelo grande evento, expressivas mensagens de congratulações dos consócios coronel José Marques Pereira, residente na Capital paulista; e do major Leopoldo Corrêa Lima, residente no Rio de Janeiro.

“MILITIA” EM MÃOS DO GOVERNADOR

O coronel José Marques Pereira, em carta dirigida ao governador Ponce de Arruda, entre outros assuntos, referiu-se a esta revista e remeteu àquele governador um exemplar desta publicação.

Em resposta, o governador matogrossense enviou ao cêl. Marques Pereira, a carta que transcrevemos:

“Agradeço-lhe a gentileza de presentear-me com um exemplar da es-

plêndida revista “Militia”, da corporação militar do Estado de São Paulo.

Muito ápreciei os assuntos tratados, como veiculo de esclarecimento das atividades da corporação e de ilustração da tropa.

Formulo votos para que o destino da briosa Força Policial do grande Estado de São Paulo atinja o seu desiderato.

Grato, sirvo-me do ensejo para expressar-lhe o meu aprêço”.

J. Ponce de Arruda
Governador.

PARÁ

PROPOSTO O AUMENTO DO EFETIVO DA PM

O governador Catete Pinheiro encaminhou à Assembléia Legislativa, no expediente de 11 de maio último, mensagem relativa à fixação do efetivo da PM para o ano em curso.

No texto do projeto do Executivo, particularidade, aliás, assinalada na própria exposição de motivos, são feitas modificações aumentando os vencimentos dos elementos da corporação e o efetivo da mesma, medidas que se impõem para melhorar a eficiência do policiamento do Estado.

O efetivo da Polícia Militar, para o ano de 1956 é, naquela mensagem, fixado em 756 homens, assim distribuídos: Comando Geral, 118; Batalhão de Polícia (com duas companhias de policiamento), 383; Companhia de Guardas Policiais, 213; Pelotão de Polícia Montada, 42.

PERNAMBUCO

131 ANOS, COMEMOROU A PM

Várias solenidades assinalaram, no dia 11 de junho, a passagem do 131.º aniversário da Polícia Militar de Pernambuco. O acontecimento foi comemorado no quartel do Derby, com o seguinte programa:

Às 5 horas, alvorada pelas bandas de música e de corneteiros; às 8 horas, hasteamento do Pavilhão Nacional ao som do Hino brasilei-

lha do Riachuelo; às 10 horas, teve lugar a inauguração do Departamento de Assistência à Infância, a instalação da Secção de Vendas de tecidos, dependência que atenderá, exclusivamente, ao pessoal da corporação. Houve, ainda, distribuição, no Auditório do quartel, de enxovais para recém-nascidos filhos de praças.

Estiveram presentes o governador do Estado e senhora, os generais comandantes da Zona Norte e



A tropa em continência à Bandeira. Ao fundo, o quartel do Batalhão de Infantaria.

ro, com formatura da tropa e leitura do boletim alusivo à data, seguindo-se um desfile pela cidade, do 1.º B.C., da Rádio Patrulha e do Corpo de Bombeiros, demonstração que foi, inclusive, uma homenagem à Marinha, por coincidir a passagem, ontem, do 91.º aniversário da Bata-

da 7.ª Região, o almirante comandante do 3.º Distrito Naval e o brigadeiro comandante da 2.ª Zona Aérea, secretários de Estado, parlamentares, jornalistas, comandantes de corpos e chefes de Serviços, oficiais das três armas e várias senhoras.

As 11 horas, nos salões do Clube dos Officiais, foi oferecido aos presentes um «cock-tail». À tarde, no estádio do quartel, realizou-se uma competição desportiva entre as equipas da Marinha e da Polícia Militar. À noite, no Teatro do Derby, foi representada a peça «Um Herói Nacional», do teatrólogo Hermógenes Viana.

A senhora Avani Cordeiro de Farias foi escolhida para madrinha das crianças amparadas pelo Departamento de Assistência à Infância, ocasião em que lhe foi oferecida uma linda «corbeille» de flores naturais.

Durante as solenidades fêz-se ouvir a banda de música da corporação.

Durante a noite, os quartéis conservaram as suas fachadas iluminadas, sendo o dia feriado para a Polícia Militar.

SANTA CATARINA

FESTEJOU SEU
121.º ANIVERSARIO A PM

Retrospecto histórico

Há 121 anos, o Comendador Feliciano Nunes Pires, então Presidente da Província, sancionava a lei n.º 12, de 5 de maio de 1835, criando a Fôrça Policial, que tinha por fim a manutenção da ordem e tranqüillidade pública com um efetivo inicial de um primeiro e um segundo Comandante, um cabo e oito soldados de cavalaria, montados à sua custa, e quatro cabos, trinta e seis soldados e um corneteiro de infantaria.

Com apenas um ano de existência, viu seu efetivo reduzido de dois cabos

e dez soldados de infantaria, por lei n.º 37, de 20 de maio de 1836, sendo nessa ocasião Presidente da Província o dr. José de Albuquerque Mariano, que muito embora fôsse bom administrador, não via como seu antecessor, a grande utilidade de um órgão mantenedor da ordem, razão que o levou a reduzir o efetivo da Fôrça Pública.

Em 1839, porém, já era assunto de cogitação o envio de destacamento para o interior, pois para êsse fim era acrescido ao efetivo da Fôrça 1 sargento e 14 soldados. Começava assim a evidenciar sua utilidade embora não bem compreendida por todos os presidentes da Província.

Em 1867, encontrando-se o Brasil em guerra com o Paraguai, não deixou a Fôrça de fornecer elementos para a organização dos "Voluntários da Pátria", enviando para isso 12 homens, que, comparando com o efetivo da época, vemos não ser muito pouco. Estes 12 homens, bravos milicianos incorporados ao Exército, colheram os primeiros louros, que se multiplicariam pelos anos em fora.

Durante o periodo da monarquia sofreu a Fôrça fases de prosperidade umas, sedentárias, ou mesmo de retrocesso outras.

Com o advento da primeira república, em 1889, tiveram inicio melhores dias para a Polícia Militar, tendo seu efetivo para o ano de 1890 sido fixado em 160 homens, sendo 5 oficiais e 155 praças de pré. A officialidade era composta de um Capitão Comandante, um tenente e três alfêres.

Já em 1892 era fixado seu efetivo em 258 homens, inclusive 12 oficiais e o Comando exercido por um Major.

Em 1894 teve sua denominação modificada para Corpo de Segurança, possuindo então um efetivo previsto em 350 homens, sendo 11 oficiais.

Neste mesmo ano, juntamente com Forças Federais da guarnição aqui sediadas, marchou para a fronteira da vizinho Estado do Rio Grande do Sul, onde enfrentou herôicamente as tropas rebeldes que tentavam penetrar em nosso território, perseguidas pelos legalistas.

Em 1913 ficou mais uma vez evidenciada a eficiência, presteza e disciplina do, agora denominado Regimento de Segurança, na célebre campanha do Contestado, onde deu combate aos fanáticos do Monge José Maria, campanha esta que se prolongou até o ano seguinte.

Em 1924 tomou parte também em defesa do Governo, tendo enviado nosso Regimento um Batalhão, o segundo, sob o Comando do então Capitão Pedro Lopes Vieira, que haveria de ser incorporado à coluna de Operações do Sul.

Em 1930, como em tôdas as ocasiões, manteve-se a Força Pública fiel ao poder legalmente constituído, capitulando a 25 de outubro do mesmo ano, somente após ter conhecimento de que na Capital Federal havia sido deposto o Governo do dr. Washington Pereira de Souza.

Durante a última guerra mundial, cooperou nossa Polícia Militar com o serviço de patrulhamento do litoral, entre muitos outros que exerceu.

Vimos em rápidas pinceladas a história da gloriosa Polícia Militar, pontilhadas de feitos épicos. Sua organização atual de um efetivo previsto em 1627 homens, com quatro Companhias

Isoladas com sedes em Herval D'Oeste, Curitiba, Canoinhas e Chapecó, sendo desse total 76 oficiais, é a garantia da ordem e tranqüilidade públicas, em cujo holocausto tomaram bravamente dezenas e dezenas, muitas de policial-militares.

E' com justo orgulho que se comemora hoje seu 121 aniversário, pois seus integrantes, admirando e cultuando seus antepassados, adquirem ânimo para a árdua e espinhosa missão que lhes é festa. Enquanto descança a população, dos afazeres diários, alta madrugada, lá está o policial rondando seu posto para garantir o sossêgo daqueles que também qualquer sinal de sublevação da ordem, trabalham pelo progresso da Pátria. A todos os olhos se voltam para a Polícia Militar, porque sabem que de lá partem homens ciosos de suas responsabilidades, homens que não fogem do cumprimento do dever, prontos a darem até a sua vida em favor da lei que deve ser respeitada e cumprida. Firmou raízes, estendeu seus ramos e frutificou a árvore cuja semente foi plantada naquele longínquo 5 de maio de 1835.

Programa das comemorações

Em comemoração à data, será obedecido o seguinte programa:

1) 8 horas — I Hasteamento da Bandeira;

II — Leitura do boletim especial alusivo à data;

III — Desfile de um grupamento desta Corporação sob o Comando do Capitão Theseu Domingos Muniz, pelas principais ruas da cidade;

2) 9,30 horas — Reabertura do C.A.O.;

3) 10,30 horas — Partida de futebol de salão entre as equipes desta Fôrça e da firma "A Eletrotécnica";

4) 12 horas — Churrascada de confraternização;

5) As 14 horas — Sessão cinematográfica às Praças no cine "Ritz";

6) As 19,30 horas — Concerto pelas bandas da PM e 14.º BC no Jardim Oliveira Belo.

LEI DA PRAIA

Assinado, pelo governador, o decreto que concede os benefícios

Entre as brilhantes comemorações programadas ao ensêjo da passagem do 121.º aniversário da criação, por Feliciano Nunes Pires, da Fôrça Pública do Estado, hoje Polícia Militar, destaca-se a churrascada que o Comando daquela tradicional Corporação ofereceu ao Governador Jorge Lacerda.

Além do Chefe do Executivo, que se fez acompanhar de todos os membros do seu Secretariado, participaram ainda dessa churrascada, o Almirante Alberto Jorge Carvalhal, Comandante do 5.º Distrito Naval, Mons. Frederico Hobbold, representante de S. Excia. Revma. Arcebispo Metropolitano, Cel. Virginio de Melo, Comandante do 14 BC, Major Aviador Asdrubal Vieira Carpes, Comandante da Base Aérea, desembargadores Ferreira Bastos e Osmundo Wanderley da Nobrega, respectivamente, Presidentes dos Tribunais de Justiça e Regional Eleitoral, membros do Tribunal de Contas, oficiais das Fôrças Armadas, oficiais da reserva remunerada daquela Corporação, chefes de repartições públicas, Prefeito da Capital, Presidente da Câmara e Vereadores, Presidente e

membros do Poder Legislativo, famílias de oficiais, convidados e jornalistas.

Usou da palavra, numa saudação ao Governador, o Comandante da Polícia Militar, Cel. Mário Fernandes Guedes, que fez reviver fatos da tradicional Corporação, que sintetizam glórias para o Estado e para o Brasil, agradecendo, ao finalizar, o comparecimento das autoridades àquele ágape, ao mesmo tempo que declarou que a Polícia Militar serve, com lealdade, o Govêrno do Estado.

A palavra do governador

Agradecendo a homenagem e se congratulando com a briosa Corporação pelo transcurso do 121.º aniversário o Governador Jorge Lacerda proferiu palavras aos milicianos, evocando, nessa oportunidade, as glórias daquela Corporação, e, em meio à expectativa geral, anúncio, alto e bom som, que em breves momentos, no Gabinete do Comando Geral, assinaria o Decreto que concedeu benefícios da chamada Lei da Praia, declaração essa que foi recebida com caloroso saplausos por todos os oficiais e praças da Polícia Militar. Disse mais o Chefe do Executivo, é com agrado que afirmo que não poderia deixar de prestigiar a digna Corporação, que tanto serviços tem prestado ao Govêrno do Estado e à Nação e creio que não poderia o Governador deixar de atender à justa reivindicação dos soldados quanto da sua etapa, pois, já na Assemblêia, a Lei que a concede. O ato, que é de tanta justiça e reclamado pelos oficiais e soldados da Corporação, relativamente à etapa melhor, já está transitando na Assemblêia. E' justo — concluiu o Chefe do Executivo — que o Governador



Ao alto, o cel. Mário Fernandes Guedes, comandante da PM, saúda as autoridades civis e militares e aos oficiais da ativa e da reserva, por ocasião da churrascada que lhes foi oferecida. Em baixo, o governador Jorge Lacerda discursando, na mesma ocasião, tendo à sua esquerda, o almirante Alberto Jorge Carvalhal, cmt. do 5.º D.N., o dr. Pelagio Parigt, secretário da Segurança Pública e o dr. Osmar Cunha, prefeito da Capital; à sua direita, o dep. Paulo Borlnhausen., presidente da Assembléa Estadual.

reclame aquêlo espírito de disciplina, de ordem e de acatamento à autoridade, da tradicional Polícia Militar e que não seja ela uma Corporação política.

No gabinete do Comando

Logo após, o Governador e demais autoridades se dirigiram ao Gabinete do

Comando Geral onde, sob palmas calorosos, o Chefe do Executivo após sua assinatura no Decreto que concede os benefícios da chamada Lei da Praia, encerrando-se, assim, com chave de ouro, o programa oficial das comemorações na passagem da magna data de 5 de maio de 1956.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — Capitán Franklin Troncoso Baclet.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

AMAPA (Guarda Territorial)

— Sêde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIÁS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Força Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º BC (Cuiabá) — Cap. Domingos Santana de Miranda

— 2.º B.C. (Campo Grande) — Ten. Cont. André Bastos Jorge

— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — Cap. Luiz Zaramela.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARA (Polícia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAIBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luís Ferreira Barros

PARANÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Cel. Washington Moura Brasil

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Morais Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Edgar Campos Pereira

SÃO PAULO (Força Pública)

— Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio

— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Cap. Samuel Rubens Armond

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — Ten. Wagner Paulo Menezello

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova

— 7.º B.C. (Sorocaba) — Ten. José Ferreira Guimarães

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci

— S.E. (Capital) José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva

— S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva

— S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — Ten. Walter Dias

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — sr Epaminondas Caldas Camargo.

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGEIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Ten. Teófilo Correia Dantas

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



REGULAMENTO

O primeiro torneio de 1956 abrange-
rá o primeiro semestre do ano e cons-
tará de, aproximadamente, 75 pontos,
correspondentes aos trabalhos publicados.

Os trabalhos deverão ser organiza-
dos rigorosamente de acôrdo com as de-
finições encontradas nos seguintes dicio-
nários: PEQUENO DICCIONARIO BRA-
SILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA,
de H. Lima e G. Barroso e INDICE
MONOSSILABICO ENCICLOPÉDICO, de
Ed. Lirial Jr.. São, também, adotados,
os livros de provérbios de Lamenza e dr.

Lavrud e o Dicionário Antroponímico de
Lidaci.

Aceitamos as seguintes espécies cha-
radísticas: Charadas sintéticas, hapló-
gicas, encadeadas, intercaladas, sincopa-
das, apocopadas, aferéticas, em quadro,
em termo e metomorfoseadas. Enigmas,
desenhados (figurados e pitorescos) e lo-
gogrifos. Serão também publicadas pala-
vras cruzadas.

O prazo para remessa das soluções
que poderão vir numa lista só, termina-
rá em 30 de dezembro próximo vindouro.

1956 — 2.º TORNEIO

Julho-Dezembro

ENIGMA

Ao inclito confrade Anchieta, agrade-
cendo a sua enorme amabilidade.

- 1 — Lá vai o penitente a caminhar
Tendo o pó das estradas como leito;
É como o condor... eterno insatis-
feito,
Que voa muito... sem ao céu chegar.
(11 L.)

Ruvina (O. L. B.) Pôrto, Portugal

SINTÉTICAS

- 2 — Grande "mulher" era aquela
Maior era o meu amor.
Minha vida, junto a ela,
Era primavera em flor. 2-2

Faco (T. B.) São Paulo

- 3 — Uma constelação austral é o que
o rei da Pérsia pretende ver lá do pla-
nalto. 2-1

Contrinha (São Paulo)

- 4 — Na cidadela, manga o inimigo,
depois de expulsa a defesa. 1-1-1

Con Y Tra. (São Paulo)

- 5 — Gosto de molestar que tem bu-
raco na meia só por pirraça 2-2

Flávio Cleto (São Paulo)

- 6 — Tenha cuidado com o produto de
cerâmica que está na pateleira. 2-2

Serrot (São Paulo)

TERNOS

7 — Bebida forte não provo,
Sou velho "experimentado";
Um pingo sujo ainda sovo
E não me sinto cansado.

Con Y Tra. (São Paulo)

8 — Projeta sem rodeios a ida ao
córrego que além rumoreja.

Braguinha (São Paulo)

SINCOPADAS

9 — Pessoa que faz negócios, é natural
que tenha por assunto aquilo que
negocia. 3 — 2

Pompeu Júnior (Botucatu) S.
Paulo

AFOCOPADA

10 — Para o rebanho é ótima pro-
teção. 3 — 2

Plínio D. Monteiro (São Paulo)

METAMORFOSEADAS

11 — Numa diligência policial foi en-
contrado o corpo do fugitivo. 8 (8)

Proftazinho (São Paulo)

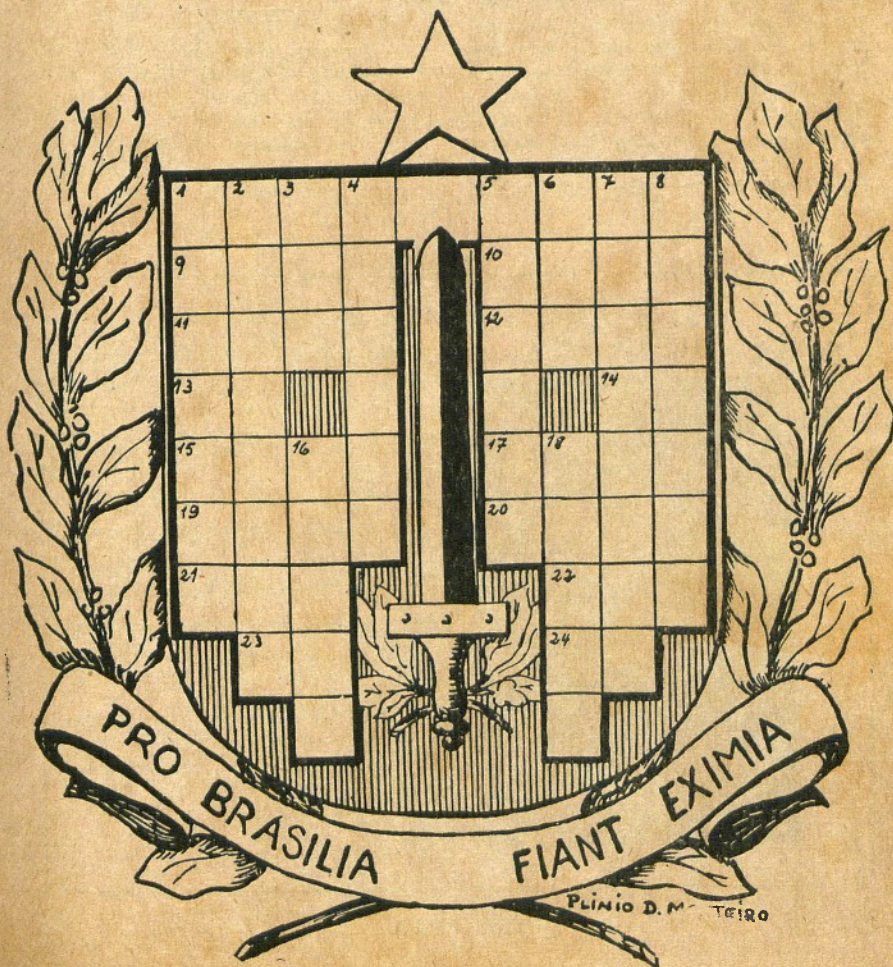
12 — Com a barba de espiga de ce-
reais fiz uma alparcata. 7 (6)

P. Rego (São Paulo)

13 — Separo do engajo os bagos de
uva, com calma, sem confusão. 10 (8)

Paulista Velho (São Paulo)

PALAVRAS CRUZADAS





ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

HORIZONTAIS

1 — Estabeleci; 9 — Gênero de grandes aranhas africanas; 10 — Signa mourisca do crescente (plural); 11 — Abreviatura dos nomes dos quatro primeiros heróis de 1932; 12 — Cálculo; 13 — Sexta letra do alfabeto russo; 14 — Personalidade; 15 — Puerilidade; 17 — Designativa de cólera ou enfado; 19 — Argolas; 20 — Historiador francês (836-907); 21 — Moeda do Peru; 22 — Singular; 23

— Nome de diversas povoações de Portugal; 24 — Símbolo químico do céso.

VERTICAIS

1 — Ameaças com penas; 2 — Ulmo (plural); 3 — Rio da Noruega; 4 — Parceiras; 5 — Contrário à lei; 6 — Negros da raça bântu; 7 — Pequenas flexas de zarabatana; 8 — Linhas que ligam pontos da Terra em que no verão a temperatura média é a mesma.



MILITIA

ANO X - N.º 84 JULHO / AGOSTO - 1936



NOSSA CAPA

Mausoléu erigido no Parque Ibirapuera, dedicado aos mortos da Revolução Constitucionalista de 1932. O projeto do imponente obelisco - 72 metros de altura - deve-se ao renomado escultor GALILEU EMENDABILE.

GIN

DUBAR



**é nosso
e
é bom**